



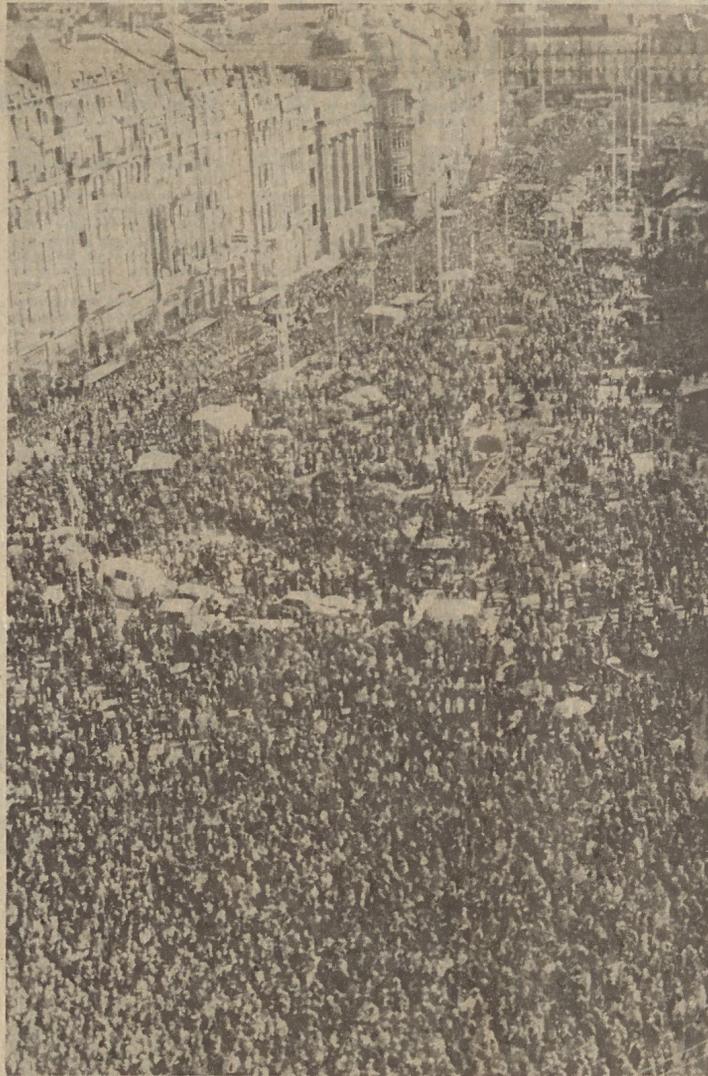
Aspecto parcial do Rossio durante o comício com que culminou a manifestação unitária de sábado

## O povo com o 25 de Abril

- mostrou-o  
sábado  
em todo o País  
aderindo  
em massa  
às centenas  
de iniciativas  
que assinalaram  
a data  
da libertação

- Desfile e comício em Lisboa
- Comemorações no Porto e no resto do País
- Festas da APU no Rossio e no Parque Eduardo VII

Págs. 3/4



A Praça General Humberto Delgado encheu-se mais uma vez para comemorar Abril

## Função Pública Intransigência arrogante do Governo

- *Ministro dá por encerrado o «dossier»*
- *CNS analisa nova fase do conflito*



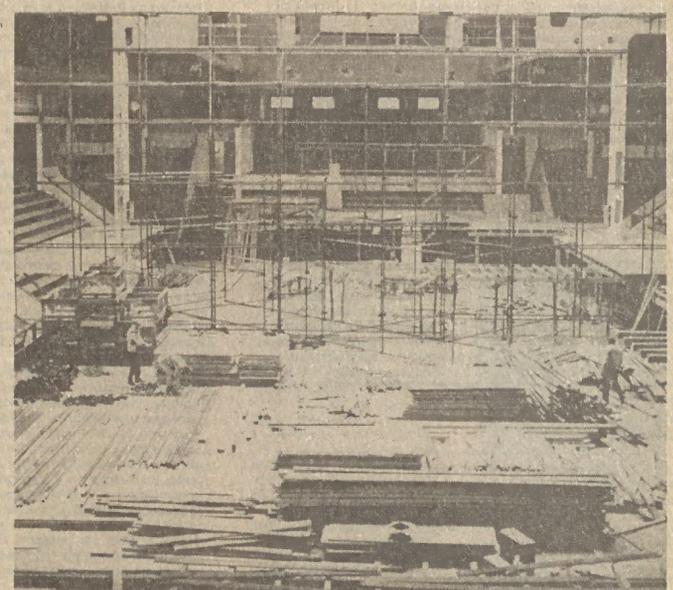
Pág. 9

## Todos ao 1º de Maio!



Programa completo das manifestações promovidas a nível nacional pela CGTP

Pág. 12



A exposição sobre 60 anos de vida e luta do PCP "está" no Pavilhão

Pág. 8

# SEMANA Nacional

## 22 Quarta-feira



Violento incêndio deflagra ao princípio da noite no Palácio dos duques de Palmela, em Lisboa, onde está instalada a Procuradoria-Geral da República, tendo as chamas destruído parte do edifício, nomeadamente o último andar, onde começou o sinistro, tendo ainda destruído completamente o Centro de Documentação e Direito Comparado da Procuradoria-Geral da República, único no país e de inestimável valor histórico e documental; não estão ainda determinadas as causas do incêndio. O pessoal de terra da Companhia Portuguesa de Pescas paralisa esta tarde reclamando a exoneração da Comissão de Gestão desta empresa nacionalizada, a quem os trabalhadores acusam de gerir a CPP de uma forma ruínoza, de paralisar a frota e de não dialogar com as estruturas representativas dos trabalhadores. ■ Mirjam Viire-Tuominen, secretária-geral da Federação Democrática Internacional de Mulheres, vem a Lisboa para participar numa reunião preparatória do Congresso Mundial de Mulheres subordinada ao tema "A mulher e o trabalho incluindo a mulher rural". ■ Enquanto democratas de várias tendências e participantes da Comissão Promotora das Comemorações do 25 de Abril, (nomeadamente Ramon La Féria, Alcina Bastos, Luis Azevedo, Helena Cidade Moura, Acácio Barreiros, Lopes Cardoso e António Dias Lourenço) participam numa colagem de cartazes anunciadores da manifestação unitária no próximo 25 de Abril festejando o 7.º aniversário da Revolução, um grupo de personalidades afectas a Mário Soares surge surpreendentemente a "condenar" em comunicado a referida manifestação, considerando-a "polémica" e que "se fosse considerada representativa, tenderia a desfigurar a imagem do 25 de Abril".

## 23 Quinta-feira



Um comunicado do Secretariado Nacional do PS, após festejar o 25 de Abril como a festa do povo e dos trabalhadores portugueses e saudar os capitães de Abril, manifesta-se convicto de que "todos os socialistas irão festejar esta data de afirmação democrática que pertence e todos os democratas, participando nos actos comemorativos que encherão o que se realizará em todo o País". ■ A CGTP-IL exige a imediata libertação dos dirigentes sindicais chilenos "julgados" em tribunal militar e a anulação de todos os processos movidos por acção sindical no Chile de Pinochet. ■ O 2.º Tribunal Militar Territorial marca para as 14 horas do próximo dia 24 de Junho a leitura da sentença do julgamento do "caso Delgado", a audiência, que se arrastou ao longo de 174 sessões, principiou em Outubro de 1978, estando envolvidos neste processo, agora julgado, alguns elementos da ex-PIDE/DGS sobre os quais pesa a acusação da prática de homicídio voluntário nas pessoas do general Humberto Delgado e da cidadã brasileira Ararajá Campos. ■ Os pavilhões da chamada "Feira de Belém" são demolidos por pessoal e máquinas da CM de Lisboa, guardados por um contingente policial; a "Feira de Krus Abecassis" é assim e por ele próprio destruída, perante o desespero dos feirantes que ali investiram o seu capital.

## 24 Sexta-feira

Um comunicado da União dos Sindicatos de Beja, do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura de Beja e Secretariado das UCPs e Cooperativas Agrícolas do distrito de Beja considera a deslocação oficial do Primeiro-Ministro programada para o próximo dia 26 à Herdade dos Machados como uma tentativa de "apagar as grandiosas manifestações que terão lugar em todo o País em defesa da liberdade, do pão e da paz, nos dias 24, 25 e 26 de Abril" e "perseguir a provocação e demagogia do seu antecessor que tantos males trouxe ao País". ■ A APU promove um espectáculo em Lisboa com o título "Os que cantaram primeiro", realizado no Rossio e abrindo as comemorações do 7.º aniversário do 25 de Abril promovidas pela APU na capital. ■ A ASDI apresenta na Assembleia da República o seu projecto de revisão constitucional.

## 25 Sábado



O 7.º aniversário do 25 de Abril é comemorado por todo o País em cerimónias oficiais e populares, sendo de realçar a impressionante manifestação unitária realizada em Lisboa e a que decorreu na cidade do Porto; a nível oficial realizaram-se os habituais desfiles militares em Lisboa e nas sedes das Regiões Militares, e a sessão solene na Assembleia da República. ■ O Presidente da República, general Ramalho Eanes, condecora com a Ordem da Liberdade 14 personalidades, quatro das quais a título póstumo; as condecorações a título póstumo foram conferidas a Luis Dias Amado, Aquilino Ribeiro, contra-almirante Quintão Meireles e José Pedro Pinto Leite, sendo as restantes entregues a Adelino da Palma Carlos, Rui Luis Gomes, Norberto Lopes, António Macedo, Mário Neves, Fernando do Vale, David Ferreira, António Barros dos Santos e José Vitoriano.

## 26 Domingo

Cerca de quatro mil oficiais e sargentos dos três ramos das Forças Armadas, da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal comemoram em diversos pontos do País o 7.º aniversário do 25 de Abril; assim sob o lema "25 de Abril de 1981 - Mais Forte Ainda" estiveram reunidos num almoço em Loures cerca de 1700 oficiais do Quadro Permanente, tendo mais de dois mil sargentos festejado igualmente na Cova da Piedade o aniversário do derrube do fascismo, realizando-se ainda outros almoços comemorativos de militares em Guimarães, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Funchal. ■ A APU ganha as eleições Interclares para a Assembleia da Freguesia do Amêzigo (Cintra) retirando à "AD" o domínio deste órgão autárquico; a APU obteve 166 votos contra 166 dos PS e 149 do MRPP, não tendo a "AD" concorrido porque as suas listas, devido a irregularidades, haviam sido impugnadas pelo tribunal.

## 27 Segunda-feira

Os 14 000 trabalhadores da Rodoviária Nacional iniciam uma paralisação de três dias decretada pela Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos no prosseguimento da luta pela defesa desta empresa nacionalizada e pela revisão do acordo colectivo de trabalho; as organizações afectas à UGT, designadamente a FETESE, Sindicatos dos Rodoviários de Castelo Branco e Portalegre e o "paralelo", SITRA decretam uma greve coincidente, mas apenas por aumentos salariais. ■ Os jornalistas do matutino português "Jornal de Notícias" pronunciam-se por larga maioria contra a permanência da actual direcção, constituída por Alberto e Fernando Martins, à frente daquele jornal.

## 28 Terça-feira

Após uma reunião com os divisionistas da UGT onde participou o Primeiro-Ministro e o ministro do Trabalho, o ministro da Reforma Administrativa, Eusébio Marques de Carvalho considera que o processo de revisão salarial para os trabalhadores da administração pública em 1981 «se encontra encerrado», enquanto Torres Couto, secretário da "UGT", afirma por sua vez regozijar-se com a «plataforma de entendimento encontrada com o Governo». ■ A Presidência da República informa que o Presidente Ramalho Eanes deslocar-se-á à RFA de 1 a 3 de Maio, numa visita de carácter particular a convite do chanceler Helmut Schmidt.

### EFEMÉRIDE DA SEMANA

A 24 de Abril de 1927 morre no Algueirão, com a idade de 94 anos, João Alves de Sá, um dos mais notáveis ceramistas portugueses, que se distinguiu também como agurelista; foi discípulo de Manuel Macedo.

## Editorial

# O 1.º de Maio nas fronteiras de Abril

A classe operária portuguesa comemora amanhã o Dia Internacional dos Trabalhadores. No dia 1.º de Maio, por toda a parte sobre a Terra, a data mais universalista da Humanidade vai mobilizar sob formas diversas centenas de milhares de trabalhadores irmanados num grande ideal comum de libertação. É um grande ideal de libertação do Homem contra o odioso sistema de miséria, exploração e opressão capitalista, contra a injustiça social sob todas as formas, em condições, elas também diferenciadas, de país para país, de povo para povo. Dois sistemas antagónicos se defrontam, uma grande lição de sociologia comparada se desdobra e se oferece aos olhos e á reflexão de homens de todos os continentes. Numa parte do globo, que se torna maior cada dia que passa, acabou por sempre a exploração do homem pelo homem, rasgasse impetuoso o caminho da liberdade, do progresso social e da Paz. Noutra parte, que se vai tornando progressivamente mais peçonhosa, o imperialismo, o colonialismo e o racismo agonzantes colhem a reprobção geral, os seus crimes provocam a indignação dos povos; por toda a parte onde reina o capitalismo os trabalhadores lutam contra a fome, o desemprego, a miséria, os baixos salários, por condições de vida mais dignas e humanas, por elementares direitos. As comemorações de amanhã não deixarão de reflectir esta realidade contraditória do mundo actual, não deixarão de mostrar com clareza estaduas facetas essenciais da Humanidade dos nossos dias.

No Portugal de 1981 as comemorações do 1.º de Maio não poderão deixar de reflectir os agudos problemas e preocupações concretas, os legítimos anseios e reivindicações actuais dos trabalhadores da cidade e do campo, do Povo Português na sua quase generalidade. E também a agudeza da situação política. Sob a égide do Governo AD a situação da classe operária e das classes e camadas intermédias da nossa projecto sofreu incontestável agravamento, todo um sinistro projecto político orientado contra os trabalhadores portugueses e as suas conquistas democráticas foi posto em prática ou está em vias de concretização nos planos social, económico e institucional se um decisivo travão não lhe for imposto. As comemorações do 1.º de Maio de 81 entre nós ocorrem precisamente no auge de um amplo movimento popular de massas, de poderosas greves, paralisações e concentrações de trabalhadores pelas suas reivindicações imediatas e de importantes acções do campesinato, dos pequenos e médios agricultores, proprietários e rendeiros, alcançados pela ruínoza política agrícola do Governo AD/Balsemão — umas e outras a serem abertamente em causa toda a política do Governo. Ocorrem também na sequência de uma importantíssima movimentação política cuja expressão mais alta e significativa foram as impressionantes manifestações e comemorações populares do 25 de Abril.

As comemorações do Dia da Liberdade puseram nas ruas imponentes manifestações de vários tipos, o Povo português — o Povo de Abril. Do Minho ao Algarve, do Alentejo à Extrema-

dura, dos Açores à Madeira, nos grandes centros da emigração portuguesa na África, na Europa, na América, na Ásia. E o auge dos portugueses reafirmaram nas ruas do seu País ou nas distantes paragens da emigração não foi apenas a imensa alegria da liberdade conquistada. Mas do que isso, o que se reafirmou categoricamente nas ruas e praças de Portugal foi a força indestrutível das raízes de Abril no coração das massas populares, na alma dos portugueses onde quer que se encontrem, a clara consciência dos perigos reais que ameaçam a nossa democracia de sete anos, a firme determinação de a defender e armar contra as investidas das forças do passado. As forças do passado que têm na "AD" a sua ponta de lança e na política do Governo Balsemão a concretização de uma aberta ofensiva contra o regime democrático e as suas principais conquistas. Compreende-se que o vasto leque político e social das forças que tomaram sobre si a iniciativa das comemorações populares do 25 de Abril tenha encluido de ralva os empedernidos reacçãoários, tenha acentuado de maneira tão nítida o isolamento político da coligação governamental, tenha lançado a confusão e a desorientação nas forças do antigo regime. Compreende-se também que aqueles que pertenciam, têm feito e continuam a fazer do anticomunismo a capa da sua acção divisionista das forças democráticas e uma justificação sem base dos seus tagatés à direita, renovem os seus ataques, escondam por detrás de uma falsa versão de "frentismo de esquerda" o seu verdadeiro "frentismo de direita", agravem com a sua cegueira política as ameaças reais que pesam sobre a democracia e o 25 de Abril.

Torna-se cada vez mais claro que o vasto leque de forças políticas e sociais que em 7 de Dezembro assestaram uma pesada derrota à reacção se reafirmou e alargou nesta Festa do Povo de 25 de Abril de 81. Civis e militares de uma vasta e significativa representatividade democrática e patriótica esqueceram velhos ressentimentos, souberam subordinar ao fundamental o acessório e encontrar-se num vínculo comum. Todos os democratas têm uma importante lição a tirar das empolgantes jornadas de Abril. Reflectir sobre elas, tirar dos factos conclusões práticas para a acção é um imperativo de defesa da nossa democracia e do património libertador da gesta heróica dos "Capitães de Abril". Se o leque das forças políticas e sociais vitoriosas em 7 de Dezembro mostrou que a linha de defesa da democracia não passa pelo limite dos partidos — tem contornos mais claros, passa por dentro de alguns partidos — as forças e individualidades que tomaram a iniciativa das comemorações populares do 25 de Abril, precisam, de uma maneira ainda mais nítida, a fronteira que hoje em Portugal separa a democracia da antidemocracia. As fronteiras de Abril não são uma linha fixa — alargam-se à medida que se contraem as fronteiras da reacção. O 1.º de Maio vai seguramente, consolidar e alargar essas fronteiras não apenas pela vasta participação dos trabalhadores mas também de muitos outros portugueses democratas e patriotas de condições sociais diferentes.

# Carta da Embaixada Britânica e breve comentário

Pela Embaixada Britânica em Portugal foi enviado ao Grupo Parlamentar do PCP uma resposta ao telegrama de protesto dos deputados comunistas relativo à situação de Bobby Sands, com o pedido de publicação no "Avante!", embora a carta não tivesse sido enviada à nossa Redacção nem à sua publicação fôssemos obrigados pela Lei portuguesa, a seguir reproduzimos a citada missiva, seguida de breve comentário: "Com referência ao telegrama que nos foi enviado por V. Exas., respeitante ao caso do Sr. Bobby Sands, gostaríamos de chamar a vossa atenção para os seguintes pontos: a) A decisão sobre a eleição do Sr. Sands para a Câmara dos Comuns, é da competência exclusiva da própria Câmara, estando presente em curso um amplo debate sobre este assunto. b) No que respeita à decisão do Sr. Sands de entrar em greve da fome, gostaríamos de referir que a política adoptada pelo Governo Britânico não prevê a alimentação dos prisioneiros pela força. Infelizmente, portanto, o Governo não tem qualquer possibilidade de impedir a morte do Sr. Sands, se ele estiver de facto decidido a morrer. c) O Sr. Bobby Sands foi condenado pela prática de actos criminosos e as suas reivindicações de estatuto político não podem, de forma alguma, ser aceites pelo Governo do Reino Unido. Considera o Governo que os actos de violência e os assassinatos não são menos condenáveis quando supostamente cometidos por motivos políticos. Além disso, de acordo com uma resolução da Comissão Europeia dos Direitos Humanos (CEDH) emitida em Junho de 1980, os protestos dos prisioneiros do IRA não podem obter qualquer legitimidade ou justificação ao abrigo da Convenção Europeia dos Direitos Humanos. A Comissão considerou ainda que os grevistas, tais como o Sr. Sands, reivindicavam um estatuto de prisioneiros políticos ao qual não tinham direito ao abrigo das leis nacionais, da Convenção Europeia ou de quaisquer normas do direito internacional em vigor. O Governo do Reino Unido aceitou as sugestões da Comissão Europeia no sentido de serem melhoradas as condições de vida dos prisioneiros da Irlanda do Norte, por razões humanitárias. Com efeito, foram já levadas a cabo diversas alterações, como por exemplo a mudança do tra-

dicional uniforme de prisão, para roupas civis, podendo os prisioneiros usar as suas roupas pessoais e obter e reunirem-se livremente fora das horas de trabalho durante os fins-de-semana. d) O Governo do Reino Unido vai prosseguir com a sua política actual na procura de uma solução política para o problema da Irlanda do Norte. Uma das iniciativas mais importantes tomadas até à data consiste na proposta de elaboração de estudos conjuntos com o Governo irlandês (que resultou das conversações havidas entre os Chefes dos Governos Britânico e Irlandês em Dezembro de 1980) sobre diversos assuntos, incluindo a possibilidade de alteração das estruturas institucionais, direitos dos cidadãos, questões de segurança, cooperação económica

e medidas tendentes a promover o entendimento mútuo. Tomámos conhecimento que o jornal "Avante!" do dia 23 de Abril publicou o texto integral do vosso telegrama e gostaríamos que a vossa resposta ao mesmo fosse igualmente publicada." Diremos acerca desta carta: A vida de Bobby Sands aproxima-se rapidamente do fim. Não sabemos se à altura da publicação destas linhas o seu coração ainda pulsará. A carta da Embaixada Britânica em Portugal mostra a fria crueldade com que o governo da senhora Thatcher se prepara para deixar morrer Bobby Sands, um patriota irlandês que o povo do seu país acaba de eleger deputado e que outra coisa não pode senão que o tratem por prisioneiro político. Desejaríamos revelar a crieza de algumas palavras da carta da Embaixada Britânica mas nós, comunistas portugueses, já conhecemos na própria carne e durante quase meio século o que foi viver longos anos e muitas vezes perder a vida nos cárceres fascistas sob o estatuto de "criminosos comuns" e não de presos políticos. Independentemente do que pensamos dos métodos usados pelos patriotas irlandeses que pretendem libertar-se do jugo da Inglaterra estamos inteiramente solidários com a sua luta, sentimos com eles a desumanidade desta prática condenada à morte de um patriota como Bobby Sands que milhares de concidadãos acabam de eleger o seu representante ao parlamento de "Sua Majestade". This is a black mark, Mrs. Thatcher! Sim, isto é uma mancha negra, senhora Thatcher, na política do seu governo conservador!

# Ampla solidariedade com Bobby Sands

A situação prisional de Bobby Sands é a inadmissível intransigência do governo da "Tatcher" — de que a carta da Embaixada Britânica é, aliás, um significativo testemunho — está a provocar no nosso país um muito amplo e justo movimento de protesto. Para além das tomadas de posição de inúmeras organizações populares e de trabalhadores, entre as quais a CGTP, é de destacar a grande adesão já registada ao abaixo-assinado que uma Comissão Promotora, de carácter unitário, lançou há poucos dias, e cuja entrega na Embaixada Britânica estava prevista para ontem, já depois do fecho desta edição. Para dar um exemplo da referida adesão, podemos citar o facto de que anteontem, só durante a hora de almoço, ele foi subscrito por cerca de 1500 estudantes na Faculdade de Letras de Lisboa. O documento é do seguinte teor: "Profundamente inquietos com a sorte de Bobby Sands, recentemente eleito deputado ao Parlamento Britânico e preso numa cadeia inglesa em greve de fome e ambiente perigo de vida, reclamamos com todo o empenho e insistência que o governo da Grã-Bretanha tome medidas humanitárias e de justiça que se impõem de imediato para salvar a vida desse patriota e lutador pelos direitos cívicos e humanos". Pelo seu evidente significado, indicamos a seguir os membros da Comissão Promotora, jornalistas e deputados que tinham assinado o documento até anteontem de manhã:

Directora da AE da Faculdade de Medicina de Lisboa; João Cunha Serra, engenheiro, vereador da Câmara Municipal de Lisboa; Severiano Falcão, Presidente da Câmara Municipal de Loures; Daniel Branco, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Orlando Almeida, Presidente da Câmara da Amadora; Silas Cerqueira, da Presidência do C.P.P.C.; João Faria Borda, José Maria do Rosário, Luisa Irene Dias Amado, Carvalho Duarte, Irene Nelo, Com Vasco Costa Santos e Gabriel Gomes, deputado, do Secretariado da CGTP-IL; Custódio Ferreira, dirigente da Federação dos Sindicatos Ferroviários e do Secretariado da CGTP-IL; Rosa Maria Simões da Silva, dirigente da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública e do Secretariado da UGT-IL; Florival Lança, do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa; Ramiro Alves de Freitas, do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa; Jerónimo da Silva Rodrigues, do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa; António Teodoro, Presidente do SPGL; Manuel Sá Marques, Presidente do Sindicato dos Médicos do Sul; Curado Ribeiro, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Espectáculos; António Martins Cabral, membro da Comissão Geral do Sindicato dos Bancários do Sul; Felmelindo Rêgo, da Comissão de Trabalhadores da Sotrelame; Álvaro Pinheiro, da Comissão de Trabalhadores da Mague; Carlos Machado, da Comissão de Trabalhadores da Covina; Filipe Manuel dos Sindicatos da Função Pública e do Secretariado da UGT-IL; Mariana Saúde, membro do Secretariado da RIA; Miguel Portas, membro do Secretariado da RIA; Miguel Pinto Lobo, Presidente da Direcção da AE da Faculdade de Direito de Lisboa; Mário Vitor Nascimento, da Direcção da AE do Instituto Superior Técnico; Maria Eugénia Sequeira Varela Gomes, da Direcção da AE do Instituto Superior de Educação Física; Fernando Vilhena Mendonça, da

assistente social; Maria da Conceição B. Coutinho, doméstica; José Felicidade Alves, publicista; Santos Barros, publicista; Pastor Dimas de Almeida; Amílcar Ambrósio, engenheiro; António Carvalho, engenheiro; Domingos Rosa, engenheiro; Olavo Rasquinho, engenheiro; José Maria Bettencourt, engenheiro agrónomo; Idelfonso Nônoa, economista; João Abel Freitas, economista; Xencora Camolin, advogado; Luis Carvalho Oliveira, advogado; António Borges Coutinho, advogado; Luís de Azevedo, advogado; Luis Franco Rebelo, advogado; Goucha Soares, advogado; Fernando Silveira Ramos, advogado; Fausto Leite, advogado; Alcina Bastos, advogada; Duarte Vidal, advogada; António Galhardas, médico; Maria Idália Correia, médica; Orlando Leitão, médico; Rui Pinheiro, médico; Luis Monteiro Baptista, médico; Ramon La Féria, médico; Inácio Pires Fernandes, arquitecto; Celestino de Castro, arquitecto; António Maria Gomes, arquitecto; Vera Malvar, arquitecta; Maria Helena Martins, arquitecta; Luis Jorge Bruno Soares, arquitecto; Rafael Botelho, arquitecto; António Bogalho, Presidente da Câmara Municipal de Sobral de Monte-Agraço; Joaquim Narciso Correia, Presidente da Câmara Municipal da Zambezia; António Gomes, da Comissão de Trabalhadores da Fábrica Portugal. Jornalistas: Fernando Pereira Santos, José Carlos de Vasconcelos, Miguel Urbano Rodrigues, Augusto Carvalho, Carlos Veiga Pereira, Roby Amorim, Fernanda Barão, António Cascaes, Helena Mersuado, Raul Maliquias Marques, Maria José Trigo, Matilde Ramalho, Luciano Rocha, João Correio, Ângelo Granja, Abel Pereira, Rui Cardoso, João Paulo Oliveira, José João Melo Lapa, Vítor Coutinho, Encarnação Viegas, João Fragoso Mendes, Matos Veiga, Guida Júnior, Figueiredo Filipe, Fernando Serejo, Faria Artur, Alice Vieira, José António Santos, José David Lopes, Rui Althayde Ferreira, Jorge Feio, Manuela de Azevedo, Mário Ventura Henriques, Helena Sanches Osório, Rodrigues da Silva, Vítor Rato Viegas, Manuel Pereira Rodrigues, Alvaro Gomes, José Esteves Pereira, José Vale de Almeida, Fernando Matos Diogo, Fernando Cascaes, José Garibaldi, António Santos, Vilaverde Carbal, Cesário Borge, Daniel Reis, Joaquim Furtado, Fernando Correia, José Manuel Saravia, Ribeiro Cardoso, Carlos Coutinho, Fernanda Mestrinho, Alvaro Esteves, Carneiro Jacinto, Emídio Rangel, Fernando Duarte, Duarte Soares, Edite Soeiro, Manuel Gonçalves da Silva, Eugénio Alves, António Duarte, Mário Cardoso, Almeida Henriques, Jorge Massada, Oscar Mascarenhas, Fernando Semedo, Emília Caetano, Bettencourt Resende, Avelino Rodrigues, Fernando Dacosta. Deputados: Adelino Teixeira de Carvalho (PS), Adérito Campos (PSD), Alvaro

Brasileiro (PCP), Amadeu Santos (PSD); António Arnaut (PS); António Janeiro (PS); António José de Freitas (PS); António Vitorino (UEDS); Avelino Zinha (PS); Carlos Espadinha (PCP); Carlos Lage (PS); Carreira Marques (PCP); Cesas Oliveira (UEDS); Cipriano Manhães (PSD); Daniel Bastos (PSD); Diari Alhandra (PSD); Fernando Cabral Pinto (PCP); Fernando Marinho (PS); Fernando Verdade (PS); Ferreira Martins (PSD); Georgette Ferreira (PCP); Gomes Carneiro (PS); Gomes Fernandes (PS); Helena Cidade Moura (MDP); Ilda Figueiredo (PCP); João Lima (PS); Joaquim Miranda (PCP); Joaquim Pinto (PSD); Jorge Lemos (PCP); Jorge Miranda (ASDI); Jorge Patrício (PCP); José Barradas (PSD); José Eduardo Sanches Osório (Ind. do G. P. do CDS); José Manuel Maia (PCP); José Manuel Mendes (PCP); Josefina Andrade (PCP); Lopes Cardoso (UEDS); Luis Nunes de Almeida (PS); Luis Patrão (PS); Magalhães da Silva (PS); Manuel da Costa (PS); Manuel Faria (PSD); Marcelo Curto (PS); Margarida Salema (PSD); Mariana Camiã (PCP); Maria Alca Nogueira (PCP); Mário Tomé (UDV); Natália Correia (PSD); Octávio Pato (PCP); Pedro Cunha Pinto (PSD); Rogério de Brito (PCP); Roleira Marinho (PSD); Sacramento Marques (PS); Sousa Franco (ASDI); Sousa Marques (PCP); Teresa Santa Clara Gomes (UEDS); Valdemar Alves (PSD); Vidal Amaro (PCP); Vilhena de Carvalho (ASDI); Zita Seabra (PCP).

**Avante!**  
Uma voz de todos os países. Um só ideal.

**O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo**

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa-CODEX. Tel. 768345

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante!, S.A.R.L. Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt. - 1000 Lisboa. Tel. 789747/789751

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa-CODEX. Tel. 768345/768346

DISTRIBUIÇÃO: CIL, Central Distribuidora Ljubera, S.A.R.L. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt. - 1000 Lisboa. Tel. 798287/798285

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-Civ. - 1000 Lisboa. Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal)

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Seculo, 90 - 1200 Lisboa. Tel. 372238

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 28938

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Eq - 4000 Porto. Tel. 310441

Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.ª de Maio 186, Pedruña - 3000 Coimbra. Tel. 31286

Centro Distribuidor do Alentejo: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26381

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.ª de Dezembro, 23 - 8000 Faro. Tel. 24417

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Eq - 1000 Lisboa. Tel. 798285

Publicidade Central: Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa. Tel. 776936/776750. Porto - Rua do Almada, 18-2.º Eq - 4000 Porto. Tel. 381067

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044

Composto e impresso na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Tiragem média no mês de Março: 67 975

Nacional



# ABRIL VIVE E VIVERÁ!

## — reafirmou o povo de Lisboa em grandioso desfile

Sete anos depois, prolongado e defendido dia a dia, Abril continua a cumprir-se! Nas fábricas, campos e escolas está acesa a chama libertadora de Abril. E também nas ruas! Foi assim, no passado dia 25 de Abril, um pouco por todo o país. Respondendo ao apelo lançado por diversas personalidades, constituídas em Comissão Promotora, o povo de Lisboa, numa expressiva demonstração de determinação e unidade, saiu uma vez mais à rua para se incorporar no desfile que assinalou a passagem do sétimo aniversário da Revolução de Abril. Eram 16 horas e já a fisionomia da Avenida da Liberdade, do Marquês de Pombal aos Restauradores, se encontrava alterada.

Muitos milhares de pessoas enchem a faixa central e os passeios, em permanente vai-vém, ora abaixo ora acima, aguardando o início do desfile. Quem olhasse do Marquês, tendo como fundo, lá em baixo, o rio Tejo, descobria uma bela imagem combinada harmoniosamente de cor e movimento. Era uma massa de gente ondulante que se perdia no alcance da vista. E não era ilusão; quem percorresse o seu interior verificava a densidade de pessoas que cobria a avenida. Nos rostos, estampadas a frescura e a alegria de comemorar, sete anos depois, esta gloriosa data libertadora. Nos peitos, os cravos vermelhos como símbolo da Revolução de Abril.

Vivia-se intensamente mais uma grandiosa jornada de luta. Às 17 horas, iniciou-se o desfile que haveria de se prolongar por mais de uma hora e meia. A cabeça, um pano cobria a toda a largura as duas faixas da Avenida: «25 de Abril-Festa do Povo». Logo de seguida, a presença de muitas personalidades públicas que haviam aderido a esta realização. Entre outros, encontravam-se Henrique de Barros, Teófilo Carvalho dos Santos, Alda Nogueira, Maria de Lourdes Pintasilgo, o major Vasco Lourenço, António Dias Lourenço, Vital Moreira, Sá Borges, José Carlos de Vasconcelos, José Magalhães Godinho, Vasco da Gama Fernandes, Alcina Bastos, tenente-coronel Costa Neves, coronel

Pezarat Correia, comandante Vitor Crespo, Artur Cunha Leal, Fernando Piteira Santos, José Casanova e Ruy Luís Gomes. Incessantemente aplaudidos, lá estava o acolhimento fraterno e entusiasta dos que, no passeio, assistiam ao desfile, para depois nele se incorporarem. Era um sinal de reconhecimento, as muitas palmas que ecoavam e se dirigiam a todos eles. Particularmente saudados os conselheiros da Revolução, com gritos de «MFA, MFA». Mais atrás, engrossando a manifestação, vinha a enorme torrente humana, desfilando, entoando cânticos, gritando palavras de ordem, empunhando panos e bandeiras. Milhares de trabalhadores dos mais diversos sectores



Muitos milhares de democratas desfilaram, encheram a cidade. À frente, desmentindo os que procuravam dar da grandiosa manifestação uma imagem sectária, democratas de muitas tendências, de vários campos ideológicos, uma imagem de unidade que há muito não aparecia e se concretizava no mesmo passo firme. Defender Abril era o que os unia

reclamavam através dos dizeres inscritos nos panos a actualidade e a justiça da sua luta, dos seus interesses e aspirações. Podia identificar-se a presença das mulheres de St. a Engrácia, de Belém, de Alcantara; dos reformados de Arroios e de Belém; dos trabalhadores bancários do Espírito Santo, do Totta

e Açores, do Pinto e Sotto Mayor, do Português do Atlântico, da Caixa Geral de Depósitos, do Borges & Irmão e do Nacional Ultramarino; dos trabalhadores da RTP a lembrar e a exigir ironicamente: «O Preença vai para a rua que a TV não é tua»; dos trabalhadores da Petrogal, da Covina, da

Carris, da Portucel, da TAP, da Rodoviária Nacional, da UTIC, da Fábrica Portugal, da Livraria Bertrand; da Comelna, da A. Pessoa. E não faltou a presença da juventude: a A.E. do Liceu Gil Vicente, de Santa Iria, dos estudantes da Amadora a dizer «não aos exames nacionais». Já o Rossio estava de há

muito cheio, com o comício a decorrer (envolvendo entusiasticamente quantos a ele assistiam), e ainda o desfile ia a meio, ali ao virar da esquina com o Teatro D. Maria II, à entrada da praça D. Pedro IV... No sábado passado, nas ruas da Baixa, o povo de Lisboa disse «Abril vive e viverá!

## Em Lisboa, no 7.º aniversário da Revolução Comemoração aberta que não excluiu ninguém que defenda Abril

A comemoração unitária do sétimo aniversário do 25 de Abril em Lisboa foi, o que se pode dizer, «meter o Rossio na Rua da Betesga» face à multidão que na tarde daquele dia inundou o Rossio, Praça dos Restauradores e a Avenida da Liberdade, ainda o desfile abandonara há pouco o Marquês de Pombal, local previsto para a concentração.

A presença maciça, acovelante mesmo, constituiu a melhor resposta do povo português à pergunta que o major Vasco Lourenço, membro do Conselho da Revolução, colocou no decorrer da sua intervenção, findo que foi o desfile. Perguntou Vasco Lourenço: Seremos ou não capazes de unir as nossas forças para expulsar definitivamente o fantasma que alguns não desistem de tornar realidade? Seremos ou não capazes de ultrapassar divergências, quando o essencial, que é a liberdade do povo português, tem sobre si

novo/há-de vir Abril do povo/há-de vir Abril de vez! Abril viverá! Encher de multidão o Rossio, apesar da sua aparente pequenez face a outros locais da cidade, não tem sido até agora conseguido. A «AD» já por duas vezes o tentou e teve de se contentar com meia praça. Mas neste 25 de Abril foi diferente. Diferente porque ali não estavam forças de um só partido. Naquela tarde, no Rossio, estavam todos os portugueses, de todos os partidos, que acolheram de braços abertos o Movimento dos

### ● Palavras de firmeza, de luta e de esperança no comício do Rossio

as aspirações do povo português, acrescentou: Nesta dupla finalidade, entusiasticamente participaremos na luta que falta travar para que a libertação seja total. A terminar, afirmou: Abril vive. Abril viverá! Os capitães de Abril são fleis ao seu compromisso. A minha palavra aqui fica como penhor da sua determinação. Uma escalada heróica para reconquistar Abril O professor Henrique de Barros, que foi presidente da

Assembleia Constituinte, manifestou no seu discurso a importância de se defender a Constituição de 1976 no que esta tem de essencial e renovador. Por seu turno, o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, o orador que se seguiu, e também ex-presidente da Assembleia da República começou por afirmar: Não quero abandonar a luta e por isso aqui me encontro. Referindo que as forças da reacção liguem aceitar a democracia para melhor a combaterem recordou que ainda recentemente um general da ditadura quis servir-se dos votos democráticos para fins

que não seriam verdadeiramente democráticos. Falando do futuro da revolução disse: Temos uma escalada importante a fazer — difícil, íngreme, mas será uma escalada heróica para reconquistar o 25 de Abril. Abril não se defende na cedência

Desta comemoração aberta, que não excluiu ninguém que queira defender Abril — salientou a dada altura a camarada Alda Nogueira, membro do Comité Central do PCP e deputada pelo Grupo Parlamentar comunista — resultará necessariamente redobrados motivos de confiança para os decisivos obreiros da queda do fascismo — o Povo e as Forças Armadas. Mas comemorar Abril é também falar do presente. E isso mesmo fez a camarada Alda Nogueira ao afirmar: Em caso algum Abril poderá ser defendido na cedência ou na procura de entendimentos com os que o ameaçam e atacam. Não se defende Abril quando quase se assume a defesa dum governo que faz do ataque às conquistas de Abril o dia a dia da sua prática política, quando quase se procuram entendimentos com esse mesmo governo. Após condenar a pretensão de certas forças políticas em alterar ilegal e ilegítimamente a Constituição, acrescentou: Mas outra forma de pôr Abril em perigo é sem dúvida a tentativa de, por via constitucional, por via ilegal ou pela criação pura e simples de factos consumados, alterar as competências, as relações e o equilíbrio entre os vários órgãos de soberania, com benefício ou a favor de uns e em detrimento de outros, nomeadamente, com a redução dos poderes do Presidente da República. É uma forma invejada esta, de que lançam mão os que, por outros processos, não conseguiram ver concretizadas as suas ambições de completo domínio político da vida portuguesa. Pretendem, por esta forma, vir a tirar uma desforra da derrota clamorosa que sofreram em 7 de Dezembro. A camarada Alda Nogueira salientaria ainda que apesar dos grandes perigos, há que salientar e enaltecer a coragem, a determinação, da luta dos trabalhadores portugueses, de que as mais variadas acções em curso nestes dias são bem um exemplo, contra toda uma política que é, em si mesmo, a negação do 25 de Abril. E a terminar manifestou a sua convicção de que não haverá força que possa fazer recuar Portugal aos dias negros do

passado, não haverá força que possa fazer andar para trás a roda da nossa história. O direito à festa

Ali chegámos em desfile e quase não demos conta do tempo que passou — declarou Maria de Lurdes Pintasilgo, a penúltima oradora da sessão popular comemorativa do 25 de Abril, em Lisboa. Referindo-se ao povo português como um povo em marcha na história, um povo em desfile no tempo, expressou a sua esperança que o 25 de Abril continue a acontecer em cada madrugada renascida. E sobre a presença ali de milhares e milhares de pessoas disse que era mais um direito que não vem na Constituição, nem está escrito — o direito à festa, o direito a festejar o aniversário da libertação, pois, salientou, é tão importante gastar tempo a dizer paz e democracia, como a dizer pão. Maria de Lurdes Pintasilgo diria ainda no seu discurso: Não nos importa as divisões artificiais que certa gente com

espírito de classe quer fomentar entre nós. Queremos que se preocupem mais com o nosso dia a dia que com os jogos e artifícios do poder. Afirmando a necessidade de uma economia ao serviço dos homens e não ao serviço do crescimento cego, que só beneficia alguns, recordou uma formulação do Programa do MFA para reconhecer que são poucos os que se atrevem a romper com os velhos cânones e a criar essa nova política económica e social, que é possível e realizável em Portugal. O último orador da tarde foi o major Vasco Lourenço, a cuja intervenção já fizemos referência. Centenas de telegramas e saudações foram enviadas e enchem um grosso «dossier». Luis Filipe Costa, durante a sessão, apresentou a Comissão Organizadora que, além de incluir os oradores, era integrada por José Magalhães Godinho, Vasco da Gama Fernandes, Acácio Barreiros, Lopes Cardoso, António Dias Lourenço, Artur Cunha Leal, Eduardo Lourenço, Fernando Piteira Santos, Helena Cidade

Moura, Jacinto Prado Coelho, Jorge Sá Borges, José Carlos Vasconcelos, José Costa Neves, Luis Marques da Cruz, Ramon de La Féria, Teresa Santa Clara Gomes, Vital Moreira, Alcina Bastos, Eduardo Cortesão, Fernando Namora, Jacinto Baptista Moura, Jacinto Prado Coelho, Jorge Sá Borges, José Carlos Vasconcelos, José Costa Neves, Luis Marques da Cruz, Ramon de La Féria, Teresa Santa Clara Gomes, Vital Moreira, Alcina Bastos, Eduardo Cortesão, Fernando Namora, Jacinto Baptista, Joaquim Caldeira Rodrigues, José Cardoso Pires, José Casanova, Luis Azevedo, Luisa Dias Amado, Pedro Pezarat Correia, Teresa Barata Salgueiro, Tomás Leiria Pinto e Vitor Crespo. «Grândola, Vila Morena» e o «Hino do MFA» não deixaram de estar presentes durante todo o desfile e no final do comício. Sete anos volvidos o espírito que se impôs em Abril de 1974 está mais forte apesar dos perigos que naquela data se esconderam voltarem à carga, descaradamente, «democraticamente».



Henrique de Barros Teófilo C. dos Santos Alda Nogueira Lurdes Pintasilgo Vasco Lourenço

a existência de nuvens ameaçadoras? Estas e outras declarações daquele capitão de Abril fizeram surgir da multidão a palavra de ordem «MFA-MFA» nunca esquecida. Sete anos passados as pessoas têm mais presente aquela madrugada inesquecível de Abril de 1974, a que não deve ser estranha a actuação dos governos Sá Carneiro-Freitas do Amaral e Balsemão. Que é preciso para recordar com uma determinação maior a data gloriosa de 25 de Abril de 1974? No comício que culminou o desfile unitário falaram, para além do major Vasco Lourenço, o professor Henrique de Barros, o presidente, o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, a camarada Alda Nogueira, e a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo. Fernando Alves e Luis Filipe Costa — uma voz que não se pode deixar de dissociar da madrugada da nossa liberdade — fizeram a apresentação dos oradores. José Fanha declamou um poema intitulado «Que é feito do mês de Abril?». Vale a pena recordar os últimos versos que correspondem aos sentimentos da multidão que encheu o Rossio e também aos da maioria do povo português. (...) em Abril ou noutra mês/há-de vir Abril de

Capitães, todos os portugueses que acreditaram e acreditam na liberdade, na melhoria das condições de vida, na dignidade nacional. E estes portugueses, todos os actos eleitorais o demonstram, são a maioria. Não foi difícil encher o Rossio. Aludindo ao falso problema da libertação da sociedade civil que as forças políticas no poder pretendem agitar, o major Vasco Lourenço afirmaria na sua intervenção: Nós não compreendemos que se fale em libertação da sociedade civil, se tal não significar a libertação do povo português. Faz hoje sete anos — recordou — que o MFA deu uma autêntica lição ao mundo quando, num período em que a tendência das intervenções militares era a de impor ditaduras, realizou um movimento libertador do seu povo. Porquê falar então em libertação da sociedade civil, invertendo as posições onde os libertadores são apresentados como carrascos e os opressores de então se insinuam candidatos a libertadores? Salientando, por fim, que libertar a sociedade civil significa ultrapassar o período transitório temporariamente limitado, realizando assim os objectivos dos capitães de Abril, coincidentes como sempre com



A juventude esteve lá. Muitos jovens que hoje participam na luta democrática, têm decerto do 25 de Abril uma recordação já de infância. Mas aprenderam ao longo dos anos o significado da liberdade e da democracia, do progresso e da justiça. E a esperança que a juventude reconhece o seu caminho

## Ordem da Liberdade para 14 personalidades

### ● As iniciativas promovidas pelo Governo ultrapassaram as expectativas...

O camarada José Vitoriano, membro da Comissão Política do CC do PCP e vice-presidente da Assembleia da República foi uma das 14 personalidades condecoradas no passado dia 25 com a Ordem da Liberdade pelo Presidente da República, em cerimónia realizada no Palácio de Belém. Os homenageados — «Homens que pela sua acção política, intervenção cultural e estatura moral prestaram relevantes serviços à causa da democracia e da liberdade», e cuja «acção patriótica de cidadãos», «coragem» e «visão lúcida do sentido da história» deveriam servir «de exemplo aos responsáveis políticos e aos grupos sociais, na viabilização e consolidação de um projecto político democrático para Portugal», nas palavras do general Ramalho Eanes — são Luis Dias Amado, Aquilino Ribeiro, contra-almirante Quintão Meireles e José Pedro Pinto Leite (a título

póstumo) e ainda além de José Vitoriano, Adelino da Palma Carlos, Ruy Luís Gomes, Norberto Lopes, António Macedo, Mário Neves, Fernando do Vale, David Ferreira, António Barros dos Santos e coronel Rogério Santos. O 25 de Abril foi igualmente assinalado, a nível oficial — e para além da sessão que se realizou na Assembleia da República, que noutra local referimos — pelos já tradicionais desfiles militares em Lisboa e nas sedes das Regiões Militares, no decorrer das quais foi lida uma mensagem do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Melo Egídio. Quanto aos partidos da AD e ao Governo (o qual se absteve, recorde-se, de promover qualquer cerimónia oficial), a sua forma negativa de celebrar a data ultrapassou as expectativas. Com efeito, a visita do primeiro-ministro à Herdade dos Machados redoundedo num pique-nique entre



José Vitoriano

amigos; a prevista «limpeza» de paredes, anunciada como uma grande «acção de rua», passou completamente despercebida devido ao alheamento dos próprios militantes da AD; finalmente, o texto de «revisão» constitucional entregue na AR, não veio senão confirmar aquilo que já se sabia, ou seja, que o que a AD pretende não é rever a Constituição mas sim substituí-la por outra que de Abril se retenha o verniz.

Nacional

# A Praça General Humberto Delgado mais uma vez transbordou para as comemorações de Abril

A Praça Gen. Humberto Delgado, local privilegiado e tradicional de concentração de grandes manifestações e festejos populares na cidade do Porto, encheu-se uma vez mais para comemorar Abril.

Às 22 horas do dia 24 já uma enorme multidão se estendia e deambulava do largo junto à Câmara e ao novo edifício dos CTT até à estátua equitativa de D. João IV, atenta aos cantores, grupos musicais, bandas e ranchos folclóricos que actuavam nos 3 grandes palcos montados pela Comissão Organizadora das comemorações.

Grande entusiasmo acolheu a chegada dos mais de 600 participantes na Corrida da Liberdade, que com alguma dificuldade romperam até à meta nos últimos metros da corrida, aplaudidos mais inocentemente estorvados por milhares de pessoas que se aglomeravam e sobre eles se debruçavam para os ver passar.

## 'A chuva molhou a manhã de Abril'

As iniciativas desportivas e recreativas da manhã do 25 de

Abril foram algo prejudicadas pela forte chuva que então caiu sobre a cidade. A partida de xadrez com peças humanas e o festival de pugilismo amador saíram bastante prejudicados, bem assim como as iniciativas culturais para as crianças. Mas nem mesmo a chuva impediu que um numeroso colectivo de artistas plásticos do Porto pintasse um painel gigante alusivo à Revolução dos Cravos.

## 'Evocar os crimes da PIDE e a resistência'

A chuva caiu com particular violência esta manhã do 25 de Abril enquanto decorria junto às antigas instalações da PIDE/DGS, na Rua do Heroísmo, uma homenagem a todos quantos sofreram as torturas da polícia política do regime fascista, e a evocação dos crimes que o fascismo cometeu durante o seu longo reinado de 48 anos. Mas não

estragou a cerimónia, nem afastou os resistentes antifascistas e os democratas que ali se reuniram, antes tornou a cerimónia mais autêntica, como se o tempo se tivesse querido associar à esta cerimónia evocativa da tristeza e do sofrimento que foram necessários e imprescindíveis geradores das alegrias de Abril.

Perante as dezenas de pessoas ali concentradas, entre as quais se encontravam Ângelo Veloso, Virgínia Moura, Raul de Castro, Armando Bacelar, José Morgado, Vitor de Sá, e Artur Andrade, foi lida uma mensagem do prof. Rui Luis Gomes, ausente em Lisboa, onde foi agraciado com a Ordem da Liberdade. Na sua mensagem, o Ilustre professor, resistente antifascista e ex-candidato à Presidência da República, pediu um minuto de silêncio em homenagem aos resistentes entretanto desaparecidos.

Virgínia Moura, que naquele mesmo edifício esteve presa e foi barbaramente torturada, falou sobre os assassinatos da PIDE, sobre as cadeias e campos de concentração, destinados aos

que discordavam da ditadura, a repressão fascista a todo o fio e a ciência, cultura e progresso, acrescentando que tal situação não mais será possível em Portugal porque a luta e a vigilância revolucionária continuam e a reacção não passará.

A finalizar a sua intervenção, a eng.<sup>a</sup> Virgínia Moura afirmou que 'a palavra do momento é unidade, unidade, unidade, para travar a reacção e continuar o Portugal de Abril'.

No final, foi colocada junto à porta do edifício uma coroa de flores em memória de todos quantos ali estiveram presos.

## 'Cortejo da liberdade'

A tarde fez-se de Primavera e sol entrou na festa.

A abta portuesa encheu-se então completamente de gente, e a gente transportava consigo cravos vermelhos, sorrisos, canções, abraços, e muitos vivas, vivas à liberdade e à democracia, ao 25 de Abril e à Constituição, e o grito entoado de quando em vez, com

## determinação e confiança '25 de Abril sempre — fascismo nunca mais'

O ponto mais alto das comemorações havia de ser entretanto, o Cortejo da Liberdade, com os seus quase 40 carros alegóricos, fazendo movimento, comprimir e transbordar como de um copo, as dezenas de milhares de pessoas que acorreram para o ver de perto. A tal ponto que não chegou a percorrer toda a avenida, dada a impossibilidade de abrir caminho através da multidão.

Os carros foram arranjados por sindicatos da USF/CSTP-IN, Comissões de Trabalhadores, Mardores e unitárias de mulheres e ainda pelo MDM, Pioneiros de Portugal, MURPI, Ano Internacional do Deficiente e outros, apelando à paz e contra as armas nucleares. Os carros dos sindicatos para além de saudarem o 25 de Abril, ostentavam dísticos nos quais ressaltava a reivindicação da revisão anual dos contratos, do controlo de gestão, do direito ao trabalho e à negociação, contra os despedimentos e a repressão patronal.



# A festa de Abril em Lisboa promovida pela APU

Em Lisboa as comemorações do 25 de Abril começaram de véspera, na noite de 24, com festividades programadas pela Aliança Povo Unido e marcadas para o Rossio, palco erguido junto à fronteira do Teatro Nacional D. Maria II. Ali acorreram milhares de lisboetas para assistir a um espectáculo bem alusivo à data e incorporando-se num vasto leque de realizações que por todo o país festejaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

Municipal de Lisboa desinteressando-se do 25 de Abril, não organizando sequer o habitual espectáculo de fogo de artifício na Praça do Comércio.

e Alfredo Vieira de Sousa e a actriz lo Apoloni. O Grupo Coral da Amadora e a Banda da Amadora completaram o elenco dum espectáculo de carácter lúdico bem populares, onde Abril presidiu e foi palavra de ordem, perante muitos milhares de pessoas. Abril que continuou a ser festejado no dia seguinte pela APU, logo de manhãzinha, nas zonas verdes do Parque Eduardo VII. Tempo e espaço dedicados essencialmente às crianças, que ali encontraram lugares reservados para a prática da pintura, modelagem e desenho, «campos» de jogos bem delimitados na relva por fitas de pano colorido — havendo mesmo castos e tabelas para

a prática do minisbaquete. Além de outro tipo de realizações menos «formais» mas nem por isso menos aliantes para as crianças, como por exemplo uma movimentada «corrida de sacos» em sessões contínuas e ao sabor da audácia dos (muitos) «exponentes» que, seduzidos pelo insólito da competição, não hesitavam «ensacar» o corpo para enfrentar o crônometro risonho dos «juizes» da prova.

A festa e o lazer espalharam-se descontraidamente pelas zonas relvadas, famílias inteiras, inúmeras crianças, música a rodos, tudo e todos transformaram a manhã e o princípio da tarde do Parque Eduardo VII num tempo de

# O 25 de Abril comemorado em todo o País

Iniciativas do mais diverso tipo assinalaram no sábado em todo o país o 25 de Abril. Desde as grandes manifestações de rua, englobando milhares de pessoas, às pequenas e localizadas sessões e convívios, desde as grandes cidades às pequenas aldeias, o povo mostrou mais uma vez que Abril é uma presença viva. Do que se passou de norte a sul — e também em alguns locais do estrangeiro — damos a seguir breve e certamente parcelar notícia. De registar ainda — e impossível se toma agora fazer aqui esse balanço — que, também um pouco por todo o lado, inúmeras autarquias democráticas, comissões de moradores e outros organismos populares assinalaram o 25 de Abril de forma bem adequada: inaugurando casas a famílias carenciadas, inaugurando obras, etc. — isto é, levando à prática essa luta pelo bem estar das populações que só Abril proporcionou.

**Barreiro**  
O Povo do Barreiro viveu e comemorou antusiasmicamente o 7.º aniversário da Revolução de Abril. Convocada pelas autarquias locais, no dia 24, a partir do cair da noite até ao Parque Catarina Eufémia.

**Alcanena**  
Várias freguesias do concelho, assinalaram com festejos as comemorações, em Monsanto houve baile, na noite de 24, em que participaram cerca de 500 pessoas; em Mirão, um convívio que juntou 50 militantes e simpatizantes do Partido; em Vila Moreira, organizado pela junta de freguesia, outro baile levou 200 pessoas. E na vila de Alcanena ainda um baile e diversas actividades desportivas.

**Alpiarça**  
Baile, fogo de artifício, desfile de uma banda e o ícar da bandeira nacional, constituiram os actos que deram início às solenidades, na noite de 24, a que estiveram presentes cerca de 1000 pessoas. No dia seguinte, tiveram lugar actividades desportivas infantis e teatro a que assistiram 700 pessoas. A noite realizou-se uma sessão evocativa em que intervieram o presidente da Câmara, o general Vasco Gonçalves, o almirante Rosa Coutinho e o actor Rogério Paulo.

**Abrantes**  
Uma comissão constituída por representantes da Câmara Municipal, de partidos (PCP, PS, UDP e PSD) e colectividades, chamou a si a responsabilidade de organizar os festejos em três locais do concelho.

**Alentejo**  
Um arraial popular, lançamento de foguetes, actividades desportivas, e um grande espectáculo popular juntando nos dois dias mais de 4700 pessoas, assinalaram pontos altos em Abrantes. No Rossio e em Alferreiros, foram actividades desportivas que reuniram mais de 1000 pessoas. Nas freguesias de S. Miguel, Mouriscas e Trámagal lançaram-se foguetes.

**Alcochete**  
Logo no dia 24 houve queima do mesmo (o dia 24), no Parque da cidade, a que assistiram 4000 pessoas. No sábado, realizou-se uma manhã desportiva com 400 participantes, e, à tarde, desfile de 12 ranchos e de uma banda. Em funcionaria, os ranchos e a banda de artistas. Ao todo assistiram perto de 10 000 pessoas. O Conselho da Revolução enviou uma mensagem.

**Alentejo**  
No âmbito das comemorações realizou-se, no dia 25, um convívio em que participaram cerca de 600 pessoas e onde o camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP proferiu uma intervenção alusiva à data. No mesmo dia foi inaugurado um parque infantil mandando construir pela Câmara local.

**Alentejo**  
Contando com a presença do camarada Dinis Miranda, membro da Comissão Política do nosso Partido e presidente da Assembleia Municipal do Redondo, realizou-se no dia 25, uma sessão-convívio. Em nome dos elementos da APU, o nosso camarada proferiu uma importante intervenção onde abordou diversas questões relativas à política do Governo, à violenta ofensiva contra a Reforma Agrária, e à gestão democrática das autarquias do concelho.

**Alentejo**  
No âmbito das comemorações realizou-se, no dia 25, um convívio em que participaram cerca de 600 pessoas e onde o camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP proferiu uma intervenção alusiva à data. No mesmo dia foi inaugurado um parque infantil mandando construir pela Câmara local.

**Alentejo**  
Contando com a presença do camarada Dinis Miranda, membro da Comissão Política do nosso Partido e presidente da Assembleia Municipal do Redondo, realizou-se no dia 25, uma sessão-convívio. Em nome dos elementos da APU, o nosso camarada proferiu uma importante intervenção onde abordou diversas questões relativas à política do Governo, à violenta ofensiva contra a Reforma Agrária, e à gestão democrática das autarquias do concelho.

Uma sessão pública solene, onde intervieram membros da APU do PS e da AD, assinalou também o acontecimento.

**Leiria**  
Trezentas pessoas começaram as festividades com uma concentração na noite de 24. No outro dia, madrugada cedo, cerca de 40 jovens partiram a percorrer o concelho, acompanhados por um carro de som, numa corrida de bicicletas. Enquanto isto, decorria uma manhã desportiva onde estiveram 600 crianças. À tarde houve espectáculo com 2000 pessoas a assistir.

**Lisboa**  
Integradas na "4.ª Semana Cultural e Desportiva, as comemorações do 25 de Abril no concelho da Moita foram assinaladas em diversas localidades com especial destaque para a freguesia de Alhos Vedros. Uma exposição de arte moderna, projecção de filmes, desfile da fanfara, distribuição de balões às crianças e actuação de um grupo musical, foram alguns dos actos realizados.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Mirandela**  
Também aqui um jantar com cerca de meia centena de pessoas, comunistas e socialistas, foi motivo de convívio fraterno. Durante o dia várias iniciativas promovidas pelos sindicatos locais assinalaram o 7.º aniversário da Revolução de Abril.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Liceu e que reuniu mais de duas mil pessoas. Entretanto, um jantar em que estiveram presentes cerca de 80 pessoas, comunistas e socialistas, foi outra das formas de comemorar.

**Bragança**  
A data foi assinalada nesta capital transmontana com diversas iniciativas desportivas em que participaram vários organismos juvenis. Os prémios foram distribuídos nessa noite durante uma festa promovida pela Comissão dos Finalistas do Lice

Assembleia da República

Abril na Assembleia da República: consolidá-lo ou destruí-lo?

Quem esperasse novidades políticas frescas — ditas ou apenas afloradas nas entrelinhas dos discursos pronunciados na Assembleia no dia 25 de Abril — ficaria decepcionado. Nenhuma intervenção dos deputados trouxe, em dia de festa para uns e de tristeza para outros, o que quer que fosse anunciador de perspectivas diferentes. A «AD» governa o país, a oposição denuncia-lhe os atentados às

liberdades e às conquistas democráticas e do lado da oposição, como se sempre, os comunistas afirmam haver alternativas. Foi sobretudo fora da Assembleia que se revelaram alguns projectos. Nomeadamente no decorrer da conferência de imprensa que os partidos da «AD» organizaram após a cerimónia das comemorações e durante a qual

toraram público o seu projecto de revisão constitucional. Mais propriamente: tornaram público o documento com o qual pretendiam rever Abril no dia 25. Mas chegaram atrasados. Dias antes, para grande raiva dos coligados governamentais — e não só —, a ASDI tinha apresentado o seu. E, no dizer de Jorge Miranda, tal «pressa» era justificada: assim a «AD» ficaria obrigada a um enquadramento de revisão já existente.

Carvalho, pelo PPM, foi à tribuna repetir o slogan da «libertação da sociedade civil» — projecto que, como disse, está contido na proposta «AD» de revisão constitucional.

democracia», nas eleições de 7 de Dezembro.

Seguiu-se no uso da palavra um deputado do CDS. Aquele partido de direita mandou à tribuna um parlamentar de segundo plano, de nome Gaioso. Que fez um discurso de circunstância no qual tentou separar Abril em vários significados e em várias datas negando a maior parte delas. Abril seria bom, mas sem tudo aquilo que representa. Talvez o CDS preferisse o Abril turístico.

Depois de uma intervenção de Salgado Zenha, do PS, que longamente falou da História de Portugal, sublinhando a dado passo o exemplo de como «um povo afirmando-se pode vencer» aludindo às eleições de 7 de Dezembro, e saudando nos conselheiros da Revolução os militares de Abril, foi a vez de Pedro Roseta.

Foi então o baile. Ou talvez o circo. Pedro Roseta estava há muito tempo calado, formigavam-lhe os gritos na garganta. Promoveu a embaixador,

tinham-no talvez convencido de que os embaixadores não falam e, quando o fazem, é só para os estrangeiros. Desta vez teve licença para dizer. E foi um desbragar de gestos e de fúria, sublinhados pelas gargalhadas incontinentes das bancadas. Não só a oposição ria, que o ridículo também conseguiu fazer-se ver a alguns deputados da direita. Mas o mais hilariante da sessão foi o ar sério com que o deputado da «AD» afirmou ter-se atendido, nos últimos meses, aos «problemas dos mais desfavorecidos»; desenvolvido «larga paróquia de melhorias sociais»; distribuído «terras a pequenos agricultores»; reduzido os impostos. Etc. Depois destes auto-elogios, não deixou o PPD de estender a mão, ali à vista de todos, ao PS, para a revisão constitucional.

Findos os discursos dos deputados, coube a vez ao Presidente da Assembleia da República de pronunciar o seu, após o que deu a palavra ao Presidente da República.



A alternativa democrática que os comunistas propõem à política reaccionária que a «AD» impõe ao País, levada à Assembleia da República pelo camarada Octávio Pato. Comemorava-se Abril e a esperança que Abril continua a ser

Direitos humanos e hipocrisia

Apesar de uma semana decorrida — três dias de actividade parlamentar sem contar com a sessão comemorativa do 25 de Abril que referimos noutra local —, dois factos apenas dela sobressaíram e conflituaram a atenção de todo o hemisfério, para além da declaração sobre política externa que o camarada Joaquim Gomes proferiu na quinta-feira passada e da qual publicamos excertos. Tratou-se da apresentação, pela ASDI, do seu projecto de revisão constitucional e, na passada terça-feira, dos votos apresentados pelo PCP e pela UDP, expressando a preocupação pelo estado em que se encontra o deputado irlandês Bobby Sands.

Azevedo Soares — agora remetido para a última fila do CDS após a eleição da nova direcção daquele grupo parlamentar e Amândio de Azevedo, do PPD, reagiram com irritação ao facto de não ter sido a «AD», mas o deputado Jorge Miranda a apresentar primeiro que todos o projecto de revisão constitucional. Tentaram pôr «no seu lugar» a ASDI, afirmando que a importância daquele agrupamento era directamente proporcional ao número reduzido dos seus membros. Ao que Jorge Miranda responderia que a Assembleia não era uma corporação de partidos, mas sim um conjunto de 250 deputados, sublinhando que o seu partido não desejava, na revisão que se aproxima, pactos entre cúpulas partidárias, mas sim a discussão transparente ali mesmo, entre os deputados.

Passar à História

O jovem PPD Santana Lopes conseguiu passar à história. A péna, entenda-se. Foi quanto, tentando minimizar o discurso da ASDI e afirmando nunca se ter preocupado com a Constituição de 1933 porque em 1974 tinha 18 anos — que jovem irresponsável! —, foi silenciado, pela primeira vez, pelo terrível semáforo que agora rege o tempo de palavra.

A irresponsabilidade continuou, por parte da «AD», ao rejeitar o voto do PCP sobre «síndrome de Ceiras». Na opinião da direita, não havia qualquer doença. Tudo exageros de oposição. Secundados depois pela imprensa afecta aos reaccionários, os deputados «AD» pretendiam demonstrar que se tratava de uma encenação montada pela oposição ou, pelo menos, explorada por ela. Anselmo Anibal, independente do PCP, sublinharia na declaração de voto que não se pode brincar com a saúde das pessoas. E que, do mesmo modo que procura esquecer as náuseas e os vômitos que tal síndrome provocou nas trabalhadoras de Ceiras, também o Governo procura ignorar as náuseas e os vômitos que a sua política provoca em centenas de milhares de trabalhadores.

Foi seguidamente — na maré do não — rejeitado o projecto de lei da ASDI sobre o combate à imoralidade administrativa, fraude e corrupção. Lino Lima, pelo PCP, explicaria a posição dos comunistas no seu voto favorável, apesar de algumas reservas que tal projecto merecia: «o nosso voto teve um forte cunho ético-político», afirmou, mantendo as reservas ao articulado.

Mais um ano — o 12.º

O ordem de trabalhos seguinte incluiu as votações finais globais das ratificações pedidas pelo PCP — de um decreto extinguindo os bairros administrativos, que foi aprovada por unanimidade, e a outra que apenas a «AD» aprovou com os votos contra do PCP e do MDP e a abstenção do PS, UEDS e ASDI, sobre um decreto que, no dizer de Anselmo Anibal, visa atargar o ónus das autarquias no processo de instalação de parques de campismo.

O Partido Socialista desistira — ao que parece por falta de preparação — da ratificação que tinha pedido sobre o decreto que criou o 12.º ano de escolaridade ao mesmo tempo que instituiu o pedagógico. Carlos Brito anunciou então a intenção do PCP de retomar tal pedido de ratificação. E foi assim que o deputado comunista Jorge Lemos, abrindo o debate, acusaria o decreto em ratificação de não vir resolver nenhum problema nacional. «Bem ao contrário — disse — veio criar problemas sem fim às escolas, aos professores, aos alunos e às famílias». Por seu lado a «AD» não se compadeceu. Defendeu mal o seu decreto, mas ratificou-o por força da maioria, em votação na terça-feira passada.

Nesse dia, depois de uma intervenção de José Manuel Mendes, do PCP, homenageando a memória do escritor José Rodriguesrigues Miguéis, que conseguiu arrancar intervenções favoráveis a muitos grupos parlamentares, foram apreciados os votos sobre Bobby Sands.

Uma declaração do voto de Sousa Marques, do PCP, resumiria a atitude subserviente da «AD» em relação aos governos imperialistas: «Tudo fizemos — disse — para que fosse possível uma votação unânime nesta Assembleia em torno de um voto suscrito por todos os grupos parlamentares. Isto não foi possível e as razões são claras: os direitos humanos são, nas bocas dos deputados «AD», apenas palavras clinicais e hipocríticas».

Iniciativas do PCP

Um projecto e dois requerimentos apresentados pelo grupo parlamentar do Partido Comunista Português nos últimos dias revestem-se de particular importância. O projecto de lei visa alargar o crédito de horas dos membros das juntas de freguesia, permitindo às freguesias mais populosas disporem de eleitos a tempo inteiro. Recordo o documento que, em Março passado, durante uma reunião de representantes de várias juntas de freguesia com mais de 20 mil eleitores, aqueles solicitaram aos órgãos de soberania um conjunto de medidas que reforçassem a sua capacidade de actuação.

Quarteira têm vindo a degradar-se aceleradamente — afirmou o deputado —, à medida que os senhores da Lusotur sentem as costas quentes de protecções oficiais. Sublinhando que «os pescadores não têm dúvidas de que há um plano para os esconder da Marina», Carlos Brito adiantou que aqueles trabalhadores «reclamam como solução definitiva a construção de um porto de pesca».

Lei da Caça

Também em requerimento enviado na passada quinta-feira ao Ministério da Agricultura e Pescas, os comunistas solicitam esclarecimentos sobre a já tão falada nova lei da caça, contra a qual se têm insurgido numerosos praticantes deste desporto. O grupo parlamentar comunista frisou que não foi transmitida ao parlamento qualquer informação sobre o conteúdo de tal diploma e que tal iniciativa está suscitando inquirições entre os caçadores portugueses, «o que faz supor que mais uma vez não terão sido ouvidos sobre a matéria do seu mais directo interesse».

Deputados do PCP no distrito do Porto

Integrado no plano de deslocações e contactos com os problemas com que se debatem as populações do distrito, deslocaram-se na segunda-feira passada, a diversos estabelecimentos hospitalares do distrito, os deputados do grupo parlamentar do PCP Zita Seabra, Lino Lima, Ilda Figueiredo e Vídalga. Esta deslocação, que abrangem o centro hospitalar do Porto, Hospital de Santo António, Hospital J. Urbano, Hospital de São João e Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, integra-se também na preparação da interpelação ao Governo sobre política de saúde, requerida pelo PCP e que terá lugar nos próximos dias 5 e 6 de Maio.

N. de R. — Contrariamente ao que informámos na passada semana, sobre a visita de deputados comunistas a Sines, foi a administração da Petrogal e não a da CNP, que não permitiu o contacto dos órgãos representativos dos trabalhadores com os deputados do PCP que visitaram a empresa.

Cravos de estufa

Tivemos o protocolo. Passadeira vermelha, guarda de honra. E, menos protocoladamente, muitos cravos vermelhos, nas botadeiras da oposição, sobretudo, mas também nas lapelas de alguns deputados do PPD. Outros, do mesmo grupo, traziam cravos... cor de laranjal! Decerto cultivados em estufa, maravilhas da genética do partido de Balsemão... Os adeptos do rei vinham de cravo branco. E o CDS, fúnebre, nada de cravos. Talvez alergia, talvez para não ofender o ex-ministro do fascismo Adriano Moreira.

Quando, na comitiva aberta pelos contínuos, o Presidente da República chegou, as bancadas estavam quase repletas. Quase, porque no PPD notavam-se muitos espaços e ausências, certamente alguns deputados limpavam as paredes, como Helena Roseta aconselhara num frenesi higiénico.

Nas galerias, as personalidades. Destacava-se o presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecassis, que não resistia ao sono.

As intervenções dos deputados começaram pelo partido com menor representação, a UDP. O deputado Mário Tomé subiu à tribuna no meio do silêncio e de lá saiu com maior silêncio, após um discurso no qual, como já é hábito, misturou algumas verdades com uma incrível falta de visão política. Chegou mesmo ao ponto de afirmar que a manifestação que a essa hora já se desenrolava em Lisboa era inútil. Que faria Tomé se o discurso tivesse sido escrito por ele? Melhor? Pior?

Bobby Sands

Tomou seguidamente a palavra a deputada Helena Cidade Moura, do MDP. Numa intervenção em que saudou particularmente as crianças portuguesas, lembrando a responsabilidade que Abril contraiu para com elas, a deputada trouxe também à reflexão de todos o exemplo de luta pela liberdade que dá Bobby Sands, o prisioneiro irlandês que em greve da fome e em risco de vida foi eleito deputado.

As crianças portuguesas voltariam mais vezes às intervenções ouvidas no hemisfério. Lopes Cardoso, da UEDS, delas falou também: «Que lhes demos nós?», interrogou-se. E Magalhães Moita da ASDI, começaria também o seu discurso, sob o sarcasmo da maioria, por falar dos jovens — que são também o maior desafio que em termos de Nação nos é colocado». Borges de

Octávio Pato: «O povo e as instituições democráticas podem seguramente demitir o Governo»

Em nome do Grupo Parlamentar do PCP, Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do PCP, pronunciou o seguinte discurso: As comemorações populares que hoje assinalam em todo o País o 7.º aniversário da Revolução libertadora de 25 de Abril, são a confirmação do significado histórico daquela data na vida do povo e da Pátria, e uma clara expressão da determinação popular em prosseguir o caminho aberto em 25 de Abril.

O Governo da «AD» combate e nega o 25 de Abril procurando restaurar o poder do grande capital e dos agrários, atacando o sector nacionalizado e prosseguindo a destruição criminosa da Reforma Agrária, lançando os pequenos e médios agricultores numa situação aflitiva, agravando as condições de vida da população, aumentando os preços, reforçando a exploração e a repressão nas empresas, resistindo aos aumentos de salários dos trabalhadores, restabelecendo princípios elitistas na

trabalham, esse é o plano subversivo que procuram refazer em torno do seu continuado propósito de obter a revisão inconstitucional da Constituição de Abril.



educação, dificultando o acesso à saúde, manipulando a comunicação social, sacrificando a soberania, a dignidade, a segurança e a independência nacionais, no altar da guerra-fria e do bolicismo, ao serviço aviltante do imperialismo.

Quando ministros ou deputados da «AD» defendem «entregar a terra a quem sempre a teve»; ou quando afirmam que «quem quer saúde, paga-a»; ou quando se insulta na televisão os trabalhadores da Função Pública e se proclama aos grandes empresários, ser «necessário

Para que possam afogar o Portugal de Abril na vaga restauracionista faltam à reacção o domínio dos outros órgãos de soberania, o controlo partidário das Forças Armadas através da sua governamentalização, uma Constituição, um Estado e um regime adequados para o esmagamento da resistência popular e da luta democrática. Não nos iludamos. Para isso

banir o vírus da democracia», ou ainda se declara que «a democracia é boa para os países do Norte, mas não para os países latinos», todas estas palavras e os actos que lhes correspondem indicam de forma insofismável que tais pessoas, tais ministros e tal governo nada têm a ver com o Portugal de Abril.

Uma tal política está suscitando um amplo descontentamento popular. Crescem as lutas dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas em defesa dos seus direitos e das suas condições de vida e de trabalho. O combate à política de desastre e ruína nacional do actual governo e a luta em defesa das conquistas da Revolução de

um novo e grandioso testemunho da vitalidade dos ideais do 25 de Abril.

Da política do governo e da resposta popular ressalta com extrema clareza uma grande lição: é que sem os trabalhadores e contra os trabalhadores, contra as novas realidades do Portugal de Abril, pode-se realizar uma política de destruição e de agravamento dos problemas nacionais, mas não se pode dar solução positiva às grandes questões que afectam a vida do povo e do país.

Do conflito que está alastrando entre as aspirações da maioria da população e a política do Governo «AD», este, por muito que proclame, sem qualquer fundamento, que ganhou o direito de governar quatro anos, tem, além de outras, uma desvantagem, que só por si caracteriza a sua precariedade: é que o Governo não pode demitir o povo e as instituições democráticas, nem inventar outras à medida da sua vontade. Mas o povo e as instituições democráticas, podem seguramente demitir o governo e conduzir à formação de outro governo que corresponda à sua vontade e aspirações.

Compreende-se que as forças reaccionárias reclamem tempo para poderem liquidar as grandes transformações democráticas, para reconstituir o poder e os privilégios do grande capital, para enfraquecer e enterrar o regime democrático. Mas o que já não se pode compreender é que possa haver sectores democráticos que pareçam dispostos a conceder esse tempo à reacção e a empenharem-se na defesa do governo e da sua política.

A defesa do 25 de Abril, a salvaguarda das suas conquistas, colocam com

particular premência a necessidade da cooperação, do entendimento e da unidade das forças da liberdade, da democracia e do progresso social.

A experiência nacional mostra bem que a divisão dos democratas, só favorece a reacção e mostra também que, pelo contrário, a unidade dos democratas é inseparável dos grandes passos e progressos nacionais no caminho da liberdade e da democracia.

Num momento recente, do qual não pode estar esquecido nem o dramatismo da batalha nem a sinistra ameaça que pairou sobre a democracia, foi indiscutivelmente à ampla convergência da acção política de forças, correntes e personalidades democráticas muito diversas que impediu a radical subversão do regime democrático.

Contra a opinião daqueles que, fora da «AD», se empenham em denegrir a convergência dos democratas verificada em 7 de Dezembro, lembramos pura e simplesmente os factos e os resultados: unidos, os democratas asseguraram uma estrondosa derrota da reacção e uma relevante vitória da democracia, a consolidação e desenvolvimento da aproximação e da acção comum entre as diversas forças e correntes democráticas é o único caminho que pode proporcionar novas vitórias democráticas, a bem da liberdade, do 25 de Abril, das aspirações do povo português e dos interesses de Portugal.

O 25 de Abril continua vivo na realidade portuguesa. O seu futuro está nas mãos de todos os democratas e patriotas. O 25 de Abril vive e viverá!

VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA PORTUGAL!

Joaquim Gomes em declaração política Bomba nuclear ou bomba de neutrões? — O mais preocupante são as duas...

Discurso sobre a paz e contra a subordinação de Portugal aos interesses do imperialismo foi o que o camarada Joaquim Gomes pronunciou na passada quinta-feira. A direita ouviu-o incomodada. E Ângelo Correia, que não esteve na sala durante a maior parte do tempo, veio a correr protestar, numa voz de perito da NATO. Não conseguiu porém desmentir, com factos, que a imagem de Portugal está a ser destruída pela política do governo «AD» que, em todos os domínios e em vários casos com os mesmos homens, está a seguir os caminhos do passado».

Da declaração política pronunciada alguns excertos:

QUEM QUER A CEE?

Não seria importante dizer aos agricultores portugueses que anualmente serão esbulhados em 5 milhões e meio de contos no caso da adesão? A nós parecia-nos também importante que fosse dito em alguns países, incluindo Portugal, políticos altamente responsáveis bem como muitos industriais, agricultores e comerciantes, vão chegando à conclusão que a CEE não resolve mais agrava os problemas nos respectivos países.

É certo que os governos AD não têm defendido a entrada na CEE por desejarem resolver os graves problemas económicos do País. O que se pretende com esta entrada é fazer dela uma arma política para atacar as conquistas dos trabalhadores e do povo português alcançadas com a Revolução de Abril.

De resto, a experiência da adesão ou a submissão da economia portuguesa ao poder das associações e mecanismos do grande capital internacional é extremamente negativa. Veja-se como o FMI decide não só sobre o que Portugal deve ou não fazer em matéria de desenvolvimento económico, mas até sobre os salários dos portugueses. Embora se reconheça que os salários actuais já estão ao nível de 1973, os senhores do FMI decidem que os salários dos trabalhadores, desçam ainda mais. É evidente que o governo AD vai tentar cumprir a ordem do FMI, mas também é evidente que os trabalhadores se lhes vão opor firmemente.

QUEM QUER A NATO?

Nós, comunistas, estando contra a existência de blocos militares, não ignoramos que Portugal é, por obra e graça do antigo regime, membro da NATO. Porém, este facto não nos impede de denunciar os perigos de armazenar armas nucleares e outras de destruição massiva no nosso País. Pouco nos importa a opinião do senhor ministro da Defesa, ao

considerar que a bomba nuclear é mais preocupante que não só as duas neutrões. Para nós, Senhor Ministro, o mais preocupante são as duas.

Preocupante é também a opinião do senhor ministro quando afirma que, «Portugal não poderá por lei e pelos acordos com a NATO, prescindir da instalação eventual de armas nucleares no seu território» (Fevereiro de 1981).

Que lei, que acordos, senhor ministro, exigem que no nosso País se instale tais armas? Sr. ministro, o 25 de Abril abriu perspectivas de uma vida livre e mais feliz para todos os portugueses. Se a participação na NATO só nos traz a perspectiva de morte e destruição, então torna-se urgente sair da NATO.

BASES PARA OS EUA

Quando à Base das Lajes, parece ponto assente que não só o acordo com os Estados Unidos vai ser renovado, como está assente que os americanos o vão ampliar. Ampliar para quê? Naturalmente para defender os interesses das grandes multinacionais do petróleo no Próximo Oriente. Por outro lado, o MNE prometeu, antes da sua partida para os Estados Unidos, dizer alguma coisa no seu regresso sobre a possível utilização da Base de Beja pelos americanos. Até agora nada foi dito. Será que o governo AD entende que sobre um assunto de tanta gravidade, nada tem a dizer ao País? E pensar também o governo que basta o MNE, ou o senhor João Jardim negar a existência de compromissos com a NATO, em relação a Porto Santo, para que o País fique tranquilizado?

Em vez de desmentidos sem qualquer fundamento porque não fazem os senhores ministros um desmentido formal às afirmações do senhor contra-almirante Tylor Dedman, comandante do Comberlant, que segundo a «Capital» de 21/3/81 confirmava estarem em curso obras na ilha de Porto Santo que envolvem a construção de um porto para petroleiros de 50.000 toneladas; o prolongamento da pista do aeroporto com vista ao estacionamento de aviões supersónicos e a implantação de pipe-lines?

QUEM MANDA É REAGAN

O caso concreto dos países africanos de expressão portuguesa, muito especialmente Angola e Moçambique, é por demais significativo. Os responsáveis do governo AD com frequência falam da melhoria das relações com estes países. No entanto os factos continuam a demonstrar que tudo isto não passa de palavreado. Além do mais, estes países para regularizar as suas relações com Portugal têm o direito de exigir posições muito claras para problemas muito concretos.

Por exemplo, qual é a posição do ministro dos negócios estrangeiros acerca da decisão da administração Reagan de prestar ajuda ao bando da Unita? Qual é a posição dos dirigentes da AD sobre as relações de elementos responsáveis desses partidos com o aventureiro Savimbi? E porque até agora o governo nunca achou oportuno condenar expressamente os ataques criminosos a populações indefesas, pelos racistas da África do Sul, no território de Angola e Moçambique?

Quanto aos países da América Latina também a política do governo português tem bem marcado o ferrete da administração Reagan seja no apoio a todas as ditaduras do continente americano e começar por Pinochet, seja até na ajuda financeira da banca nacionalizada ao carrasco do povo chileno. Porque até agora o governo Balsemão se recusa a esclarecer este escândalo?

Mesmo em relação aos países árabes era bom deixar claro que não é com uma simples viagem à Zona do Golfo, que se faz a viagem que se impõe nas relações com os países árabes.

Para que estas relações melhorarem de facto e se estabeleçam uma base sólida, é necessário que o governo português sem ambiguidades defina a sua posição em relação à Nação Palestiniana.

Que defina igualmente sem ambiguidades a sua posição sobre a política belicista e expansionista de Israel, designadamente quanto à ocupação de Jerusalém, bem como de territórios ocupados legalmente por este país.

As relações com os países socialistas vêm sendo calculadamente afectadas. As frequentes recusas de vistos a cidadãos desses países estão de acordo aliás, com a circular do MNE de 4 de 80 que dá instruções neste sentido, bem como com as provocações não desmentidas do senhor Sales Mascarenhas em Cuba mais a expulsão do embaixador deste país. São decisões cuja origem não deixam dúvidas a ninguém.

LUTAR PELA ALTERNATIVA

O 25 de Abril que está a ser comemorado por todo o país, abriu a Portugal muitas portas que o regime fascista tinha fechado. O prestígio de Portugal cresceu em todo o mundo. Porém a imagem de Portugal de Abril está a ser destruída pela política do governo AD, que em todos os domínios e em vários casos com os mesmos homens, está a seguir os caminhos do passado. Os caminhos da dependência económica e política, os caminhos do retrocesso e do obscurantismo. É necessário afirmar aqui que tal como a política interna, também na política externa a alternativa é uma política democrática. Lutaremos por ela. O 25 de Abril vencerá!

Juventude

# Trabalhadores-estudantes

## Um Caderno Reivindicativo — instrumento de acção e luta



Os trabalhadores-estudantes portugueses têm o seu Caderno Reivindicativo. Trata-se de um documento muito importante, elaborado na sequência de numerosas iniciativas e tomadas de posição de TE's em vários pontos do País.

O Caderno Reivindicativo foi aprovado em Março último no decurso de uma reunião nacional de Associações de Trabalhadores-Estudantes, como na altura noticiámos, e continua a ser alvo de uma ampla divulgação nas escolas, tendo já sido entregue, juntamente com o documento das conclusões, aos órgãos de soberania.

Salientando justas aspirações dos milhares de TE's, dando expressão a necessidades há já muito sentidas, o Caderno Reivindicativo exige:

- Que os cursos e os textos sejam elaborados tendo em conta a idade, vivência pessoal e profissional dos trabalhadores-estudantes;
- Que sejam abolidas as faltas com carácter de exclusão;
- A abolição dos exames nacionais e a adaptação dos exames locais às matérias leccionadas por todas as turmas em cada escola;
- A isenção de propinas para os TE's;
- A abertura das aulas no princípio de Outubro com a consequente colocação de todos os professores;
- A abertura de salas de convívio no horário nocturno;
- A abertura de bibliotecas melhor apetrechadas e com horários compatíveis com os dos trabalhadores-estudantes;
- A abertura de bares e cantinas em qualidade e quantidade suficientes com horários apropriados aos TE's;
- A não existência de turmas com um número de alunos superior a 25;
- A criação de condições de transporte, nas zonas onde estes não existam;
- A admissão de empregados em número suficiente para

- suprir as necessidades de cada escola;
- O funcionamento em horário nocturno das secretarias e Conselhos Directivos;
- A melhoria das instalações sanitárias;
- Que as verbas a atribuir às Associações de TE's sejam entregues no acto de tomada de posse de cada Direcção;
- A participação dos TE's na gestão das escolas com carácter deliberativo;
- Que no OGE sejam aumentadas e não diminuídas as verbas a atribuir ao ensino.

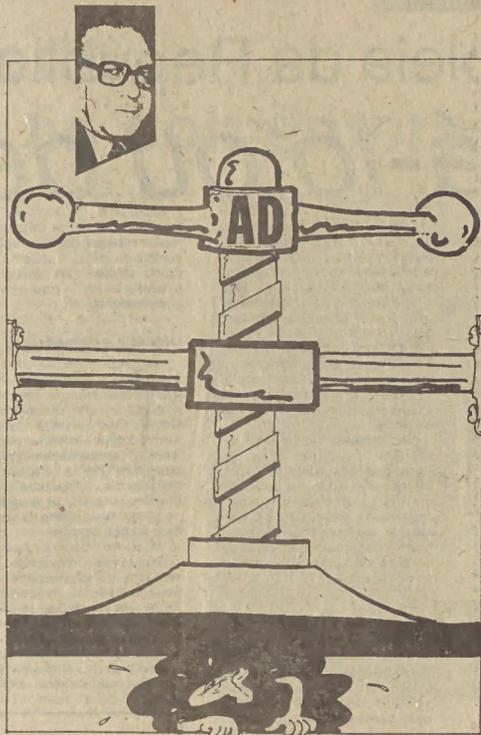
### No campo do trabalho

- Que as estruturas dos TE's e os Sindicatos sejam consultados na legislação e nos assuntos relacionados com os TE's;
- Que a qualquer jovem trabalhador, ao ingressar nas empresas, estas sejam obrigadas a dar-lhe especialização na função em que o jovem trabalhador é admitido;
- Que as grandes empresas sejam obrigadas a criar bibliotecas e salas de estudo organizadas e orientadas pelos trabalhadores;
- A existência de horário de trabalho flexível com a redu-

- ção da duração do período normal de trabalho sem perda de quaisquer direitos e regalias fixadas na legislação e nas convenções de trabalho;
- Que sejam os trabalhadores-estudantes a marcarem o seu período de férias;
- Que seja consagrada ao trabalhador a dispensa de dois dias para cada prova de exame, além do tempo necessário para efectuar a prova, sem prejuízo da remuneração e de outros direitos ou regalias;
- Que à medida que os TE's avancem no nível dos seus conhecimentos, quer profissionais quer culturais, haja carácter de obrigatoriedade na correspondência de qualificação de trabalho e da categoria profissional.

### Sobre o 12.º ano

- Consideramos o 12.º ano um ano com carácter selectivo, particularmente quanto aos TE's visto que os estudantes com melhores possibilidades monetárias conseguem melhores condições de estudo através da utilização do ensino particular;
- Exigimos a definição da chamada via de ensino



Uma imagem da política que o Governo «AD» quer utilizar para o sector dos trabalhadores-estudantes

e via profissionalizante por forma a permitir uma correcta opção dos TE's, sem que isso crie à partida uma discriminação entre os mesmos:

- Exigimos a correcta preparação dos professores a leccionarem neste ano (...);
- Exigimos o início das aulas na devida altura e em condições normais, bem como o necessário apoio em material didáctico por forma a permitir um aproveitamento mais capaz dos estudantes;
- Exigimos a adaptação deste ano, enquanto existir, às

- escolas de artes;
- Exigimos a correcção dos horários de forma a que os estudantes tenham as suas aulas de dia e os TE's as tenham no horário nocturno.

Imputamos a responsabilidade da criação deste ano à política de retrocesso no ensino, seguida pelo ministério de Vitor Crespo/AD e condenamos veementemente a sua criação e manutenção da forma até agora seguida que mais não é do que o Ano Propedéutico encapotoado.

# O serviço militar obrigatório e a objecção de consciência

## ● A posição dos jovens comunistas

A questão do serviço militar obrigatório e a chamada «objecção de consciência» (recusa à presença em áreas e actividades militares geralmente por motivos religiosos) têm sido nos últimos tempos alvo de várias tomadas de posição entre a opinião pública, designadamente de forças reacçãoárias, que no meio da confusão tentam relacionar os dois temas.

Em nota da Comissão Executiva da sua Comissão Central, a JCP, Juventude Comunista Portuguesa, vem explicar o que se passa, denunciando esse aproveitamento político por parte da direita e divulgando com objectividade e posição dos jovens comunistas face ao assunto.

### Dever constitucional

Diz a JCP: O serviço militar obrigatório é um dever constitucionalmente estabelecido (Art.º 276) a que estão sujeitos todos os jovens que para ele sejam considerados aptos. A Juventude Comunista Portuguesa está de acordo com este preceito constitucionalmente apesar do seu cumprimento acarretar, no imediato, contrariedades à organização da vida profissional e pessoal de numerosos jovens.

E mais adiante: Como o demonstra a experiência das Forças Armadas Portuguesas, e de forma particularmente significativa no 25 de Abril, data histórica em que os

militares do MFA abriram decididamente o caminho à libertação do Povo português, quanto maior for a ligação FFAA ao povo maior será a sua capacidade e o seu empenhamento, como instituição, no cumprimento das tarefas que a Constituição lhes atribui, designadamente a defesa e funcionamento das instituições democráticas e a salvaguarda da independência nacional. A entrada todos os anos de um contingente de dezenas de milhares de jovens do SMO constitui um vínculo essencial (embora não único) entre as FAP, o Povo português e os seus problemas.

«Anti-militarismo»? Algumas organizações reacçãoárias, como a JSD, têm manifestado em público, designadamente em encontro e entrevistas, a sua posição contra o Serviço Militar obrigatório. A JCP comenta e põe os pontos nos «is»: A alternativa ao SMO,

seriam umas Forças Armadas inteiramente profissionalizadas. Esta solução, defendida pelas organizações juvenis reacçãoárias (designadamente pela JSD), no Conselho Nacional 17/18 de Janeiro, procura isolar as FA's (no seu conjunto) do país real, torná-las presa mais fácil para aqueles que, no seu seio e fora delas, sonham em transformá-las num instrumento de golpe, da destruição do 25 de Abril e da restauração do poder do grande capital e dos latifundiários. Por detrás da reivindicação «simpática», «inocente», e até «anti-militarista» do fim do SMO proposto pela JSD, perfila-se o pior militarismo — o militarismo fascista ou fascizante — de umas FA's mercenarizadas, constituídas por «voluntários» profissionais, recrutados nos meios reacçãoários.

### As condições no Serviço Militar

Mais adiante, a JCP salienta: Ao defender o serviço militar como um preceito constitucional obrigatório para todos os jovens, a JCP não desconhece e apela numerosas críticas e insatisfações que os

Jovens militares fazem às condições em que cumprem o SMO.

Apesar de melhorado depois do 25 de Abril, o «pré» dos soldados continua a ser muito baixo e cria gravíssimos problemas aos jovens, nomeadamente quando tenham ou queiram constituir família. Em numerosos quartéis continuam sendo bastante deficientes as condições de alimentação e alojamento. O tempo de incorporação é insuficientemente aproveitado para melhorar a formação cultural e profissional dos jovens militares. Existe em gravíssimas restrições na liberdade e pluralismo no acesso à informação (nomeadamente quanto à imprensa) dentro de muitos quartéis. Reinstalaram-se nos últimos anos, numerosos comportamentos e situações na vida diária dos soldados e marinheiros, indignos das Forças Armadas que fizeram o 25 de Abril. O militarismo, o golpe e as tendências subversivas anticonstitucionais têm também nas FA's os seus agentes e defensores. Depois de referir que o essencial é que as FA's, no seu todo, têm estado com o regime democrático

e a superação dos problemas e dificuldades que negativamente as afectam exige a presença activa, nas FA's de todos os que — oficiais, sargentos e soldados — estão com o 25 de Abril, estão com umas Forças Armadas ao serviço do regime democrático e da independência nacional, o documento afirma que a JCP apela as reivindicações de todos os jovens incorporados por uma crescente dignificação das relações entre os soldados e os graduados, sargentos e oficiais; por condições menos duras nos serviços a executar; por melhores condições de alojamento e alimentação e melhorias no pré; por um pleno aproveitamento do tempo de incorporação para a valorização cultural e profissional. Conclui a JCP que todas aquelas reivindicações não contrariam antes devem complementar uma formação militar sólida que torne, de facto, as FAP num instrumento eficaz e efectivo de defesa da democracia e da independência nacional.

### Direito à objecção de consciência

Entretanto, a posição da JCP sobre a objecção de

consciência decorre do que foi dito sobre o serviço militar obrigatório e também do facto de apolarmos o direito à objecção de consciência, reconhecido no Artigo 41, ponto 5, da Constituição.

Para desanimar a fraude é a contestação ao SMO, a JCP propõe a rápida aprovação pela Assembleia da República de um Estatuto de Objectos de Consciência e a sua consequente regulamentação.

A terminar, esclarecem os jovens comunistas: A JCP defende que toda a legislação sobre esta matéria deverá exigir processos de prova tendentes a evitar a fraude e deverá instituir para os objectores de consciência um serviço militar nos serviços não armados das FA's ou a prestação de um serviço cívico em áreas não militares em condições tais que não representem, nem um agravamento nem uma vantagem, para os jovens objectores de consciência.

Este é o único caminho para assegurar o direito que não se contesta à objecção de consciência e para combater a fuga organizada ao SM Obrigatório que se está a desenvolver por detrás do «blombo» de objecção de consciência.

# PCP Álvaro Cunha em Alverca

Quem bateu palmas vai certamente participar na jornada do 1.º de Maio. E quem não bateu palmas também lá estará! Estas palavras, sublinhadas na ocasião por fortes aplausos, foram proferidas na passada segunda-feira, à noite, por Álvaro Cunha, no decorrer de uma sessão do Partido realizada no cinema de Alverca, que se encontrava repleto. Palavras que, aliás, reflectem o espírito que animou os participantes nessa iniciativa do PCP: unidade e mobilização para as grandes lutas populares em defesa do Portugal de Abril e dos direitos dos trabalhadores.

Inicialmente previsto um início de solidariedade e amizade com a Etiópia socialista — os camaradas etíopes convidados pelo Partido, devido a problemas nas ligações aéreas internacionais, não puderam estar agora no nosso país —, acabou por se realizar uma sessão de esclarecimento durante a qual o secretário-geral do Partido teve oportunidade de analisar questões actuais da vida política nacional e também temas da actualidade internacional.

Na mesa da sessão encontravam-se, além de Álvaro Cunha e Abílio Martins, do CC, os camaradas Lúcio Janeiro, operário da Mague, Sábino Castanheira e Antero Fonseca, operários da Argibay; Maria João Ferreira, educadora de infância, todos os membros da Comissão de Freguesia de Alverca do PCP; Bento Nogueira, operário da Mague e membro da JCP; António Castanheira, operário; Paulo Jorge, professor; Carlos Arrojado;

Sobre a revolução «uma revolução profunda orientada para o desenvolvimento da sociedade sem exploração nem exploração» o secretário-geral do Partido deu uma breve panorâmica sobre a evolução dos acontecimentos. De um atrasado, politicamente caracterizado pela luta e por autênticas relações feudais, a Etiópia avança para «uma experiência revolucionária de grande significação», iniciada e dinamizada por milhares de patriotas. Avançaram as nacionalizações e a Reforma Agrária. E estão firmemente empenhados na construção de um grande partido marxista-leninista que consideraram a acertada para assegurar a Etiópia verdadeiramente socialista e assim como as grandes aspirações e direitos do Povo trabalhador. Álvaro Cunha salientou a propósito, que camaradas etíopes convidados pelo PCP



O balcão do cinema de Alverca repleto

José Carmo, engenheiro técnico da Mague; e Álvaro Pinheiro, operário da mesma empresa, todos membros da Comissão Concelhia de Vila Franca de Xira.

O camarada Álvaro Cunha dedicou a primeira parte da sua comunicação de abertura à temática da solidariedade internacionalista dos comunistas portugueses para com as revoluções libertadoras do Mundo.

membros do Conselho Revolucionário do distrito e também da Comissão Organizadora do Partido dos Trabalhadores da Etiópia. Por decisão unânime presentes foi aprovada a ideia de enviar saudação aos camaradas etíopes impossibilitados de visitarem por agora o país. No quadro das revoluções libertadoras

# O reforço da guarda no distrito de Lisboa

Em todo o nosso distrito, o Partido está motivado para a grande batalha de estruturação da organização, para contactar camaradas que têm estado desligados, para quotas em dia, regularizar casos de transferências, etc. Para toda a organização se planelam assembleias e encontros. Discutem-se metas para dinamizar a venda do 'Avante!' e do 'O Militante'. Fazem-se esforços para trazer mais camaradas ao Partido.

É isto o que se passa no distrito de Lisboa, no âmbito da campanha organizativa neste ano de 1981, ano do 60.º aniversário do PCP.

Não é fácil travarmos esta batalha, sublinha a folha informativa n.º 1 editada pela Comissão de Organização da DORL a propósito da campanha organizativa. No entanto, há já números e factos de especial significado.

No quadro do trabalho de estruturação de células de empresa e organismos de freguesias e bairros, a referida Comissão da DORL aponta:

- Elegeram-se as comissões de freguesia de S. Paulo (Lisboa), Santo Estêvão e Alenquer, Malveira (Mafra) e Painho (Cadaval).
- Em várias organizações estão a fazer-se esforços a criação de células e núcleos bairro e até de nomeadamente no CLL de Loures Ocidental (3 núcleos Bairro em Bucelas). Para estes organismos, ainda criam em vários pontos e sectores comissões específicas para o trabalho de mulheres, reformam-se camponeses, etc.
- Em relação à campanha de contactos, a Comissão Organizadora da DORL evocar «aspectos extremamente positivos», divulga os seguintes números: «Sintra dá nota de contactado 56 camaradas Loures Oriental 15 Transportes-recuperados Vila Franca de Xira 60 Concelhos de Norte, 68 Pública, 50; Amadora 200, 260; Loures Ocidental 200. Quanto ao sector industrial embora não haja números — considera-se muito por este trabalho, pois, pelas recuperações, pode-se ter a ideia de um vasto número de contactos.»
- Por seu turno, no Conselho de Lisboa (CLL) foram contactados 410 camaradas «Só numa semana, o Conselho de Organização delegou casos resolvidos e que se encontram em fase de resolução.»
- Mas temos ainda outros exemplos muito significativos

# O 25 de Abril, a política de direita e a situação da juventude

## ● Um oportuno documento da JCP

Sete anos depois do 25 de Abril, a Juventude portuguesa mantém e defende um património de conquistas democráticas que alteraram para melhor a sua vida. Viver em liberdade e em paz; participar e contruir nas empresas nacionalizadas e nos campos da Reforma Agrária um novo conceito de trabalho, libertado da exploração; participar activamente na vida social e política do país — tais são algumas das novas características da vida da juventude deois do 25 de Abril, salienta a Comissão Executiva da Comissão Central da JCP, em nota recentemente divulgada aos órgãos de Comunicação Social.

Intitulado «Juventude de Abril. Confiante no Futuro», o documento da direcção da JCP comenta, entretanto, que sete anos após a jornada libertadora, continuam por concretizar «muitas das esperanças, promessas e expectativas que a Revolução Portuguesa abriu à juventude».

Salientam, a propósito, os jovens comunistas: «Esse facto não resulta de qualquer incapacidade do regime democrático em dar solução aos grandes problemas

juvenis. Ao contrário, é consequência directa da política que, contra o regime democrático e contra o 25 de Abril, vários Governos, nomeadamente os Governos AD, têm realizado.»

### A REGIME DEMOCRÁTICO E A SITUAÇÃO JUVENIL

«No momento em que comemoramos o 7.º aniversário do 25 de Abril», diz o documento da JCP, «agravam-se os problemas da juventude», dos

quais se pode destacar, por exemplo: o desemprego, a falta de saídas profissionais, a generalização dos contratos a prazo, os baixos salários, a repressão patronal, a crise do Ensino, a elitização da Universidade, a fraude do 12.º ano, o custo de vida e o problema da habitação.

Depois de realçar que «sete anos passados dese o início da Revolução de Abril», todos aqueles problemas são possíveis «devido à política de recuperação capitalista, agrária e imperialista, seguida por sucessivos governos», salienta a JCP: «Não fora assim a muitos dos problemas que afectam a vida da juventude encontrar-se-iam hoje resolvidos ou em vias de resolução.»

Acrescenta o documento do Executivo da Comissão Central: «A luta pela melhoria das condições de vida da juventude passa, nos dias de hoje, pela batalha a travar em torno da defesa do regime democrático

ameaçado, da defesa das transformações económicas e sociais operadas pelo 25 de Abril, da defesa da Constituição democrática dos portugueses (...).»

Já na parte final do texto dos jovens comunistas sublinha: «A recusa do Governo «AD»/Balsemão em contribuir para a resolução dos problemas que afectam a vida da juventude demonstra cada vez mais que com tal Governo nenhuma melhoria séria é possível pelo que se torna urgente a sua demissão, condição indispensável para uma viragem democrática na política do País, viragem para a qual é fundamental o entendimento entre as diversas forças democráticas. «Tal como nas poderosas greves e lutas por reivindicações concretas e imediatas que por todo o País têm tido lugar através da sua participação entusiastas e combativa nas comemorações do 25 de Abril

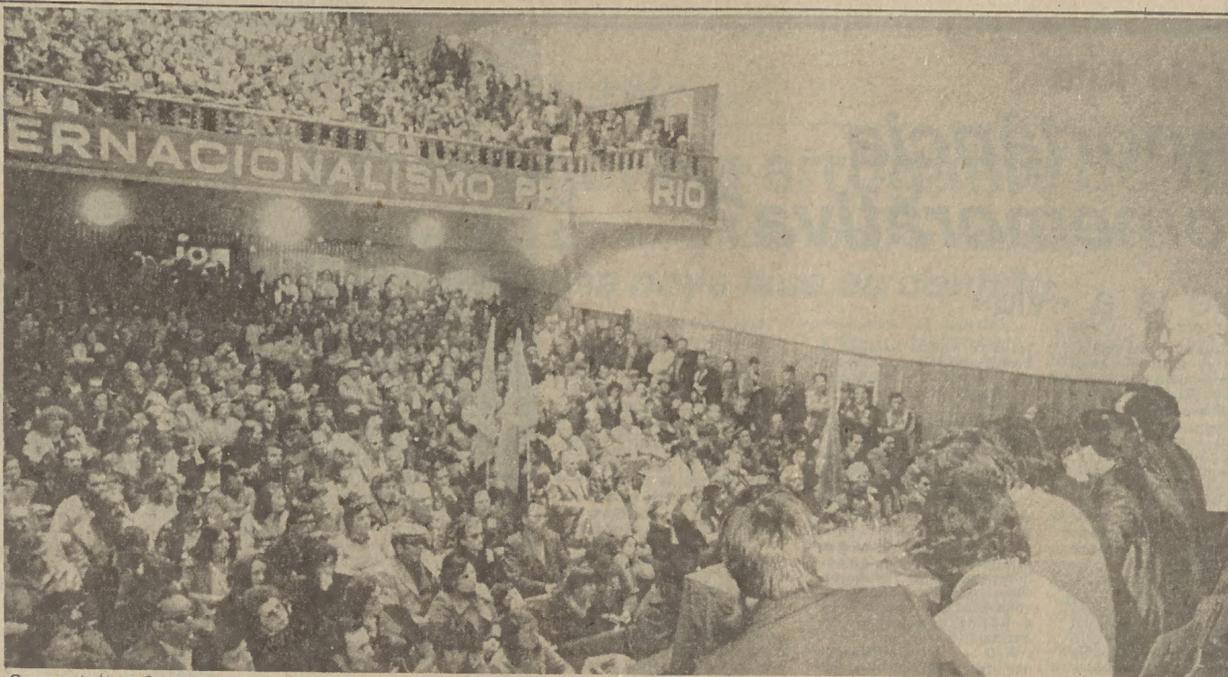


e na grandiosa jornada de luta que será o 1.º de Maio, a juventude demonstrará mais uma vez a sua determinação no caminho a seguir: caminho da consolidação da democracia na perspectiva do socialismo.»

independente e progressista» o Bureau da Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) emitiu recentemente uma «Declaração de Solidariedade para com a Juventude e o Povo de Portugal».

Nesse texto, a FMJD, por ocasião do 7.º aniversário do 25 de Abril, «expressa a todos os jovens progressistas e em particular à sua organização membro, a Juventude Comunista Portuguesa, o seu apoio e a sua solidariedade militante».

# Unhal



O camarada Álvaro Cunhal no decorrer da sua intervenção

independentemente dos seus aspectos diversos, o secretário-geral do Partido sublinhou a importância das conquistas históricas alcançadas pelos povos desses países, as suas componentes anti-imperialistas e anti-capitalistas e o seu destaque na luta pela Paz e a cooperação no Mundo.

Além de Etiópia, Álvaro Cunhal recordou o Afeganistão e as jovens nações africanas que se libertaram do jugo colonial-fascista português, tendo reafirmado a inequívoca posição do PCP para com os povos que ergueram as suas revoluções libertadoras: amizade internacionalista e solidariedade activa.

«Os fascistas e os colonialistas não podem aceitar que Angola e Moçambique vão a caminho do socialismo», referiu Álvaro Cunhal a dado passo da sua intervenção, tendo mais adiante denunciado a ajuda dos reaccionários à conspiração anti-angolana e anti-moçambicana.

Na altura, o secretário-geral do Partido afirmou que de nada servirão as pressões, o sinitismo e as campanhas contra o PCP devido à sua política internacionalista. «Já antes do 25 de Abril éramos solidários com todos os Povos em luta» e nada ninguém conseguirá impedir essa orientação do PCP,

forças suficientes para a defender.

Sobre o primeiro ponto, Álvaro Cunhal salientou a composição e os objectivos do Governo — um Governo de reaccionários que querem liquidar o regime democrático — e a sua política de ofensiva constante contra os direitos dos trabalhadores, contra a situação das famílias com menores recursos e contra o pluralismo na Informação.

A política dos «tectos salariais», a repressão patronal, a contratação a prazo e o aumento do custo de vida foram assuntos apontados na ocasião. Também particularmente denunciada foi a ofensiva contra a Reforma Agrária e contra as empresas nacionalizadas.

Álvaro Cunhal referiu-se ainda à escandalosa situação criada pelo Governo «AD» nos órgãos de Comunicação Social, nomeadamente na Televisão, que está como no tempo de Salazar e Marcelo: um instrumento ao serviço da mentira e da manipulação.

Concluiu-se, pois, que o actual Governo tem os mesmos propósitos do Governo anterior. A política é a mesma.

Com o Governo na mão e com a maioria na Assembleia da República, a «AD» representa, de facto, perigos reais para a democracia portuguesa.

Mas para se defender o regime democrático também existem forças em Portugal. E forças bem suficientes. Neste ponto, Álvaro Cunhal sublinhou a luta da classe operária, a forte adesão às greves realizadas de Norte a Sul do país em torno de justos direitos dos trabalhadores, greves que mesmo em sectores onde seria de

esperar menos mobilização, registaram maciças posições de apoio, solidariedade e adesão; os movimentos reivindicativos, as iniciativas do Governo — um Governo de reaccionários que querem liquidar o regime democrático — e a sua política de ofensiva constante contra os direitos dos trabalhadores, contra a situação das famílias com menores recursos e contra o pluralismo na Informação.

Sobre as jornadas comemorativas do 7.º aniversário da Revolução de Abril, o secretário-geral do partido salientou como «acontecimento importante» a expressão prática da unidade de amplos sectores democráticos, personalidades independentes e militares do 25 de Abril.

### Unidade e confiança

Tecendo algumas considerações sobre a importância da unidade entre os democratas, Álvaro Cunhal denunciou vigorosamente o caminho perigoso seguido por pessoas que tentam boicotar a unidade democrática, como Mário Soares e outros dirigentes do PS, para quem o inimigo não é a «AD» mas sim os comunistas. Um número crescente de socialistas, militantes, simpatizantes e eleitores, verá que essa política não é certa. O Bloco Central não serve o nosso Povo, muito menos quando se trata de uma tábua de salvação para as forças reaccionárias — comentou.

Na segunda parte da sessão — em que os Pioneiros da freguesia de Alverca

e alguns camaradas subiram à tribuna para entregar belos ramos de cravos ao secretário-geral do Partido, momentos sempre sublinhados por entusiásticos aplausos — o camarada Álvaro Cunhal respondeu a várias perguntas colocadas por elementos da assistência, designadamente sobre:

a posição do PCP face à eventual aliança PS/PSD para as eleições autárquicas; a demagogia do Governo «AD» em relação à distribuição de terras na zona da Reforma Agrária; a revisão constitucional; Polónia; CEE; e o perigo das armas nucleares em Portugal.

No início desta reportagem referimos que a sessão de Alverca decorreu num espírito de unidade e mobilização para as grandes lutas populares em

defesa do Portugal de Abril. Acrescentaríamos também confiança na força do Povo, confiança para derrubar os problemas e as dificuldades que surgem no caminho de Abril.

Ao referir-se à ofensiva contra a Reforma Agrária, a propósito da demagogia do Governo com a entrega de pequenas parcelas de terra a camponeses (do meio milhão de hectares roubados às UCP's e Cooperativas só entre 10 a 20 mil hectares foram entregues a pequenos e médios agricultores), Álvaro Cunhal salientou o espírito de resistência e a firmeza com que os operários agrícolas da Reforma Agrária têm de pé as suas 450 UCP's e Cooperativas. E falou então da confiança com que os democratas, com que os revolucionários, têm de estar sempre presentes na vida

política. Quando a reacção avança não pode haver desespero. Tem é que se pensar na forma de deter esse avanço. Recordou, então, as eleições presidenciais. Anteriormente, a AD ganhara as eleições para a Assembleia da República. Houve quem desanimasse. Mas a luta continuou. E a AD sofreu logo de seguida uma pesada derrota. Soares Carneiro ficava pelo caminho. O plano da reacção para a monopolização do poder político fracassara.

É assim a luta política. Há que resistir. Há que avançar. Para depois vencer.

É assim também na Reforma Agrária, que em fins de Maio realizará uma nova Conferência, na qual serão apontadas firmes orientações para o futuro dessa bela conquista de Abril.

## Célula da CP do Barreiro

Um poema de Ary dos Santos evocando Abril, um editorial sobre as nacionalizações como conquista irreversível dos trabalhadores, os perigos da instalação de armas nucleares em território nacional, a solidariedade com a luta do povo de El Salvador contra a ditadura e o imperialismo norte-americano e uma página da responsabilidade da JCP, tal é o conteúdo do novo Boletim dos comunistas da CP do Barreiro.

Do seu editorial destacamos: «As nacionalizações deram um rude golpe no capitalismo monopolista português.»

«Numa fase aguda da luta de classes, os trabalhadores portugueses, opondo-se aos exploradores monopolistas, tiveram um papel determinante no processo das nacionalizações.»

«Os trabalhadores ferroviários fazem parte do grande exército de explorados que contribuiu, através da luta geral ou sectorial, para retirar das mãos dos exploradores o poder económico.»

«Não será demais lembrar que a nacionalização da CP foi



reivindicada por cerca de seis mil trabalhadores da empresa num plenário no pavilhão dos desportos.»

E mais adiante: «Consabridas como irreversíveis na Constituição da República de 1976, as nacionalizações representam uma transformação revolucionária das estruturas económicas e sociais do Portugal de Abril, que temos que defender com todas as nossas forças.»

«Os monopolistas não vão desistir de recuperar o que perderam em 1975. O seu desespero está bem patente na pressa com que actuam, numa altura em que se apoderaram do aparelho de Estado!

«Mas a luta firme e abnegada, a resposta pronta, nas mais variadas formas, que, por toda a parte, os trabalhadores desenvolvem, mostra que existem as forças bastantes para defender as nacionalizações, impedir o regresso à desenfreada exploração capitalista, com a consequente repressão que lhe está associada.»

«Este governo não pode continuar uma política de destruição da democracia. É preciso que todos os trabalhadores, todos os democratas, se unam de novo em torno do objectivo comum: defender as nacionalizações; defender a democracia; defender a liberdade!»

## Célula da Portucel-Setúbal

«Os trabalhadores, todos os democratas e antifascistas, cientes de que só com a sua unidade e luta conseguirão derrotar os planos subversivos da «AD», derrotados nas últimas eleições presidenciais, começam a dar passos nesse sentido.»

Não é pois de estranhar que no último plenário que se realizou no nosso centro, o ambiente que o emanou foi de solidariedade entre todos os democratas determinados em lutar contra o governo «AD» e o seu satélite, o Conselho de Gerência, dando provas que, se necessário, se passará à luta de massas para defender os nossos direitos e regalias já alcançados» — lê-se no editorial do «Digestor», (edição de Abril), boletim informativo da Célula do PCP na Portucel — Setúbal.



As questões de contratação colectiva, a actuação do Conselho de Gerência, aspectos diversos da vida da empresa e da situação dos trabalhadores, um artigo sobre os «Direitos Humanos» com a marca da CIA e uma rubrica de humor constituem os temas principais desta edição do Boletim da Célula dos comunistas da Portucel — Setúbal.

Numa das suas páginas, divulga-se a seguinte notícia: «Reunidos em plenário, os trabalhadores da Portucel, no Porto, decidiram repudiar a acção do actual Conselho de Gerência, não lhe reconhecendo qualquer autoridade para continuar a gerir a empresa. Decidiram ainda recomendar às suas organizações representativas para que desenvolvam acções necessárias para a substituição do CG, responsabilizando o Governo pelas consequências da sua manutenção na Portucel.»

## — Camaradas falecidos

**MANUEL LEANDRO** — Vítima de atropelamento mortal quando se deslocava para o trabalho, faleceu recentemente o camarada Manuel Mendes Leandro, de 49 anos de idade. Natural da Freguesia de Pias, o camarada militava na célula da construção civil desta localidade. Muito estimado por quantos

com ele mantinham relações, o funeral constituiu uma grande manifestação de pesar, nele se incorporando todo o povo de Pias.

**FERNANDO GARRETT** — Faleceu no passado dia 17, no Hospital Pulido Valente, o camarada Fernando José dos Santos Garrett. Muito prestigiado

junto dos seus companheiros de trabalho, o nosso camarada militava na célula do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

**ESTÉVÃO ALVES** — Com 57 anos, faleceu no passado dia 25, na Amadora, o camarada Estévão Fernandes Alves. Ajudante técnico de farmácia, o militante comunista era membro do Partido desde 1974, e pertencia à comissão concelhia de Viseu.

**MARIA EMÍLIA DE CARVALHO** — Faleceu recentemente a camarada Maria Emília Marta do Carvalho, de 36 anos, residente no Barreiro, e membro da

# Festa da Revolução e do Trabalho

Como aqui já foi noticiado, as Comissões Concelhias do Barreiro e Moita do PCP e da JCP promovem brevemente a 2.ª edição da Festa da Revolução e do Trabalho, grande iniciativa de massas já com tradições na Margem Sul.

No próximo fim-de-semana (depois da comemoração do 1.º de Maio), vai-se dar início aos trabalhos de limpeza e implantação nos terrenos anexos ao pavilhão dos trabalhadores de Quimigal.

Com a tua ajuda será mais fácil. Sábado de manhã lá estamos!

## Comerciantes de Setúbal

Para comemorar os 60 anos de vida e luta do Partido, reforçar a organização e contribuir para a campanha de fundos que decorre a nível concelhio para a compra do novo Centro de Trabalho do PCP, a célula dos comerciantes de Setúbal promoveu um jantar-conívio na terça-feira passada em que participaram muitos amigos do Partido.

## Camaradas de Coimbra

No próximo dia 9 de Maio realiza-se às 15 horas, nas instalações do Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, uma importante reunião destinada a camaradas naturais de Arganil, Góis, Lousã, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Tábua, Penacova e Vila Nova de Poiares, que residam na área da Grande Lisboa.

No encontro participarão ainda camaradas do Organismo da Zona da Serra do distrito de Coimbra.

## «O Campinas» do Porto

A Comissão do Bairro das Campinas (Porto) do PCP acaba de editar um pequeno boletim, «O Campinas», em que aborda questões da vida do Partido e vários assuntos do interesse da população, nomeadamente o aumento do custo de vida.

A edição do boletim insere-se na campanha de dinamização da actividade do PCP e tem em vista o reforço da ligação do Partido às massas populares.

## Plenário em Alcácer

Com início às 10 horas, realiza-se no próximo domingo, dia 3, um importante plenário concelhio dos quadros da organização de Alcácer do Sal.

O encontro, que contará com a presença do camarada Carlos Ramaldes, membro do CC e da DORS, decorrerá nas instalações do Centro de Trabalho do PCP naquela vila.

A situação política e social, os problemas da organização concelhia e assuntos diversos sobre o reforço do Partido serão pontos em foco no decurso do plenário. Não faltes!

## Na Moita

Com vista a sensibilizar os quadros para a importância das células do Partido nas empresas e a necessidade do seu reforço, a Comissão Concelhia da Moita do PCP vai promover um plenário no dia 9 de Maio. Prevê-se a participação activa de mais de 20 empresas do concelho, através das camaradas das células. A situação política actual será debatida neste encontro.

## Alhos Vedros

Integradas na campanha de fundos para a SIP, os comunistas de Alhos Vedros promovem as seguintes iniciativas nos próximos dias:

**Domingo** — Almoço-conívio na cave da Sociedade «A Velhinha» aberto a todos os militantes e amigos do Partido.

**Dia 8** — Sessão de fados e Canto Livre, às 21 e 30, no cinema da localidade.

# Organização Lisboa

- A estruturação de células de empresa e de organismos de freguesias e bairros
- A campanha de contactos
- A venda do «Avante!» e de «O Militante»
- Assembleias e Encontros
- O Recrutamento



«No Casalinho da Ajuda e no Bairro do Fielógio, os camaradas não só contactaram camaradas desligados há muito, como recrutaram ainda vizinhos e familiares de camaradas contactados. Para além disso, ainda recuperaram um número elevado de quotas.

«As informações (...) alertam-nos também para algumas questões. Com a pressa de resolvermos casos pendentes, poderemos cair numa certa facilitação e assim afastar camaradas que, com algum trabalho, poderíamos recuperar. Sinta da-nos um exemplo bem vivo desses perigos: um camarada ficou com a tarefa de

contactar 11 camaradas. Desses 11, segundo eles, nenhum queria ficar no Partido. Preocupados com a situação, a Concelhia de Sintra insistiu e, num segundo contacto, desses 11, só 1 não ficou no Partido. Este exemplo mostra-nos bem que deveremos, em primeiro lugar, ter em atenção os quadros que destacamos para fazer estes contactos. Em segundo lugar, que será útil uma reunião prévia com os camaradas, ajudando-os a compreender a responsabilidade da tarefa que vão realizar.

«Este ano temos estado a dar passos importantes no que toca às realizações de Assembleias», refere o boletim editado pela DORS, que adianta: «Realizaram-se já desde Janeiro 23 Assembleias. Entretanto, é de salientar que algumas, como por exemplo a Assembleia da Organização de Painho, no Cadaval, e a dos Pescadores, é a primeira vez que se realizam.» Quanto a Encontros de Quadros («uma grande ajuda no nosso trabalho») é apontada a promoção de 17 desde o mês de Janeiro até fins de Março.

Por último, algumas palavras sobre o trabalho de recrutamento:

«Sem virarmos toda a organização para o recrutamento, devemos, entretanto, dar maior atenção do que aquela que temos dado. Os números dos meses de Janeiro e Fevereiro mostram-nos que não temos feito uma discussão conveniente acerca do alargamento do Partido». Torna-se pois urgente que cada Concelhia e cada Organismo de Direcção de Sector planifiquem e orientem o recrutamento na base das realidades concretas.

**POVO LUTA CULTURA**

daqui partimos para as nossas iniciativas editoriais

Até amanhã camaradas Manuel Tiago Obra completa de SOEIRO PEREIRA GOMES

**Torre cinzenta** José Magro Edições Avante! 100\$00

Expressando os sentimentos de todo o Partido, o colectivo do «Avante!» apresenta aos familiares dos comunistas desaparecidos as mais sentidas condolências.

PCP

# PCP — 60 anos de vida e de luta Qual vai ser a importância da Exposição comemorativa?

• A resposta de alguém que já a «viu»

Levantar um pouco mais do véu que só no próprio dia 7 se rasgará totalmente, quando o Pavilhão dos Desportos abrir as suas portas para desvendar, devidamente organizados numa Exposição, 60 anos de vida e de luta do Povo português, foi a intenção do «Avante!» ao ouvir um dos camaradas que desde o início nela têm trabalhado.

É Manuel Gusmão, da comissão executiva da Exposição, aue nos fala da sua importância, de como se organiza e de alguns dos elementos que a compõem, dos seus objectivos e do público a que se dirige.

«Avante!», — A exposição vai ser inaugurada no próximo dia 7 de Maio. Na tua opinião como poderá definir-se a intenção que presidirá a esta iniciativa? Poderá a exposição ser considerada como uma mostra da história do Partido?

Manuel Gusmão — Desde já, parece-me importante sublinhar que a intenção não é fazer uma exposição sobre a história do Partido propriamente dita. Será mais precisamente uma exposição comemorativa dos 60 anos de luta do Partido, ao serviço do Povo e da Pátria portuguesa.

Nesse sentido, é evidente que a exposição falará da vida e da luta dos comunistas desde a formação do Partido, da sua luta decisiva durante o fascismo e do seu contributo decisivo na Revolução Portuguesa.

Mas porquê o Partido, desde a sua fundação e sobretudo no tempo em que se foi forjando na luta contra o fascismo, tem a sua história indissolvelmente ligada à história da classe operária, dos trabalhadores e do Povo português, é natural que esta Exposição vá ser não apenas uma exposição sobre a organização e a luta dos comunistas portugueses mas inevitavelmente também sobre a luta e a presença na luta comum

de outros democratas — no fundo, a luta histórica do Povo português durante 60 anos.

«A.» — Justamente. Se é certo que os comunistas estiveram e estão na vanguarda da luta, não podemos esquecer a presença constante de outros democratas, aliados nas batalhas que se foram travando.

M.G. — Avancemos mesmo um pouco mais: o surgimento do Partido decorre de uma necessidade sentida pela classe operária, corresponde a um grau determinado do seu amadurecimento. Por outro lado, estando profundamente ligado ao desenvolvimento do movimento operário em Portugal, o PCP representa simultaneamente as tradições progressistas e revolucionárias do Povo português, a esperança de desenvolvimento progressista do nosso país que se foi afirmando em décadas anteriores, as aspirações e grandes ideais de todas as forças democráticas e revolucionárias da nossa História — e também isso a Exposição procurará demonstrar.

Do mesmo modo que será irrecusável para qualquer democrata que se possa falar da

nossa História, da luta política, económica e social dos últimos decénios sem falar do Partido Comunista Português, também nós, quando testemunhamos a luta do nosso Partido durante o fascismo e nos tempos da Revolução Portuguesa, encontramos necessariamente outros democratas, outras forças que estiveram também nessa luta, e temos que falar do conjunto da luta do nosso Povo.

«A.» — Assim, na tua opinião...

M.G. — ... esta Exposição, para além de revelar as profundas ligações do Partido Comunista à classe operária portuguesa e ao Povo português, aos destinos de Nação portuguesa, vai ser — estamos certos — uma contribuição importante para um melhor conhecimento, mais amplo e mais profundo, na nossa própria História, do nosso Povo e do nosso País. Não fala só dos comunistas, e não se dirige só aos comunistas.

«A.» — Uma exposição deste tipo não correrá o risco de ser exclusivamente um olhar sobre o passado?

M.G. — Como é próprio dos comunistas, mesmo quando falamos do passado é para falar

vitória do sistema socialista, a Europa capitalista não conheceu até Abril de 74 e nos anos que entretanto decorreram, uma outra revolução — tão profundamente transformadora de uma sociedade e de um país. E se ela se fez e foi defendida, e continuará a sê-lo, isso deve aos trabalhadores portugueses, à classe operária portuguesa e ao seu partido revolucionário de vanguarda.

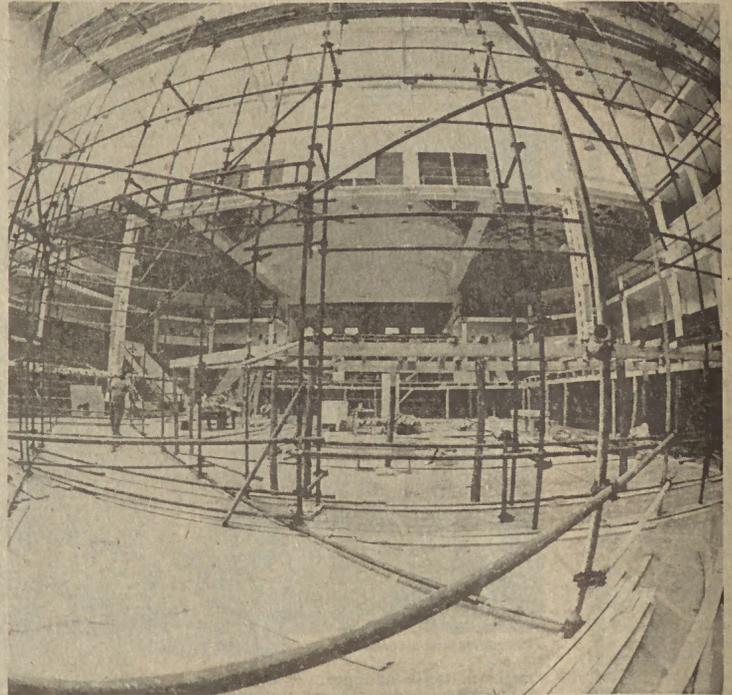
«A.» — De novo, portanto, já no presente, é o papel indispensável do Partido da classe operária na defesa das conquistas da revolução a que a exposição pretende mostrar?

M.G. — Desse empenhamento, do vigor da classe operária e do seu Partido fala, aliás, claramente, também esta realização: numa fase de tão intensa luta política, quando pesam sobre a Revolução portuguesa os riscos que são conhecidos; numa fase em que os comunistas portugueses se encontram tão profundamente empenhados na defesa dos direitos dos trabalhadores, das conquistas da Revolução, na defesa do regime democrático; quando estão tão profundamente empenhados

visitarem a Exposição — que mais nenhuma entidade, organização ou partido poderia erigir uma realização deste tipo. Que decorre claramente do carácter profundamente nacional do nosso Partido, e que contém um valor informativo sobre a luta do nosso Povo e sobre a evolução histórica e política do nosso País de aue só o nosso Partido, que sempre esteve na vanguarda da luta do nosso Povo, pode ser o repositório. Pelo seu próprio património e porque, mais uma vez e como sempre ao longo da sua história pôde contar com a colaboração de muitos outros democratas não comunistas, que nos confiaram documentos e informações adicionais valiosas, que trabalharam ao nosso lado na construção da própria Exposição.

«A.» — E, assim, um trabalho em profundidade! Pelo que já se conhece, e tu próprio acrescentas, será possível afirmar que esta iniciativa ultrapassa o seu cunho político?

M.G. — Sim! Pelas suas dimensões e pela responsabilidade com que a encarámos, vai ser também um acontecimento cultural



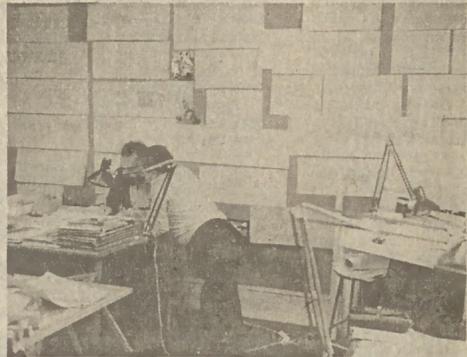
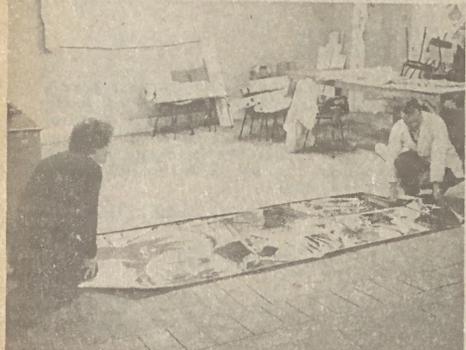
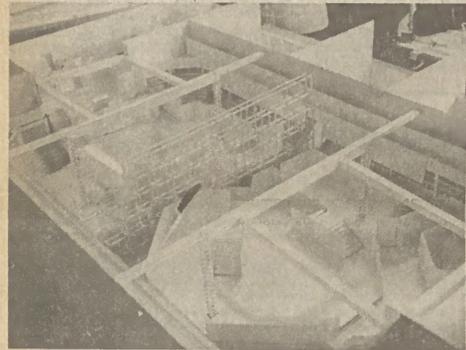
dos seus interesses um papel importante cabe à acção cultural.

Mas importância cultural pensamos que terá também de mostrar como a nossa história está ligada à História do Povo português neste século, à nossa História, e como aí se desenvolve o Partido que somos hoje.

Sublinhar mais uma vez os nossos grandes objectivos finais que são a construção do socialismo e do comunismo em Portugal, e demonstrar que esses objectivos ganham raízes e encontram forças no passado e no presente.

Demonstrar também — com provas, com documentos

autênticos e indelévels — que o PCP é um partido insubstituível na luta pela consolidação de um futuro de independência nacional, de liberdade e de democracia — que são, ao fim e ao cabo, formuladas, as aspirações mais profundas da esmagadora maioria do Povo português.



do futuro! E nesse sentido, a nossa Exposição dará uma grande importância à nossa Revolução, a profunda transformação que em Portugal se deu após o derrubamento do fascismo. Será contribuir, também desta maneira, para a prossecução e para a aprofundar.

É bom lembrar — fazê-lo viver perante os nossos olhos — que no período que se segue à segunda guerra mundial e a

nas pequenas e grandes lutas que por todo o País se travam; quando estão empenhados nas comemorações da Constituição da República e do 25 de Abril e nas grandes jornadas que vão ser certamente as do 1.º de Maio — ainda assim o nosso Partido encontra as forças necessárias para pôr de pé esta Exposição.

Aliás, é já evidente — e sê-lo-á para todos os que



marcante. E isto em dois aspectos que se completam.

Por um lado, houve que investigar, que reunir materiais sobre a luta do nosso próprio Partido, mas não só — também sobre a luta do Povo português e de outras forças democráticas. Houve que encontrar formas de expor, definir critérios de exposição que impuseram, para além da documentação original e autêntica sobre diversas fases da luta do nosso povo, a participação criadora de artistas de hoje sobre momentos passados, mais ou menos recentes.

Porque se trata de fazer, de facto, uma exposição em três dimensões. Para além da fotografia, do documento, do mapa, do gráfico, será a pintura e a escultura, o objecto, o som e a luz que recorta espaços.

«A.» — Já nos falaste de que a exposição vai mostrar. Mas que pretende ela «demonstrar»? Quais os seus objectivos?

M.G. — Por uma questão de método e de forma, a Exposição será mais uma afirmação do tipo de preocupações políticas e de objectivos do PCP e do modo como neles se fundem a dedicação à classe operária e a compreensão de que na defesa



Ainda em fase de colagem sobre painel, um dos mapas em que se assinalará, por anos, as lutas travadas desde a reorganização do Partido até ao derrubamento do fascismo.

## Os mapas

Em dezenas de mapas de Portugal, por vezes ano a ano, estarão devidamente assinaladas as localidades onde houve lutas e, referenciadas por diferentes cores, que tipo de lutas: as lutas económicas, reivindicativas da classe operária, dos camponeses, de outros sectores e camadas sociais, a participação nas campanhas «eleitorais» durante o fascismo, as próprias lutas militares nos quartéis, as lutas estu-

dentas. Assim, a luta em cada frente e à convergência dessas lutas numa única grande torrente de combate. Pela observação dos mapas poderá ser comprovado o aporecimento na luta de novas camadas de trabalhadores e de novos sectores, e convergência que se verifica entre a luta democrática (nomeadamente o aproveitamento das batalhas eleitorais de 69 e 73), a luta reivindicativa da classe operária, o ascenso e o desenvolvimento do movimento sindical nos próprios Sindicatos Nacionais, as lutas estudantis, as lutas nos quartéis, a luta anticolonial e anti-imperialista.

Assinalada nos mapas, esta realidade da luta de massas contra o fascismo ajudará-nos a, além do mais, a entender porque é que, no raiar da manhã do 25 de Abril, o Povo português esteve tão claramente com o MFA e levou por diante, numa tão larga frente de massas, com tanta decisão e objectivos tão precisos, a nossa Revolução!

E combatendo-o, o Partido apresenta a todo o Povo português a alternativa revolucionária: apela à intensifica-

# Prolongar a jornada do 1.º de Maio trabalhando no Pavilhão!

Dos vários «estaleiros» onde durante semanas se prepararam materiais — Belém, Santos, Queluz, Cacém, S. Bernardo, Beato — e da António Serpa, quartel-general onde cada última decisão é ainda tomada, a Exposição comemorativa do 60.º aniversário do PCP começa finalmente a transferir-se para o Pavilhão dos Desportos. Aqui, a montagem em ritmo acelerado das estruturas e plataformas que alicerçarão o novo pavilhão vai sendo acompanhada do andamento e mesmo já da arrumação de alguns dos milhares e milhares de elementos que a vão compor.

Na António Serpa, um ambiente febril, o cansaço a marcar muitos rostos, a preocupação de que «já só falta uma semana». Alerias, indicações, lembranças, novas ideias (e ideias!) circulam entre as mesas de trabalho, cada um deturcado sobre textos, fotos, plantas, maquetas, numa só aparente confusão: de facto, cada um é elo de uma grande cadeia de trabalho colectivo que frutificará, no dia 7, no riquíssimo painel sobre 60 anos de vida, de lutas e de vitórias do povo português que será esta Exposição.

Neste momento, o trabalho desenvolve-se fundamentalmente em duas frentes.

Por outro lado, é a continuação da preparação dos materiais que vão ser expostos — acabar painéis, encontrar as soluções gráficas e de exposição para mostrar, por exemplo, o que representou o fascismo como ditadura terrorista dos monopólios, como se formaram e cresceram os grandes monopólios que dominaram a sociedade portuguesa — torná-lo bem claro em termos de exposição. Do mesmo modo, com quadros, com gráficos, através da pintura e da

escultura, mostrar o que foi a vida clandestina. Como é que, depois da instauração e institucionalização do fascismo, o nosso Partido é o único partido que consegue resistir à repressão. E demonstrar que a vida clandestina não é uma opção do Partido (uma «nossa vocação», como dizem os reaccionários) — é, sim, uma necessidade imposta pela repressão, a que o Partido consegue dar resposta encontrando as formas de organização que lhe permitiram ligar-se às massas e dirigir a luta contra o fascismo, em defesa dos interesses dos trabalhadores e da democracia portuguesa.

Encontrar ainda as últimas soluções para tornar claro a intrínseca ligação entre a luta travada pelos comunistas e a luta do povo português, dos democratas de tantas gerações e quadantes contra o fascismo.

E estudar a forma de enquadrar objectos que são também documentos inestimáveis dessa luta — por exemplo, objectos revolucionários por militantes revolucionários e que atestam a maneira como ali se continuava a contribuir para a luta que o Partido continuava a desenvolver cá fora.

São exemplos avulsos do

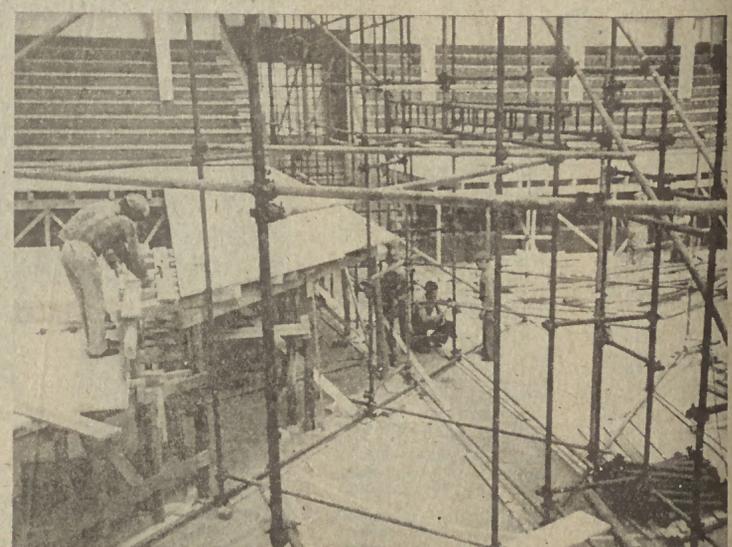
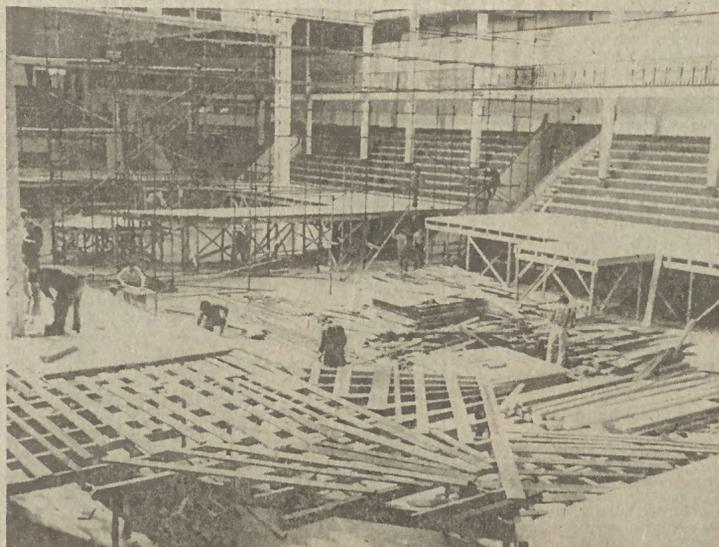
trabalho em curso — do que é ainda preciso terminar, arrumar, enquadrar.

Mas a segunda frente de trabalho — e decisiva! — é o próprio Pavilhão. Ali se montam os estrados, as estruturas que vão receber os painéis com fotografias, com documentos, com objectos, com vitrinas.

O resultado vai ser surpreendente! Mas para o alcançar continua a ser preciso o esforço de muitos, o trabalho de muitos. Carpinteiros, pintores, electricistas — electricistas que, nesta fase final terão que ser muitos, a «retocar» cada zona da Exposição. E, além destes, todos os que possam «dar uma mão» a milhares outras tarefas não

especializadas, como por exemplo deslocar painéis para os locais onde depois serão montados.

Para quem possa ajudar, aqui vai a nossa proposta, camaradas: prolongar a grande jornada do 1.º de Maio participando, sobretudo sábado e domingo, no trabalho no Pavilhão dos Desportos!



**Trabalhadores**

**Campanhã (PORTO)  
apelo conjunto  
do PS e do PCP**

Em comunicado conjunto difundido na semana passada, a Secção de Campanhã (Porto) do Partido Socialista e a Comissão de Freguesia de Campanhã do PCP, no momento «em que o Governo tenta para que o regresso a um passado de opressão e exploração seja uma realidade» apelam para «que todos aqueles que acreditam e desejam uma sociedade mais justa e mais livre, se unam e lutem pela defesa dos ideais de Abril».

No comunicado conjunto, afirma-se que o 25 de Abril não pode ser dissociado do 1.º de Maio e apela-se aos trabalhadores para que comemorem condignamente o seu dia.

**Intelectuais  
apelam no 1.º de Maio**

Num apelo a todos os trabalhadores intelectuais de Lisboa para que se concentrem amanhã, 1.º de Maio, pelas 14 e 30 no Largo Marfím Moniz, ao lado da Capela da Senhora da Saúde, professores, artistas, cientistas, técnicos, juristas saúdam o Dia Internacional do Trabalhador como «grande manifestação de confraternização e luta de todo o Povo, expressão de alegria e combate pela conquista e a defesa da Liberdade em Portugal». O apelo é subscrito por Alfredo Flores (presidente do Sindicato dos Músicos), António Matos Gomes (presidente da Secção Regional do Sul da Associação dos Arquitectos Portugueses), António Teodoro (presidente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa), Curado Ribeiro (presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Espectáculos), Frederico Carvalho (presidente da Organização dos Trabalhadores Científicos), José Moita (presidente do Sindicato dos Psicólogos), Luis Azevedo (presidente da Associação Portuguesa de Juristas Democratas), Luis Francisco Rebelo (presidente da Sociedade Portuguesa de Autores), Mariette Barbosa (presidente do Cineclub Imagem), Manuel Neves (presidente do Cineclub ABC), Óscar Cruz (presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul), Urbano Tavares Rodrigues (presidente da Associação Portuguesa de Escritores), Augusto Abelaira, escritor; Carlos Oliveira, escritor; José Gomes Ferreira, escritor; José Saramago, escritor; Mário Dionísio, escritor; Dinis Machado, escritor; Hogan, pintor; Virgílio Domingues, escultor; Lopes de Almeida, advogado; Fonseca e Costa, realizador; Henrique Espírito Santo, realizador; Laginha Serafim, professor universitário; Ulpiano Nascimento, economista; Salvato Telles de Menezes, professor; Zilda Carvalho, investigadora; Pedro Serra, engenheiro; Álvaro Campos de Carvalho; Castro Guerra, engenheiro; Fernando Lopes Graça, músico; Fernando Lima, coreógrafo; Agueda Sena, coreógrafa; Rogério Paulo, encenador; Artur Ramos, encenador; Helder Costa, encenador; Mário Barradas, encenador; Céu Guerra, atriz; Ivone Silva, atriz; João Perry, actor; João Mota, actor; Francisco Nicholson, actor; Carlos Mendes, cantor; Fernando Tordo, cantor; Vilaverde Cabral, jornalista.

**Defender na Flexus  
80 postos de trabalho**

A política de importações deste Governo ameaça postos de trabalho. Na Flexus, empresa ligada à fabricação de guarda-chuvas, de início eram «apenas» 55 os postos de trabalho em perigo. Ultimamente a ameaça subiu para 80, praticamente a totalidade dos trabalhadores da empresa. No entanto, a Flexus é viável, ou antes seria perfeitamente viável com todos os seus trabalhadores, se, por exemplo em Março findo Portugal, isto é, este Governo, não tivesse importado 35,5 toneladas de armações para guarda-chuvas, do Extremo-Oriente. Os esforços dos trabalhadores e dos seus representantes junto do Governo, dos deputados para defenderem os seus direitos não conduziram até agora a qualquer resultado. Mantém-se a ameaça contra o emprego de 80 pessoas. Perante a necessidade de cortar com a importação de mercadorias fabricadas no País, o Governo não faz e abandona ao seu destino pequenas e médias empresas que juntas somam muitos milhares de postos de trabalho. Os trabalhadores não aceitam esta situação e vão continuar a exigir a garantia e a segurança dos seus empregos na Flexus.

**Boa adesão  
na Soares da Costa**

Demonstrando grande espírito de unidade e de luta, os trabalhadores da Sociedade de Construções Soares da Costa aderiram massivamente à greve convocada para os dias 23 e 24 do corrente. Muitas centenas de trabalhadores participaram com grande combatividade na concentração realizada junto da sede da empresa, na Avenida da Boavista, no Porto, exigindo que os dirigentes sindicais fossem recebidos pela Administração. Sob a pressão dos trabalhadores, a entrevista veio efectivamente a verificar-se, não tendo no entanto, uma vez mais, a Administração assumido qualquer compromisso claro de cumprimento da lei e de respeito pelos direitos sindicais, como os trabalhadores exigem.

**Na Sereia  
Patrões «Modelo»  
mais o «seu» Governo**

Os patrões da Sereia (conservas, óleos e farinhas de peixe) empresa com cerca de 200 trabalhadores, sobretudo mulheres, no concelho do Seixal, a pretexto de actualizarem salários que não pagam há sete meses, «vão conseguindo alguns dinheiros que arrecadam em seu proveito, vivendo à grande e luxuosamente». «Vão vendendo (além do mais) o património da empresa, sem que os trabalhadores vejam, ou sequer saibam para onde vai esse dinheiro». Quem informa sobre estes e outros atropelos à mera dignidade é a Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Concelho do Seixal; que acrescenta a dada altura, num comunicado sobre a situação na Sereia: E quando os trabalhadores exigem explicações sobre a sua situação, nomeadamente reclamando os seus salários e o seu direito ao trabalho, estes abutres (os patrões) ao mesmo tempo que requisitam a GNR para a empresa vão fazendo promessas que não cumprem. A última dessas promessas é que a situação vai ser resolvida em 15 de Maio. Há pelo menos agora uma data com prazo. Mas há 3 anos já que a luta se desenvolve na empresa. O comunicado da Coordenadora, que refere as principais datas da Sereia, designadamente a fundação no princípio de 1977 com um efectivo de cerca de 250 trabalhadores, na grande maioria mulheres, a venda, cerca de um ano depois «a um conjunto de indivíduos para creditarem tecnologicamente um projecto de cooperação e desenvolvimento com a Venezuela, que seria financiado em 5 milhões de dólares, projecto este que acabaria por nunca ser abalizado pelo Governo e pela banca, sem que ainda se saiba porquê» e ainda a data de Dezembro de 1980 em que «a empresa voltou a ser vendida a outros da mesma laia que, de promessa em promessa, têm vindo a manter a mesma situação de desgaste, não pagando nada de nada, desde salários em atraso (7 meses) até subsídios diversos e retroactivos dos trabalhadores da manutenção, farinhas e escritórios, com o propósito de, para além do mais, levar os trabalhadores ao abandono dos seus postos de trabalho, para melhor e mais rentavelmente se amanharem». É esta hoje a situação de uma empresa onde as organizações dos trabalhadores se vêem obrigadas a intensificar a luta «no sentido de sensibilizar os demais órgãos de soberania, já que do (des)governo «AD» e seus lacaios nada se pode esperar que não seja a mentira e o desrespeito pelos mais elementares direitos e interesses dos trabalhadores».

**Ainda  
os Escritórios  
do Porto**

A posse dos corpos gerentes, constituídos em comissão directiva, eleitos há mais de dois anos para o Sindicato dos Escritórios do Porto, anunciada para a quinta-feira da semana passada, acabou por não se efectivar, pois o bando dos «cessantes», com o seu afastamento confirmado em Assembleia Geral, decidiu encerrar às 13 horas desse dia as instalações do Sindicato. Fechar as portas sempre que os trabalhadores em massa se dirigem para a sede parece ser a única forma «democrática» do actual nectus circumspectus por parte dos usurpadores do Sindicato dependentes da UGT.

**Função Pública  
Intransigência arrogante do Governo**

- **Ministro dá por encerrado o «dossier»**
- **CNS analisa nova fase do conflito**

Depois da greve que terminou em 16 de Abril findo, a maior realizada no sector desde o 25 de Abril, com uma adesão surpreendente e com bons reflexos nas formas de luta adoptadas posteriormente, a luta na Função Pública promete agravar-se após o plenário previsto para as 15 horas de ontem, em Lisboa, e que está a decorrer na altura do fecho do «Avante!». O plenário é convocado pela CNS (Comissão Negociadora Sindical) da Frente Comum que, como se sabe, é integrada por 28 Sindicatos, incluindo os professores. A reunião de âmbito distrital deve analisar a situação e decidir sobre perspectivas

futuras, agravadas entretanto com a posição dos mentores do divisionismo, dóceis perante um Governo, cujas posições, no caso da Função Pública, pareceram rejeitar em dado momento para melhor o apoiarem depois, como se viu anteontem à noite frente às câmaras da Televisão. Os Sindicatos dos Professores que subscreveram a PRI (Proposta Reivindicativa da Função Pública anunciavam entretanto uma paralisação com início em 5 de Maio se até lá não se resolver entre outras reivindicações, a questão da tabela imposta pelo ministro Eusébio de Carvalho. Este deu na TV «o dossier» por

«encerrado». O «dossier» é a tabela salarial imposta pelo ministro da Reforma Administrativa a quase 400 mil trabalhadores da Função Pública privados do direito de negociação que segundo a Lei Fundamental do País, não pode ser negado a nenhum trabalhador. Num memorando entregue entretanto aos deputados da Função Pública, o ministro Eusébio de Carvalho e o Governo à imposição de uma tabela salarial aos TFPs, incluindo professores. De acordo com esse documento talvez não seja inoportuno lembrar que «o sr.

ministro da Reforma Administrativa disse aos Sindicatos em 20 de Fevereiro que o Governo dispunha de 13,62 milhões de contos para a revisão da tabela salarial e das restantes prestações pecuniárias, assim distribuídos: 11,7 milhões de contos para a tabela salarial; 1,2 milhões de contos para o aumento de 16,6 por cento para as diuturnidades a partir de Janeiro; 720 mil contos para aumentar o subsídio de refeição de 50 escudos para 60 escudos». No entanto, nenhum desses números foi válido posteriormente para o ministro. É essa a conclusão a que já se

chegara há muito, mas que agora oportunamente o memorando vem lembrar. No entanto, ficou «claramente demonstrado que com os 13,6 milhões de contos, que o ministro da Reforma Administrativa diz ter disponíveis, é possível construir uma vasta gama de tabelas salariais todas retroactivas a Janeiro, ficando ainda disponíveis verbas com as quais se poderão actualizar este ano as diuturnidades e o subsídio de refeição». Depois de reafirmar que «não têm posições intransigentes e que estão dispostos à negociação», os Sindicatos que compõem

a CNS sublinham que «não há obstáculos intransponíveis e não há impeditivos de ordem financeira para que o Governo possa satisfazer as reivindicações fundamentais dos trabalhadores da Função Pública». Com base na exposição que consta do extenso memorando que temos vindo a citar, a CNS salienta ainda, como já o fez junto do ministro da Reforma Administrativa, que permanece totalmente disponível «para reatar desde já as negociações interrompidas unilateralmente pelo Governo, por forma a encontrar soluções para os pontos que estão na origem do conflito».

**Na indústria naval**

Lisnave, Setenave, Arsenal do Alfeite, Parry & Son são nomes familiares aos noticiários, à opinião pública. Trata-se de grandes empresas. O que lá se passa interessa ao País. É um ramo inteiro da indústria nacional que está gravemente afectada. São 28 mil trabalhadores, a grande maioria em empresas do sector empresarial do Estado (mais de 85 por cento do volume do emprego) na indústria naval. Naturalmente que esses trabalhadores não estão desprotegidos. Estão fortemente organizados. Defendem os seus interesses com grande adesão e unidade crescente. Mas mal é que essa capacidade organizativa, essa força seja obrigada a recorrer à greve para defender interesses nacionais, para preservar da

rapina do capital financeiro tudo o que dá, ou pode vir a dar lucros nessas empresas, enquanto os seus salários se degradam perante o aumento emparável do custo de vida, enquanto o País paga anualmente mais de 15 milhões de contos em divisas, em dinheiro estrangeiro, para tratamento de navios estrangeiros. As organizações representativas dos trabalhadores da Lisnave dentro da empresa denunciavam recentemente a «compra de empresas, utilizando a Lisnave como suporte para benefício do sr. J. M. Mello e sem que os trabalhadores fossem ouvidos», pondo assim em causa a empresa onde trabalham, ameaçando os postos de trabalho; denunciavam «a criação de novas empresas a partir de

secções rentáveis da Lisnave com o objectivo de desmembrar» a empresa e criar «o novo grupo monopolista»; alertavam para «o cancelamento da venda da Estação de Limpeza da Mitrena a Setenave para a entrega a Gaslimpo»; protestavam contra a «alteração de regalias sociais e políticas». Na Setenave, ao fim de 5 dias alternados de greve, a administração mantinha, entretanto, a sua proposta. Admitindo ela própria que «algumas empresas do sector praticam já hoje vencimentos substancialmente superiores aos números dessa proposta», continua ainda assim a obrigar os trabalhadores a recorrer a formas de luta para defenderem reivindicações elementares.



**Encontro  
de pescadores do Norte**

No próximo sábado, 2 de Maio, no Cinema de Santa Clara, na Póvoa do Varzim, as comissões concelhias de Matosinhos, Póvoa, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia levam a cabo um Encontro sobre a Segurança dos Pescadores da Costa Norte. «Com o PCP na defesa da vida dos pescadores» será o lema desta iniciativa que incidirá principalmente nas questões ligadas às normas de segurança a bordo dos barcos, aos meios de salvagem em terra, ao sistema de alerta, à segurança dos portos, ao papel das capitães, à legislação e de um modo geral a tudo o que diz respeito à segurança, que não é apenas um problema dos pescadores, mas de toda a sociedade. A realização do Encontro corresponde à vontade dos comunistas de fazer frente a uma situação extremamente grave, designadamente para os pescadores da zona. Só no ano passado foram trinta os pescadores do Norte mortos em naufrágios. A preocupação das comissões que organizam o Encontro — sabendo-se que hoje em dia é possível atenuar sensivelmente as condições de risco em que actúan os pescadores — é encontrar soluções para os problemas concretos que afligem os trabalhadores e as populações. Independente de qualquer exigência de ordem partidária, o Encontro destina-se a reunir esforços no sentido indicado, em conjunto com todos os interessados. Sabe-se que é desejo comum que se adopte uma política que proteja a actividade dos pescadores e não deixe ao acaso as suas vidas. Assim, além de militantes do Partido designados como delegados participarão no Encontro do próximo sábado, na Póvoa do Varzim, pescadores e outros trabalhadores ligados à actividade pesqueira ainda convidados e representantes de autarquias locais, corporações de bombeiros, sindicatos, associações de mestres e outras colectividades.

**Nas minas, na metalurgia, na química**

Os mineiros portugueses, que pararam em vários locais de trabalho, designadamente em Valongo e na Panasqueira, terminaram em 25 de Abril a sua participação numa Semana Internacional de Solidariedade e Acção. Num documento, os sindicatos do sector consideraram aquela participação um «marco importante da luta dos mineiros por melhores condições de vida e de trabalho».

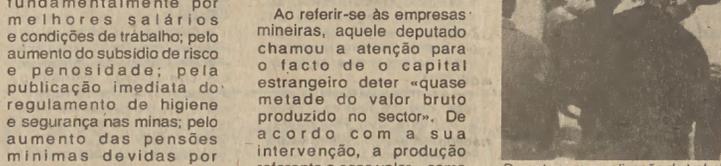
«A realidade do nosso dia-a-dia, os baixos salários, os perigos constantes, a falta de escrupulos de alguns patrões, a ineficácia e desprezo do Governo pela nossa situação, a falta de garantias para as nossas famílias quando somos vítimas de acidente ou doença profissional é uma situação que tem de ser profunda e radicalmente alterada».

«Ao referir-se às empresas mineiras, aquele deputado chamou a atenção para o facto de o capital estrangeiro deter «quase metade do valor bruto produzido no sector». De acordo com a sua intervenção, a produção referente a esse valor, «como

o caso do volfrâmio, tem sido exportada sem qualquer aproveitamento ou transformação interna, pelo que poderemos concluir — acrescentou — que a exploração das riquezas do

nosso subsolo, em contradição com o consagrado constitucionalmente, tem sido caracterizada por uma profunda operação de rapina».

oferecidos pela gerência, os trabalhadores da Progresso Mecânico (ramo metalúrgico, com instalações na Portela da Ajuda e Santo Amaro) estão dispostos a parar o trabalho na próxima segunda-feira, se até hoje a administração não atender a sua primeira e elemental reivindicação: negociar o cederio reivindicativo e não aumentar apenas uns 50 dos 360 trabalhadores da empresa. Caso a intransigência se mantenha, os trabalhadores prevêem uma primeira paragem de 4 horas (das 14 às 18) na próxima segunda-feira. Outras lutas prosseguem entretanto no sector com relevo para a Sorefame, UTIC, Siderurgia, e no sector químico, designadamente na Fisipe. Na base de todas as lutas estão reivindicações de ordem salarial e a defesa intransigente das empresas e dos postos de trabalho.



Durante uma paralisação de trabalho dos mineiros da Panasqueira.

**Transportes parados por todo o País**

Numa intervenção do grupo parlamentar do PCP sobre o assunto na Assembleia da República, no decorrer daquela Semana Internacional, o deputado António Mota recordou as várias intervenções comunistas que já ali tinham sido produzidas sobre a situação social dos mineiros, referiu o conhecimento directo que

os deputados do PCP têm dessa situação e acrescentou as «combativas palavras» que os próprios trabalhadores dirigiram ao País anunciando a sua luta: «A realidade do nosso dia-a-dia, os baixos salários, os perigos constantes, a falta de escrupulos de alguns patrões, a ineficácia e desprezo do Governo pela nossa situação, a falta de garantias para as nossas famílias quando somos vítimas de acidente ou doença profissional é uma situação que tem de ser profunda e radicalmente alterada».

algumas das suas partes mais rentáveis, incluindo o turismo e o transporte de mercadorias. A forma de luta adoptada, que indubitavelmente causa prejuízos e incómodos, não pôde ser evitada. Mais uma vez, como vem sucedendo um pouco por todo o lado e principalmente no sector dos Transportes, o Governo AD/Balsemão pretende virar as greves e outras formas de luta contra os trabalhadores, tentando enfraquecer, por vezes com a ajuda directa dos divisionistas, a sua capacidade de negociação e de luta. O movimento sindical tem desmascarado essa manipulação da opinião pública que utiliza com descaço a TV, a Rádio e toda a comunicação social ao seu dispor. Mas

o programa do Governo baseia-se precisamente no confronto e para que ele resulte é preciso virar trabalhadores contra trabalhadores, explorar as «potencialidades» do divisionismo e continuar a actuar contra os interesses de milhares de trabalhadores pondo em risco um dos seus bens mais preciosos: o posto de trabalho, o emprego, o pão.

No Porto STCP forçados a nova greve Alegando, entretanto, falta de tempo para a discussão do problema em Conselho de Ministros, os responsáveis governamentais pelo sector

de transportes mantém silêncio quanto às últimas propostas dos trabalhadores para a resolução do conflito laboral nos STCP. Como referimos a semana passada, a Comissão Negociadora Sindical fizera há cerca de dez dias propostas que o ministro dos Transportes e o secretário de Estado declarariam considerar aceitáveis. Mas a resposta, prometida para o passado dia 20, continuou por dar. Afirmam os responsáveis do sector que falta o acordo do Ministro das Finanças, Morais Leitão. Se não mudar a atitude do Governo no decurso desta semana, os trabalhadores dos STCP prosseguirão a sua luta com uma greve de quatro dias, entre 4 e 7 de Maio.

**Terra**

# Balsemão no Alentejo Afinal os documentos não estavam prontos...

O jornal do PPD - «Povo Livre» - de 22 de Abril último inseria na página onze um anúncio de excursão à Herdade dos Machados a realizar no passado dia 26, data em que o primeiro-ministro Balsemão se deslocaria àquela zona do Alentejo a pretexto de «homenagear Sá Carneiro». Com efeito, naquela data, o primeiro-ministro Balsemão chegou à Herdade dos Machados acompanhado por três autocarros de excursão.

Se o anúncio tivesse sido publicado no «Expresso» talvez os autocarros fossem em maior número. Na falta destes a companhia não os conheceu latifundiários da região (Madeiras, Pau Preto e M. da Silva, entre outros). Como se não bastasse uma aparatosa presença da GNR fez-se sentir em todos os cruzamentos, a partir de Serpa.

Nas vésperas daquela data, Frades Canêlas, do MAP, fez uma reunião preparatória com os trabalhadores da Herdade a quem tinha sido distribuída terra e na qual prometeu

Entretanto, no sábado, uma placa assinalando o primeiro aniversário da distribuição de terras foi colocada. E no domingo Balsemão chegou, com o discurso. E logo os agricultores ficaram desiludidos pois o prometido documento não foi entregue com a desculpa de que não estava pronto. Só depois da revisão constitucional, prometeram, e que seria entregue. As desculpas que eles arranjaram para não cumprirem as promessas que fazem com intuito de ganharem votos. Para dar um ar de pluralismo a televisão colheu alguns depoimentos dos agricultores. Mas, nisto de pluralismo convém não exagerar, e vá de seleccionar as entrevistas. Assim, só puderam falar o antigo leitor da Herdade dos Machados, um dos que recebeu terras, o sr. Félix, mais o seu genro, Bento Coelho. Digna de respeito a indiferença

da população nos locais por onde Balsemão passou. Na próxima iniciativa do mesmo género o PPD deve programar excursões não só para o local onde se realize a sessão solene mas também para os principais pontos do percurso - deste modo já o primeiro-ministro pode apanhar um banho de multidão, com bandeiras e tudo. O mais importante disto tudo é que quanto ao referido documento, nisto, E depois da revisão da Constituição outra desculpa será encontrada para não distribuir os prometidos documentos. Que o digam outros agricultores, aguardando o cumprimento desde que Sá Carneiro foi primeiro-ministro de promessas idênticas, sempre que o governo precisa (ou precisava) melhorar o image ou recolher votos. Entim: um episódio bem significativo do que é a AD no poder...

a entrega de um documento a todos os contemplados. O documento era entregue durante a visita de Pinto Balsemão, e está-se a ver o objectivo desta promessa - obrigar todos os agricultores a estarem presentes. Assim sucedeu, com efeito. Com agricultores, excursionistas e latifundiários mais os elementos da GNR - a reportagem da televisão mostrou alguns elementos fardados atentos ao discurso do primeiro-ministro - estariam presentes algumas centenas de pessoas.

**Nacional**

# Congresso Mundial de Mulheres na Checoslováquia, em Outubro

● O tema «A Mulher e o Trabalho» debatido em Lisboa

«Igualdade, Independência Nacional, Paz» é o lema do Congresso Mundial das Mulheres que decorrerá de 8 a 13 de Outubro deste ano, em Praga, capital da República Socialista da Checoslováquia.

Prevê-se que essa importante realização internacional venha a promover actividades diversas orientadas para a concretização dos objectivos do Decénio da ONU para a Mulher e do Programa de Acção aprovado na Conferência Mundial realizada em Copenhague em Julho de 1980.

Entretanto, efectuou-se recentemente em Lisboa uma reunião preparatória do Congresso de Praga versando a temática: «A Mulher e o Trabalho, incluindo a Mulher Rural», uma das sessões do Congresso.

O encontro, organizado em cooperação com o MDM, a partir da iniciativa da FDM - Federação Democrática Internacional de Mulheres -, registou a participação das seguintes organizações nacionais filiadas na FDM: União Nacional das Mulheres da Argélia, Liga Democrática das

Mulheres Finlandesas, União das Mulheres Francesas; União Revolucionária das Mulheres da Guiné; Movimento Democrático das Mulheres Espanholas; Conselho Nacional das Mulheres Húngaras e Federação das Mulheres Democráticas do Panamá.

Participam ainda representantes da Federação Sindical Mundial; União Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores da Agricultura, Florestas e Plantações; Federação Mundial da Juventude Democrática; e Organização Internacional do Trabalho (OIT).

As conclusões da reunião que em Lisboa preparou o documento base da referida Comissão do Congresso a realizar em Outubro foram divulgadas na passada semana, no Sindicato dos Rodoviários, no decurso de uma conferência de imprensa. Na mesma encontravam-se a secretária-geral da FDM, Miriam Virolin; a representante da OIT, Ekaterina Korchounova; e duas dirigentes do MDM, Maria José Ribeiro e Conceição Moraes.

No texto apresentado aos jornalistas salienta-se a dado passo:

«Os participantes reafirmaram que o direito ao trabalho é um direito fundamental da mulher. As mulheres são as primeiras vítimas do desemprego. A maior parte dos desempregados são mulheres e jovens. O salário desigual para trabalho igual continua a ser uma das principais formas de discriminação da mulher, mesmo em muitos países que já reconheceram legalmente o direito a salário igual para trabalho igual. Um grande obstáculo no caminho dos direitos da mulher no trabalho é o analfabetismo e a falta de formação profissional. Em muitos países, mesmo as mulheres que frequentaram o ensino superior ou obtiveram formação profissional, vêm a sua promoção travada como resultado da discriminação com base no sexo».

E mais adiante: «As participantes do grupo de trabalho sublinharam a necessidade de serem tomadas medidas urgentes de protecção à materni-

dade e que assegurem as condições necessárias à formação da futura geração, de forma a que as mulheres possam conjugar a pleno o seu papel de trabalhadoras, mães e cidadãs».

As organizações de mulheres dos países socialistas referiram «as constantes medidas tomadas nos seus países para garantir a igualdade de direitos à mulher, no trabalho e na sociedade, quer a nível da legislação, quer na prática».

A reunião de Lisboa - outras se seguirão em diferentes capitais do Mundo, para preparação das restantes Comissões do Congresso, tal como anunciou Miriam Tuominen - sublinhou ainda que o aumento das despesas militares se reflecte em restrições nos serviços (saúde, educação, ensino, segurança social, etc.) que representam a infra-estrutura necessária à igualdade de direitos no trabalho. A luta pelos direitos da mulher só poderá ser bem sucedida se levada a cabo em estreita ligação com o desenvolvimento e a defesa da paz.

# Como alguns viram o 25 de Abril

Mais uma vez, no sábado passado - dia 25 de Abril - a RTP proenunciou a quem quer ver as linhas com que a AD cose a informação que domina.

No principal noticiário desse dia, a RTP deu provas de um pluralismo e noticiário de dor. Compreende-se: tratava-se de diluir o impacto de uma grandiosa manifestação - grandiosa pelo número de pessoas e pelo significado amplamente unitário de que se revestiu - tentando fazê-la passar por mais uma entre outras iniciativas de igual cariz...

E foi assim que tivemos essa inesquecível jornada tratada em pé de igualdade, ou menos do que isso, com um ajustamento que não chegou a campear no Largo de Camões promovido pela UDP, um outro com Otelio que não conseguiu encher o Teatro Vasco Santana, e mais umas desgarradas e descoladas

festividades por conta da edilidade lisboeta. Para a RTP, foi tudo a mesma coisa. E quanto às comemorações populares no Porto e no resto do País, nem cheiro...

Para não deixar dúvidas acerca do modo como a RTP pretendem assinalar a data, os homens de mão de Pronça decidiram ainda convidar nessa noite para uma série de comentários sobre os últimos anos de vida nacional um cadáver político e cultural chamado António José Saraiva, o qual perante um muitas vezes atónico e comprometido Seruca Salgado, produziu realmente, nos breves momentos em que se conseguiu fazer entender pelos telespectadores alguns «comentários» que se não fossem tão deprimentes e senis, bem poderiam ser considerados uma verdadeira provocação ao Portugal democrático.

Registe-se, entretanto,

uma constatação correcta saída da boca de AJS, que só peça pela demasiada modestia: «Sou um assassino de palavras».

Mas, verdade seja dita, e no que se refere ainda à manifestação de sábado à tarde, não foi só a RTP a portar-se como se portou. Cada um à sua maneira, também o «Expresso» e o «Portugal Hoje» por exemplo, fizeram o que puderam ou que puderam para criar um clima de intriga e desmobilização, tendo mesmo o diário socialista, na passada segunda-feira, confrontado com o dado de facto que foi o êxito da jornada, retomado a integridade em termos não só obviamente falsos e facilmente desmentíveis por quem participou na manifestação e no comício, mas também inaceitáveis para um jornal que se pretende de esquerda.

Quando ao «Expresso», foi notório o esforço desesperado

de Marcelo Rebelo de Sousa para, em cima da hora, conseguir ainda roubar significado político ao que essa tarde se iria passar na baixa lisboeta. So o pretexto da costumada «análise política» - destinada, como se sabe, mais a criar «factos políticos» ao gosto do autor e a amigos, do que a propugnar a «realidade» - MRS empenha-se à grande, de forma veridiosa e pretensamente síbilina, em acirrar preconceitos anticomunistas, atribuindo ao PCP maquiavélicas intenções.

Pretenderá de novo MRS promover nas páginas do seu jornal uma campanha para o «isolamento» do PCP num «ghetto», tal como há um ano?

Alimentará MRS alguma ilusão de que uma tal campanha, à concretizar-se, poderá alcançar um resultado diferente do de então - ou seja, um estrondoso fracasso?

# Cosmonauta soviético no nosso País

De 5 a 12 de Maio estará em Portugal o cosmonauta soviético Victor Gorbátko, herói da URSS.

A visita do coronel Gorbátko insere-se nas comemorações do 20.º aniversário da viagem do astronauta soviético Yuri Gagarine.

Victor Gorbátko viajou ao cosmos (1969, 1977 e 1980), tendo como companheiro na última viagem o cosmonauta-investigador vietnamita Pham Tuan.

Durante a sua estadia no nosso país, feita a convite da Associação Portugal-URSS, o cosmonauta soviético participará em iniciativas diversas, nomeadamente no Porto, onde terá contactos com meios universitários; em Lisboa, onde visitará e fará intervenções no Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, no Instituto Superior Técnico e numa sessão pública no Teatro Aberto, na Praça de Espanha; além de uma iniciativa no Barreiro (na Quimigal).

**Quem é o cosmonauta que agora nos visita**

Victor Gorbátko nasceu em 3 de Dezembro de 1934 na pequena povoação de Ventsy-Zaria, em Krasnodar (sul da parte europeia da Rússia). É piloto-cosmonauta da URSS, coronel e foi duas vezes galardoado com o título de Herói da União Soviética.

Terminou a escola secundária em 1952,

frequentando depois duas escolas de aviação militar. A partir de 1956 serviu na Força Aérea e em 1968 concluiu a Escola Superior de Engenharia Aeronáutica Jukovski, em Moscovo.

Gorbátko faz parte do destacamento de cosmonautas desde 1960. De 12 a 17 de Outubro de 1969 efectuou um voo na nave espacial «Soyuz-7», como engenheiro investigador, com Anatoli Filipchenko e Vladislav Volkov. Nesta missão foram feitas várias experiências e pesquisas científico-técnicas no espaço circum-terrestre.

Nos cinco dias, a «Soyuz-7» voou um dia em conjunto com a «Soyuz-6» e três com as «Soyuz-6» e «Soyuz-8». A nave de Gorbátko fez, neste período, 80 evoluções em torno da Terra.

Em 1976, Victor Gorbátko foi designado como suplente

de Viatcheslav Zudov, comandante da «Soyuz-23».

Efectuou o segundo voo espacial de 7 a 25 de Fevereiro de 1977, como comandante da «Soyuz-24». O programa desta missão, que teve Yuri Glazkov como engenheiro de bordo, consistiu na atracagem à estação orbital «Saliut-6» e realização de investigações científicas com a tripulação daquele laboratório.

O terceiro voo de Gorbátko ocorreu de 21 a 31 de Julho de 1980. Comandou a «Soyuz-37», tendo como companheiro o cosmonauta-investigador vietnamita Pham Tuan. A «Soyuz-37» atracou no complexo orbital «Saliut-6» e «Soyuz-36» onde foram efectuadas experiências conjuntas soviético-vietnamitas. Terminada a missão, Gorbátko e Pham Tuan regressaram à Terra na «Soyuz-36».

**Poder local**

# Conferência Nacional Que importância? Que significado?

Prosseguem um pouco por toda a parte os trabalhos preparatórios da Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local, a realizar, conforme temos anunciado, em 21 de Junho próximo.

Na semana passada divulgámos a nova composição das Secções de trabalho da Conferência, as quais, recordamos, tiveram de ser desdobradas de seis para onze, desdobramento este imposto pela rica e diversificada participação desde já verificada neste arranque dos trabalhos preparatórios.

Entretanto, iniciamos

a publicação de uma série de depoimentos de camaradas e amigos empenhados no trabalho autárquico acerca da importância da Conferência e do seu contributo para o trabalho futuro. Responde hoje o dr. Jorge Alarcão, professor da Faculdade de Letras de Coimbra e vereador da Câmara Municipal, daquela cidade.

● **Jorge Alarcão**  
vereador  
da CM de Coimbra  
Ao Poder autárquico compete resolver os

problemas locais; mas, ainda antes de resolvê-los, necessário se torna defini-los e equacioná-los. Os problemas nem sempre são evidentes; as soluções podem ser difíceis de encontrar, variáveis de acordo com as perspectivas políticas, mais ou menos custosas de levar à prática, por falta de meios ou por lesivas de interesses adquiridos.

A Conferência do Poder Local pode ajudar a definir melhor os problemas das autarquias, equacionando-os de maneira mais

correcta, integrando-os em planos globais de desenvolvimento harmonioso, definindo soluções, propondo formas de serviços camaradas, apontando meios. Reunindo ataraxas de vários concelhos e homens experimentados na gestão local, a Conferência permitirá a divulgação de projectos e realizações já efectuados, possibilitará confronto de ideias, contribuirá para lançar as bases de uma colaboração intermunicipal.

# BREVES

## Ameal (Coimbra): APU vence eleições

Segundo os resultados das eleições intercalares realizadas no passado domingo no Ameal (Coimbra), a respectiva Assembleia de Freguesia, anteriormente dominada pela AD, passou a ter maioria APU, a qual obteve 186 votos (34,19 por cento) contra 166 (30,51 por cento) do PS e 139 (25,55) do MRPP.

Na nova Assembleia, a APU passa a dispor de cinco mandatos e os outros dois partidos concorrentes quatro cada um. Estavam inscritos 1230 eleitores, tendo votado 544 (44,22 por cento). A AD não concorreu devido ao facto de o tribunal ter considerado o procedimento a impugnação apresentada pela APU, baseada em ilegalidades cometidas.

## Marateca: uma Junta com obra feita

As obras que conseguiram realizar no ano de 1981, não obstante as dificuldades levantadas pelo Poder Central são objecto da edição do primeiro Boletim Informativo da Junta da Marateca, uma das Freguesias de Palmela, abrangendo capítulos tão diversificados como Rede Viária, Obras, Iluminação, Ensino, Desporto, Cultura e Recreio e Águas e Saneamento.

Em conclusão, o Executivo afirma-se certo de que o ano de 1981 ainda será mais rico em melhoramentos; na base do esforço colectivo das populações e da correcta articulação entre a Junta e a Câmara Municipal de Palmela.

## Lamego: os resultados da gestão AD

Qual a situação na Câmara de Lamego? Como se caracteriza a gestão camarária da AD? Em comunicado recente, a Comissão Concilial do PCP denuncia:

«É o despedimento de trabalhadores da construção civil, que por serem efectivos se recusaram a assinar contratos a prazo... São as dificuldades postas aos vendedores na feira e os seus consequentes e naturais protestos, que conduzem a que alguns deles venham a ser detidos pela PSP a mando da Câmara...»

«O relatório das actividades e as contas de 1979 que ainda não foram apresentadas à Assembleia Municipal nem têm o parecer do Conselho Municipal - o que é manifestamente ilegal...»

«E o boicote às propostas da APU, sejam elas sobre o trânsito na cidade ou sobre a venda ambulante e as condições degradadas de habitação e segurança na zona do Castelo (há tempos morreu uma criança que caiu da cisterna)...»

«A construção do Hotel num lugar que tira terreno à Feira e à Festa dos Remédios, prejudicando a população e os feirantes...»

Conforme noticiámos na nossa última edição, abriu no passado dia 24 de Abril a IV Feira do Livro de Almada, iniciativa do Centro Cultural de Almada que tem como um dos principais objectivos - incrementar o gosto pela leitura através da divulgação do livro, em especial de autores portugueses, contribuindo desta forma para a valorização cultural do meio». Entretanto, integrada nas actividades do Centro Cultural de Almada será levada a efeito simultaneamente em três jardins (Almada e C. da Piedade) nos próximos dias 28, 29 e 30 de Maio e 1 de Junho (Dia Mundial da Criança) uma iniciativa experimental de carácter pedagógico-artístico com a designação genérica «Pintar Primavera». Prevista ainda a estreia no próximo dia 8 de Maio na Oficina da Cultura da CM de Almada da peça premiada pela SEC - «Eu, tu, ele, nós, vós, eles» pelo grupo «Teatro União», com direcção artística de Luis Marques, texto e encenação de Sérgio Godinho. Os cenários e adereços são respectivamente de Paulo Cruz e Jerónimo Sousa. A música criada pelo pedagogo Constante Pereira será também divulgada em disco, já gravado no final do mês passado. Na foto, o camarada José Vieira, do CC do PCP e presidente da Câmara de Almada, visitando a Feira do Livro, após o acto da inauguração.



## É a concessão e a ajuda às freguesias do seu partido, prejudicando outras que «não são da cor»...

Mais um exemplo, como se vê, do que é a direita no poder. Com boas razões dizem os camaradas de Lamego:

A Câmara deve estar ao serviço da população. E aqueles que estão à frente da Câmara têm que se nortejar por este princípio...

Mal estaremos quando os lugares de vereadores forem utilizados por aqueles que os ocupam para se promoverem a si próprios económica e socialmente...

No mesmo documento que vimos citando, a Comissão Concilial recorda que o Governo AD, ao não dar cumprimento integral à Lei das Finanças Locais, roubou ao concelho 115712 contos, interrogando:

«Com democratas ao serviço do povo nos lugares da Câmara, que obras e melhoramentos não se poderiam fazer em todo o concelho com aqueles 115712 contos?»

A terminar, dizem os camaradas de Lamego:

«Como mostraram as eleições presidenciais de 7 de Dezembro, os democratas unidos são capazes de derrotar a «AD» e os seus candidatos.»

A Comissão Concilial de Lamego do Partido Comunista Português apela à unidade e trabalho dos democratas, socialistas, comunistas e homens sem partido para, nas eleições de 1982, ser posta na Câmara gente que sendo do povo defenda os seus interesses.

## Sebolido: dois novos parques infantis

A Junta de Freguesia (APU) de Sebolido procedeu no dia 25 de Abril à inauguração de dois parques infantis, um oferecido pelos trabalhadores da LISNAVE e o outro oferecido à freguesia pela Comissão de Fréguesia da APU.

Esta foi uma das formas da Junta de Freguesia de Sebolido, «produto do 25 de Abril», como ela própria refere em comunicado, se associar às comemorações do 25 de Abril.

## Luzim (Penafiel): gestão à moda da AD

A Comissão de Freguesia da Aliança Povo Unido de Luzim (Penafiel) acaba de denunciar em comunicado distribuído à população a falta de cumprimento das promessas eleitorais por parte da Junta de Freguesia eleita em 1979 (AD).

No seu comunicado, a APU

condena igualmente o aproveitamento em benefício próprio de seus familiares, da gestão feita pelos eleitos da AD. De facto, conforme se denuncia no comunicado, em vez do caminho prometido a Junta abriu um outro que dá acesso à casa de familiares do presidente, ao mesmo tempo que junto à presidência deste último são colocadas quatro lâmpadas, enquanto a freguesia é mantida mal iluminada.

## Porto: Assembleia Municipal suspende tarifas da água

Em sessão extraordinária realizada no passado dia 24, a Assembleia Municipal do Porto decidiu por maioria suspender as novas tarifas de água, que o Conselho de Administração dos SMAS e a Câmara Municipal haviam, ilegalmente, decidido não submeter à Assembleia Municipal.

Realce-se que é de tal modo propositante e antidemocrático o procedimento da Câmara que até elementos da AD se sentiram na necessidade de o contrariarem com o seu voto.

Os aumentos que a Câmara procurava impor ilegalmente significavam um agravamento médio de 150% nas tarifas e eram, portanto, um rude encargo para os consumidores.

## Beira Litoral e Coimbra: encontros de mulheres

Promovido pelo Conselho Unitário de Mulheres da Beira Litoral, que congrega os distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu, realizou-se no próximo dia 24 de Maio, em Aveiro, o 2.º Encontro Unitário de Mulheres da Beira Litoral, que surge na sequência das conclusões aprovadas no 1.º Encontro realizado em Junho do ano passado. Neste 2.º Encontro as mulheres dos referidos distritos irão discutir os problemas

## Almada: jovem estudante vence concurso

Por iniciativa do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Almada foi promovido em todas as Escolas do Concelho um concurso para feitura do «Cartaz de 25 de Abril», que foi o único editado oficialmente este ano pela Autarquia. Foi vencedora a jovem Maria do Rosário Aldinhas, aluna do 9.º ano da Escola Secundária de Almada, a quem foi entregue uma colecção de livros de grande valor cultural pelo Presidente do Município como prémio e estímulo pelo seu belo trabalho.

## Odivelas: 3.º Grande Prémio de Atletismo

Realiza-se no próximo dia 3 de Maio, em Odivelas, o 3.º Grande Prémio de Atletismo aberto a todos os escalões etários, com a disputa de taças e prémios aos vencedores de cada categoria. Este Grande Prémio integra-se nas comemorações do «Ginásio Clube Recreativo Estrelas do Bairro Olaião» e irá movimentar cerca de 2000 atletas, a exemplo, aliás, dos êxitos obtidos nas anteriores edições. Além do Grande Prémio destinado a atletas federados e não federados, juniores, seniores e veteranos (masculinos e femininos), realizar-se-ão provas menores, por escalões etários, abertas a todos os atletas de ambos os sexos.

**Dê uma boa prenda a um amigo**

**Edição ilustrada por Rogério Ribeiro**  
18 gravuras a cores

Pedidos a  
CDL  
Central Distribuidora Livreira  
Serviço de Venda Dirigida  
Av. Santos Dumont, 57-2.º  
1000 Lisboa

# SEMANA Internacional

22 Quarta-feira

Cento e quarenta norte-americanos chegam ao Líbano para treinar as milícias fascistas, já largamente apoiadas pelos sionistas de Israel. O presidente dos EUA, Ronald Reagan, decide vender aviões-radar "Awacs" à Arábia Saudita, apesar da violenta oposição no Congresso; o secretário da Casa Branca para a imprensa afirmou entretanto que a venda é necessária por causa da "grande deterioração" das "condições de segurança" do Médio Oriente. O Conselho de Segurança das Nações Unidas rejeita a participação do partido racista "Turnhalle" da Namíbia nos debates sobre aquele território africano; a chamada "Aliança Democrática Turnhalle" é uma formação criada e apoiada pelo regime racista sul-africano para, através dela, perpetuar a administração e ocupação ilegais da Namíbia. Grupos de jovens negros envolvem-se de novo em confrontos com a polícia nos bairros do East End londrino, com a Scotland Yard participando activamente na repressão das manifestações de emigrantes e seus descendentes; entretanto em Derry, na Irlanda, intensificam-se as manifestações na sequência das afirmações intransigentes proferidas por Margaret Thatcher a propósito de Bobby Sands e os outros prisioneiros do IRA em greve da fome, tendo os manifestantes combatido a tropa de ocupação britânica e a polícia com pedras, garrafas de ácido sulfúrico e bombas incendiárias.

23 Quinta-feira

Reconhecendo o seu fracasso, a administração Reagan anuncia o levantamento do embargo de cereais à URSS a partir de amanhã; o embargo fora imposto pela administração Carter em Fevereiro do ano passado, causando dificuldades aos agricultores norte-americanos pela queda do preço dos cereais provocada pelos aumentos dos excedentes, enquanto a URSS conseguiu sempre obter os cereais de que necessitava porque o embargo não foi seguido por nenhum dos outros grandes fornecedores internacionais. A marinha sionista de Israel bombardeia os portos libaneses de Tiro e Saída, ferindo quatro pessoas e causando avultados prejuízos, incluindo o afundamento de um navio. A população da localidade salvadoreña de El Rosario escapa de um intenso bombardeamento da aviação ao serviço da Junta fascista, refugiando-se em abrigos subterrâneos escavados pelos guerrilheiros.

24 Sexta-feira

Mikhail Suslov, membro do Politburo do Partido Comunista da URSS, regressa a Moscovo após conversações com os dirigentes polacos, durante as quais os partidos dos dois países expressaram total coincidência de pontos de vista sobre a situação na Polónia. O Congresso Nacional Africano (ANC) reivindica a responsabilidade pela destruição na passada segunda-feira de uma central de electricidade, perto da cidade sul-africana de Durban. Os ministros dos NE britânico e oeste-alemão declaram em Bonn, na RFA, que as conversações leste-oeste sobre a redução de mísseis nucleares na Europa devem começar o mais rapidamente possível. O Comité Nacional de Defesa da Democracia, que aglutina a oposição democrática à Junta fascista boliviana, afirma em Paris que a vida do secretário-geral do Partido Comunista da Bolívia, Jorge Kalle, se encontra em perigo devido às torturas a que tem sido submetido continuamente desde a sua detenção pelos fascistas bolivianos em 11 de Abril passado. O ministro do Interior da Grã-Bretanha, William Whitelaw, decreta a proibição de todos os desfiles e manifestações em Londres por um período de 28 dias.

25 Sábado

Iram Saraiva, deputado do MDB, acusa no parlamento o chefe da Casa Civil da Presidência da República do Brasil, general Golbery de Couto e Silva, de ser agente da CIA. A Junta fascista de El Salvador recusa a proposta de negociações apresentada pelos guerrilheiros para terminar com os combates e o sofrimento do povo salvadoreño, afirmando só a aceitar "sem condições prévias".

26 Domingo

Realiza-se a primeira volta das eleições presidenciais francesas a que concorreram 10 candidatos; os mais votados foram Giscard d'Estaing (28,21 %), François Mitterrand (25,90 %), Jacques Chirac (17,95 %) e Georges Marchais (15,43 %); a segunda volta, a realizar dentro de duas semanas, decidirá-se entre Giscard d'Estaing e François Mitterrand. Seis aviões da Força Aérea de Israel bombardeiam 14 localidades do sul do Líbano matando 25 pessoas e ferindo muitas outras gravemente. A família de Bobby Sands, que hoje entra no 58.º dia de uma greve de fome, avverte que ele se encontra em risco de morte iminente. Os 10 500 trabalhadores da mina de cobre El Teniente, no Chile, continuam paralisados reivindicando aumentos salariais de 10 % e a manutenção de direitos laborais; a última oferta patronal foi de 2 %.

27 Segunda-feira

Chega a Moscovo para uma visita oficial de três dias o dirigente líbio Muammar Gaddafi, a convite do CC do PCUS, durante a visita serão abordados aspectos da cooperação política e militar entre os dois países. O chanceler da RFA, Helmut Schmidt, parte para uma visita oficial à Arábia Saudita, após uma semana de acalorado debate em Bonn sobre se a RFA deve ou não vender armas à Arábia Saudita, um dos seus maiores fornecedores de petróleo; a visita surge menos de uma semana depois de a administração Reagan ter anunciado que deseja também vender aos sauditas cinco aviões-radar "Awacs". Num manifestação em Belfast de apoio a Sands que congregou de 25 a 30 000 pessoas, a activista católica irlandesa Bernadette Devlin afirma que não existem dúvidas de que a intenção do Governo britânico é deixar morrer Sands. O dirigente do Partido Social Democrata irlandês Max Van Den Berg afirma, segundo a revista "Konkret", de Hamburgo, que o seu partido não participará em qualquer apoio ao estacionamento de mísseis nucleares na Europa Ocidental. Milhares de manifestantes desfilam pelas ruas de Vancouver, no Canadá, protestando contra a corrida aos armamentos e a bomba de neutrões.

28 Terça-feira

Falando num jantar oferecido ao presidente líbio Gaddafi, o presidente soviético Leonidas Brejnev denuncia o chamado "código de conduta" preconizado pelos EUA para as relações dos dois países com os Estados do chamado "Terceiro Mundo" como visando perpetuar a dominação imperialista, sublinhando que a URSS jamais concordará com um "código de conduta" que assente na política do "diktat" e o estabelecimento de esferas de influência. O Partido Comunista Francês (PCF) dá indicação de voto a favor do candidato socialista François Mitterrand para a segunda volta das eleições presidenciais francesas, decisão tomada pelo CC do PCF que considerou como objectivo principal das forças de esquerda a derrota do actual presidente, Giscard d'Estaing.

### EFEMÉRIDE DA SEMANA

A 22 de Abril de 1616 morre Miguel Cervantes Saavedra, o grande escritor espanhol autor do célebre «D. Quixote de la Mancha» uma das criações literárias mais famosas de toda a História da Arte, que ainda hoje guarda todo o seu fascínio e influência artística.

## Internacional Semana de acção para a segurança na Europa

De 4 a 10 de Maio, por ocasião do aniversário da vitória sobre o fascismo, deverá realizar-se uma semana de acção para a segurança na Europa. Esta uma decisão da presidência do Conselho Mundial da Paz que reuniu no Palácio dos Congressos de Havana delegados dos comités nacionais de 85 países, de várias organizações internacionais e movimentos de libertação nacional.

Nesta reunião foi simultaneamente destacado o perigo que constitui a corrida aos armamentos, activamente promovida pelo governo dos Estados Unidos, e o aumento sem precedentes do movimento pela paz em todo mundo, que engloba muitos milhões de pessoas.

Confirmando estas conclusões do Conselho Mundial da Paz, regista-se por toda a Europa o alargamento e viva actividade dos movimentos contra as armas nucleares, actualmente também organizado em Portugal. Também a Internacional Socialista — de que entretanto alguns destacados membros prosseguem uma política belicista — lançou um apelo contra a corrida armamentista, destacando que quase metade dos cientistas do sector tecnológico de todo o mundo trabalham em projectos militares.

A semana passada, em Groninga, na Holanda, realizou-se uma conferência sobre

guerra nuclear na Europa. Peritos em assuntos militares, oficiais na reserva e cientistas lançaram apelos para o aumento da campanha contra as armas atómicas.

A hipótese de guerra nuclear coloca em causa não só a sobrevivência da civilização, mas da própria humanidade e do nosso planeta. Por isso mesmo pode e deve ser considerada uma questão universal.

Entretanto a posição dos países capitalistas, mesmo quando não promovem abertamente a corrida ao armamento nuclear, é claramente dúbia, e como tal oposta aos interesses dos povos. Em conversações recentemente realizadas entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e da RFA, afirma-se que as conversações com os países socialistas sobre a redução dos mísseis nucleares na Europa de valem começar o mais brevemente possível. Para de

seguida, e no mesmo comunicado comum, se consideram que tais propostas de negociações não poderão impedir a concretização do que foi decidido pela NATO em Dezembro de 1979: instalar na Europa mísseis norte-americanos "Pershing II" e "Cruise". O que muito objectivamente significa nova e importante escalada na corrida ao armamento nuclear.

Em contraste ressaltava a atitude clara e consequente da URSS e dos países socialistas.

Uma vez mais, nas comemorações do 111.º aniversário do nascimento de Lênine, foi reafirmada a vontade de paz e diálogo dos soviéticos. O camarada Constantín Tchernenko, membro do Secretariado do CC do PCUS, que pronunciou o discurso comemorativo, reafirmou uma vez mais: "A linha do PCUS para os assuntos internacionais não está sujeita a flutuações conjunturais, nem a interesses egoístas, não visa nenhum povo nem nenhum Estado. É dirigida contra a guerra e as forças do militarismo e do neo-colonialismo, visa garantir a paz e melhorar o clima das relações internacionais".

## Ulster, racismo e interdições profissionais — a crise na Grã-Bretanha

O agravamento da crise que se vive na Grã-Bretanha manifesta-se em todos os sectores. Cresce o desemprego (mais de três milhões, segundo os números fornecidos pelos sindicatos). Mantém-se a recessão económica. Há greves na função pública e entre os bancários. Acentua-se a luta contra as armas nucleares. A actual política do Partido Trabalhista aponta para uma alternativa válida e realista. Em síntese, e sublinhado por múltiplas contradições, é impossível não reconhecer que o governo conservador está em crise. Mercê da crise actual do sistema, mercê da sua política, e face ao ascenso da luta popular.

Dois factos, entretanto, sobressaem deste contexto de crise, e podem redundar em causas próximas do deflagrar de uma situação ainda mais tensa: a situação no Ulster, onde o deputado eleito Bobby Sands está às portas da morte; a revolta dos negros contra a política racista do governo Thatcher.

### E se Sands morrer?

No dia 26 Belfast assistiu à maior manifestação desde há dez anos na parte ocidental da cidade. Milhares de manifestantes demonstraram a sua solidariedade aos presos do IRA, gritando palavras de ordem como: «Não o deixem morrer...» «Salvem os grevistas da fome...» «Vitória para os grevistas da fome».

Em toda a Irlanda do Norte há manifestações de apoio a Sands. Cresce a tensão à medida que os dias passam. Thatcher recusou receber os deputados do Eire (República da Irlanda) que visitaram Bobby Sands na cadeia, e realizou a disposição do seu governo em não alterar o regime dos prisioneiros do IRA, em greve da fome pelo seu reconhecimento como presos políticos.

O problema do Ulster arastava há muito. A insurreição que levou à independência da actual República da Irlanda deixou entretanto nas mãos da Grã-Bretanha os seis condados do Ulster, a zona mais industrial e de maior imigração de gente vinda do continente, do que resultou uma maioria protestante (a maioria dos irlandeses é católica). Contra o processo de independência a Grã-Bretanha tem utilizado em larga escala a repressão e a ocupação militar.

A denúncia da violação sistemática dos direitos humanos pela potência colonial foi mesmo internacionalmente denunciada num processo instaurado pelo Eire.

O agravamento da situação com a política seguida por Thatcher e agora com o caso concreto de Sands, poderá levar a uma situação explosiva. Thatcher parece desejar a morte do jovem deputado irlandês. E no entanto a sua eventual morte poderia contribuir para o fim de um governo crescentemente contestado na Grã-Bretanha. Porque o apoio de massas a Sands, a luta pela sua vida, é também a luta de massas pela libertação do Ulster.

### Racismo como lei e realidade quotidiana

O ministro do Interior da Grã-Bretanha, William Whitelaw, decretou no dia 24 a proibição de todos os desfiles e manifestações em Londres durante 28 dias. Há quase duas semanas, uma noite de violência explodiu no bairro londrino de Brixton, maioritariamente habitado por imigrantes, e onde se regista uma taxa de desemprego da ordem dos 60%. Depois desses incidentes considerados os mais graves incidentes raciais na história moderna da Grã-Bretanha, já se verificaram novos confrontos entre jovens manifestantes, na sua maioria negros, e a polícia, em vários bairros de Londres. Porque? Que se passa de facto na Grã-Bretanha?

O racismo é norma de vida no país. Faz parte do quotidiano. Insere-se na própria legislação existente. Assim, por exemplo, os



Racistas desfilam protegidos pela polícia. O jovem deputado irlandês, Sands, está a morrer numa prisão. Dois factos que se inserem numa mesma política

serviços de emigração podem deter, quando quiserem, e enviar para a prisão, sem julgamento e por tempo ilimitado, qualquer pessoa «de cor» que entra na Grã-Bretanha. O plano governamental para uma nova lei da imigração inclui disposições como: proibição aos pais idosos e aos filhos maiores de 18 anos de se reunirem às famílias; os novos imigrantes não têm o direito a usufruir de seguro social.

A discriminação regista-se em todos os domínios. Um facto entre muitos outros: segundo uma recente sondagem os especialistas «de cor» têm três vezes mais dificuldades em obter emprego.

Somando-se a tudo isto há as perseguições, a violência, por vezes mesmo o assassinato, promovidos por organizações fascistas como a Frente Nacional, que entretanto goza abertamente da protecção da polícia e tem mesmo as suas ramificações dentro dos serviços de imigração.

### Repressão contra quem?

Porque a sua política é profundamente antipopular, o governo conservador recorre cada vez mais a medidas repressivas. Isso é verdade em

relação ao problema do Ulster. É verdade em relação à imigração. E não é o menos verdade em relação ao povo inglês, as forças de esquerda.

O «Morning Star», órgão do Partido Comunista da Grã-Bretanha, divulgou recentemente extractos de um documento oficial, «Instruções para a Segurança», em que se estabelecem normas para a admissão de funcionários públicos e seguros as quais se determina «desenvolver todos os esforços no sentido de impedir que se dê emprego nos serviços governamentais a pessoas cuja lealdade e fidelidade, num ou noutro sentido, suscitem dúvidas».

Nas referidas normas de serviço do Partido Comunista da Grã-Bretanha é classificado como a mais importante das «organizações subversivas» de todo o país.

Assim temos também na Grã-Bretanha as interdições profissionais que são lei na RFA — condenadas em toda a Europa. Um mesmo esquema repressivo que era realidade legal no tempo do fascismo em Portugal.

A repressão é a única resposta que o capital em crise conhece. A única resposta que lhe é acessível. Mas falível.



## Contra o terrorismo imperialista solidariedade com a América Latina!

Neste 1.º de Maio estarão entre nós, a convite da CGTP-IN, alguns destacados dirigentes dos trabalhadores de países da América Latina, hoje submetidos a regimes fascistas: Simon Reyes, dirigente mineiro e da Central Operária Boliviana, Humberto Elgueta, da Central Única de Trabalhadores do Chile, Carlos Bouzas, da Confederação Nacional de Trabalhadores do Uruguai. Pretende-se desta forma exprimir a activa solidariedade dos trabalhadores portugueses, num momento em que é particularmente difícil a situação na América Latina e dura a luta que aí se trava. Num momento em que, como foi recentemente denunciado na Nicarágua, o governo norte-americano pretende liquidar, por via militar, o movimento de libertação nacional na América Latina.

O quadro da realidade actual em toda a América Latina é um claro testemunho desta absurda mas perigosa pretensão do imperialismo. E também da batalha dos povos contra tal pretensão. Alguns poucos exemplos recentes confirmam-no.

O regime progressista da Nicarágua tem sido alvo de sistemáticas manobras no sentido da sua liquidação, nomeadamente através dos chamados «meios pacíficos» (um golpe, por dentro, utilizando elementos e sectores ligados à burguesia, que participaram na luta sangrenta contra a ditadura de Somoza). Em Março, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua acusava os Estados Unidos de terem no seu território campos especiais destinados ao treino de contra-revolucionários para futuras intervenções armadas na Nicarágua. O secretário de Estado norte-americano Haig não se dignou dar resposta a tão grave acusação.

Na Guatemala, uma ditadura que, como todas as outras, é apoiada pelos Estados Unidos e mesmo utilizada contra o povo de El Salvador (a velha tática de ingerência indirecta), recorre-se não só à repressão selectiva que atinge preferencialmente os que mais se destacam na luta anti-fascista, mas mesmo os massacres contra a população. Por exemplo, no mês de Março, a aldeia de Lomos, a 70 quilómetros da capital guatemalteca, foi praticamente arrasada por cerca de duzentos soldados, que assassinaram a quase totalidade da população. Operação «punitiva» contra o apoio às forças guerrilheiras.

Entretanto no Chile os trabalhadores lutam. Dez mil mineiros do principal complexo chileno de extracção de cobre «El Teniente» iniciaram uma greve que deverá prolongar-se

até ao fim de Junho de 1978, o poder esteve nas mãos do ditador Hugo Banzer. Em Julho de 1978 realizaram-se eleições presidenciais que dão a vitória ao candidato das forças democráticas, Siles Suazo, que não chegou a assumir o seu cargo face ao golpe conduzido por Pereda Asbun, ex-ministro do Interior.

A história da Bolívia nesta última década tem sido a história de uma grande batalha entre as forças populares e os sectores reacçãoários, apoiados por Washington, uma história poluída de uma sucessão de golpes militares.

De Agosto de 1971 a Julho de 1978, o poder esteve nas mãos do ditador Hugo Banzer. Em Julho de 1978 realizaram-se eleições presidenciais que dão a vitória ao candidato das forças democráticas, Siles Suazo, que não chegou a assumir o seu cargo face ao golpe conduzido por Pereda Asbun, ex-ministro do Interior.

### Nicarágua, Guatemala, Chile, El Salvador e Bolívia: países onde, ainda que em condições diversas, se trava uma aguda luta pela independência nacional e contra a ingerência imperialista.

Entretanto, em 24 de Novembro, novo golpe de um grupo de militares reacçãoários, conduzidos pelo coronel Albert Natush, organiza novo golpe de Estado, falhado graças à determinação popular em defesa da democracia. O Congresso Nacional nomeia para a presidência a presidente do Congresso, Lidia Gueller Tejada. O seu governo decide a convocação de eleições gerais, que se realizaram em 29 de Junho de 1980. Face à vitória sistemática à repressão. Só durante as primeiras semanas que se seguiram ao golpe, mais de 1500 pessoas foram mortas, cerca de 2500 presas e mais de mil desapareceram.

Actualmente saltam as divergências entre as forças militares de direita. Divergências entre o ditador Garcia Meza, o falhado pretendente a ditador Natush, o ex-ditador Hugo Banzer. Mas no fundamental estão todos de acordo e têm denominadores comuns: contra o povo da Bolívia, como expressão «nacional» da política do imperialismo norte-americano na América Latina.

### O claro exemplo de Salvador

Se dissermos que diariamente se contam dezenas de cadáveres em El Salvador, vítimas da acção terrorista da Junta, não estaremos a cometer um exagero, nem sequer a anunciar uma novidade. Gente que morre assassinada nas ruas, ou sob tortura nas prisões, ou ainda vítima de ataques em massa. Os exemplos sucedem-se. Nestes últimos dias a população de El Rosario — localidade situada nas proximidades da fronteira com as Honduras na província de Morazan, controlada na sua quase totalidade pelas forças guerrilheiras — foi submetida a intenso bombardeamento da aviação. Escapou graças aos abrigos subterrâneos cavados pelos guerrilheiros. No curto espaço de 24 horas, nos últimos dias de Abril, as tropas da Junta fuzilaram 40 pessoas, entre as quais cinco crianças com menos de 10 anos, e incendiaram as suas casas. Trata-se de medidas

## Nas presidenciais francesas a incógnita permanece



Os resultados da primeira volta das eleições presidenciais em França levantam, antes do mais, uma incógnita relativamente à segunda volta, que terá lugar no dia 10. Incógnita que se reflecte quer nos comentários dos órgãos de informação, quer num tão sensível barómetro da vida política como é a bolsa, onde se verificou uma ligeira descaída do franco e uma queda considerável do valor das acções de empresas que estão na lista de nacionalizações do candidato socialista, Mitterrand, em particular os bancos e os grandes monopólios industriais.

Em síntese, e como já foi amplamente divulgado, os resultados da votação de domingo colocam nos primeiros lugares Giscard d'Estaing, com um pouco mais de 28,2 % dos votos e François Mitterrand, com 25,9 %, seguindo-se-lhes o candidato gaullista Jacques Chirac, com 17,95 % e Georges Marchais, secretário-geral do PCF, com 15,43 %.

Imediatamente a seguir a estes resultados vieram as reacções dos vários partidos e em muitos casos já indicações directas ou indirectas de voto. Assim, toda a direita deverá votar no actual presidente da República, Giscard d'Estaing e todos os pequenos partidos de esquerda dão indicação de voto em Mitterrand. O Partido Comunista Francês não precisou até ao momento em que escreve a sua posição, considerando entretanto o seu voto dependente da participação de comunistas num futuro governo. A incógnita parece residir no fundamental na direcção do voto dos ecologistas, que na primeira volta concentraram 3,8 % do voto do eleitorado, e nos votos dos abstencionistas do dia 26 e o irão fazer no dia 10 (a prática demonstra que o abstencionismo é mais restrito à segunda volta, favorecendo os novos votos geralmente a direita).

Para já uma única conclusão se pode tirar: a incógnita que paira sobre os resultados do dia 10, de par com os resultados obtidos pelos socialistas (a sua maior votação de sempre), reflectem a grande

insatisfação popular pela política actualmente seguida. Estes resultados reflectem também a sensibilidade do eleitorado a uma grande, sistemática e bem estudada campanha anti-comunista, à quotidiana discriminação em relação ao PCP, quanto ao acesso aos meios de informação de massas. A seu tempo, entretanto, os comunistas franceses tirarão também para si as conclusões que julgarem convenientes. De momento a luta continua para o PCP, como é destacado no «L'Humanité». A batalha pelo futuro imediato, a definir-se em França nos próximos dias, não está concluída.

Os resultados desta batalha interessam particularmente ao povo francês. Trata-se de escolher, ainda, entre novas perspectivas de vida e a aceitação da continuidade de uma política que, só no ano de 1980, conduziu a uma taxa de inflação de 15,6 %, a uma quebra na produção industrial de 5 %, e milhões de desempregados. Esta situação económica — de que os únicos beneficiários são os monopólios (em 1979 os 20 maiores monopólios tiveram aumentos dos lucros da ordem dos 45 %) — anda de par com o corte das liberdades democráticas e medidas repressivas. Por exemplo, em cada ano, 12 000 militantes sindicais são ilegalmente despedidos ou sancionados.

Os resultados da batalha eleitoral em França têm igualmente importantes reflexos na cena política internacional. Apesar de algumas posições independentes em relação aos Estados Unidos (é difícil atingir o ponto de subversão da política externa na prosseguida pelo governo português), Giscard d'Estaing está profundamente envolvido na corrida aos armamentos, mesmo no que respeita ao armamento nuclear, e a uma perigosa e ampla ingerência militar no continente africano.

# Um 1.º de Maio em unidade e grandeza

## Amanhã na rua:

# A firmeza da luta a voz da esperança

**Grande Jornada de unidade e luta, confiança e fraternidade** foram as palavras utilizadas há cerca de um mês para caracterizar no local próprio (o Plenário Nacional da CGTP-IN) o que será em síntese este ano, o que vai ser já amanhã por todo o País, o 8.º Primeiro de Maio depois de Abril. Data da esperança, como também foi caracterizado, naquele Plenário, o 1.º de Maio de 1981 decorre no meio de (isto é culmina, reúne e antecipa) lutas fortes e numerosas que envolvem centenas de milhares de trabalhadores contra uma situação económica, política e social por que é responsável um Governo que, citando ainda o Plenário Nacional da CGTP-IN, em cada dia que passa, «arruína os interesses nacionais, agrava crescentemente as condições de vida e trabalho do nosso povo e torna mais visíveis os

seus negros objetivos de restringir as liberdades, de desrespeitar as instituições democráticas, de degradar a economia do País, de destruir as nacionalizações, a Reforma Agrária e a Constituição da República Portuguesa». Não é assim difícil de prever o sentido que as massas trabalhadoras darão amanhã às comemorações do 1.º de Maio por todo o País. Não restam dúvidas de que essas jornadas, grandiosas pelo número, pelo alcance e pelo significado, serão de **unidade e luta** por condições de vida e de trabalho que o Governo AD/Balsemão não quer garantir (tão pouco as quer discutir) com base num **caderno reivindicativo** nacional ratificado pelos primeiros interessados, os trabalhadores portugueses. **Confiança e fraternidade** são também palavras

legítimas e adequadas. Os últimos meses de grandes lutas em empresas e sectores são a demonstração cabal de que **os trabalhadores organizados podem confiar nas suas forças**, pois a unidade se alarga. Cada vez é maior e mais profunda a consciência do que é a **unidade na acção**, a acção conjugada por **objectivos comuns**, independentemente das convicções políticas ou religiosas de cada um, das opções que fizeram, dos partidos em que militam. Por isso no Plenário Nacional da CGTP-IN se falou de confiança e de fraternidade. Por isso se falou de **esperança** também. Uma quinzena de preparações, as últimas iniciativas sindicais, recreativas, culturais, desportivas; o entusiasmo das colagens, os números que aqui referimos na semana passada; as **perspectivas de acção que se colocam aos trabalhadores de imediato e a médio prazo**; os últimos

aumentos de preços, toda a escalada do Governo AD/Balsemão contra o nível de vida das classes trabalhadoras — tudo conflui para um 1.º de Maio que não deixará pelo caminho as suas tradições, que as levará, pelo contrário, aos seus anos de maior grandeza e eficácia na mobilização para as lutas que se aproximam, pois como alertou mais uma vez o Plenário Nacional da CGTP-IN que temos vindo a referir **o patronato vem intensificando a sua acção repressiva contra os trabalhadores e as suas organizações**: São as tentativas de intimidação, quer em relação aos ORT's (organismos representativos dos trabalhadores nas empresas), quer em relação aos trabalhadores em geral — com a instauração de processos disciplinares, com a introdução de aumentos selectivos e restritivos

(aumentando todos os trabalhadores excepto os activistas, delegados sindicais ou membros das comissões de trabalhadores), com a ameaça de considerar ilegais os pré-avisos de greve — e ainda amedrontando os trabalhadores com a não justificação das faltas; são os despedimentos, os

contratos a prazo e a recusa do cumprimento da contratação colectiva; é o cerceamento das liberdades sindicais — com a criação de todo o tipo de dificuldades aos legítimos direitos dos ORT's, com a tentativa de impedir a entrada de dirigentes sindicais nas empresas — são ainda o arrastar dos

processos de viabilização, a venda de sectores rentáveis das empresas do sector nacionalizado, o não pagamento de salários e a tentativa de levar as empresas à falência. Este é um reduzido panorama do que por aí se passa. Mas estão aqui de algum modo os pontos essenciais de um programa de luta nacional, de um programa

irrecusável porque resulta da experiência de milhares de lutas diárias, de reivindicações realistas e compatíveis com a viabilidade das empresas. A unidade, à luta, à confiança podemos por isso juntar, por nossa conta, o **realismo**. Ele será também uma nota saliente do 1.º de Maio que amanhã vamos festejar com unidade e grandeza por todo o País.



## Defender Abril é tarefa incompatível com o divisionismo

A unidade nada tem a ver com a actuação sem escrúpulos dos divisionistas, afirma o Plenário Nacional da CGTP-IN na moção aprovada sobre o 1.º de Maio. Sem confundir naturalmente os Sindicatos com direcções divisionistas com os promotores do divisionismo, sem confundir afinal os trabalhadores com alguns dos seus inimigos, o Plenário, cujo significado ficou ainda acrescido com as deslocações dos membros do secretariado nacional da CGTP-IN, que colaboraram na preparação das comemorações do 1.º de Maio, nos próprios locais de trabalho, por todo o País, manifestou a convicção de que os trabalhadores continuarão a não confundir "os que lutam

pela unidade, pelo bem-estar e progresso do nosso povo com os que se aliam e são cúmplices dos que procuram, a troco de uma mais intensa exploração, impor-nos condições de vida indignas e desumanas, retirar-nos regalias e direitos". Defender Abril é tarefa incompatível com o divisionismo, realirna o Plenário Nacional, acrescentando: "É com este espírito que combatemos os divisionistas, desmascaramos a sua política de traição e alargamos a unidade entre todos os trabalhadores". 1.º de Maio de 1981, cujo lema principal é Unidos na Mesma Luta, tem empenhado toda a estrutura do movimento sindical unitário na organização dessa jornada. Desse trabalho não foi excluído ninguém

que na verdade represente os trabalhadores. Todos os Sindicatos realmente representativos, filiados ou não na Central, participaram, se quiseram, na preparação das comemorações nacionais do 1.º de Maio. A CGTP-IN pode afirmar, como fez, aliás, através do seu secretariado, que "o 1.º de Maio de 1981 será uma poderosa jornada de unidade dos trabalhadores no desenvolvimento da sua luta, a qual irá ser prosseguida e intensificada com o objectivo de se obterem soluções para os problemas que mais os afectam, de provar que não se pode governar contra os trabalhadores e de exigir uma nova política que respeite e prossiga os ideais de Abril".

## Uma presença nacional Uma força em todo o País

Precisamente há uma semana, a CGTP-IN, cujo secretariado nacional coordena, como se sabe, as comissões e subcomissões encarregadas de organizar as comemorações do 1.º de Maio em todo o País, divulgava a primeira lista dos distritos e concelhos onde até àquela data estavam confirmados comícios e outras iniciativas integradas naquelas comemorações da iniciativa da Central. Para nos apercebermos do carácter objectivamente nacional e do alcance do programa deste 1.º de Maio basta um relance sobre a lista que publicamos a seguir e que não inclui naturalmente todos os locais (como freguesias e lugares) onde o 1.º de Maio também será comemorado publicamente dentro do mesmo espírito e com os mesmos objectivos que presidirão às comemorações nas sedes concelhias e distritais.

Da lista que segue constam 67 localidades do continente e Regiões Autónomas da Madeira e Açores:

- Aveiro**  
Aveiro — 15 e 30 — Largo do Cojo; Ovar — 15 e 30 — Parque da Estação; Águeda — 15 e 30 — Largo 1.º de Maio; S. João da Madeira — 15 e 30 — Largo do Mercado
- Beja**  
Beja — 15 horas — Estádio Municipal; Odemira — 15 e 30 — Largo do Tribunal
- Braga**  
Braga — 15 horas — Av. Central; Fafe — 15 horas — Campo 25 de Abril; V.N. Famalicão — 15 horas — Campo da Feira; Guimarães — 15 horas — Largo do Toural; Barcelos — 15 e 30 — Av. da Liberdade; Espinho — 21 e 30 — Largo dr. Manuel Pais; Póvoa de Lenhoso — 15 horas; Larga da Estação
- Castelo Branco**  
Castelo Branco — 15 horas — Parque da Cidade; Covilhã — 18 horas — Parque da Floresta; Tortosendo — 10 horas — na Praça; Unhais da Serra — 15 horas — nas Termas; M. Panasqueira — 15 horas — Campo de Futebol; V. Velha de Ródão — 21 horas Centro Popular dos Trabalhadores; Belmonte — 15 horas — Largo Pedro Álvares Cabral
- Coimbra**  
Coimbra — 15 e 30 — Parque da Cidade; Figueira da Foz — 15 e 30 — Largo da Estação; Lousã — 15 e 30 — Largo da Câmara
- Évora**  
ÉVORA — 11 horas — Rossio de S. Brás
- Faro**  
Faro — 16 horas — Praça da República; Portimão — 15 horas — Praça Teixeira Gomes; V.R.S. António — 16 horas — Praça Marquês de Pombal; Silves — 11 horas — Largo do Município; Lagos — 16 horas — Largo da Câmara
- Guarda**  
Guarda — 15 horas — Alameda de Santo André; Gouveia — 16 e 30 — no Teatro Cine; Seia — 21 horas
- Leiria**  
Leiria — 16 horas
- Lisboa**  
Lisboa — 17 horas — Alameda de D. Afonso Henriques
- Portalegre**  
Portalegre — 12 e 30 — Rossio; Nisa — 15 horas
- Porto**  
Porto — 15 e 30 — Praça General Humberto Delgado; Santo Tirso — 15 horas — Parque dos Carvalhais; Lordelo — 15 horas — Mercado Local (Paredes); Freamunde — 15 horas — Largo da Feira; Amarante — 15 horas — Mercado do Povo; Penafiel — 15 horas — Campo da Feira; Felgueiras — 15 horas — Mercado Municipal
- Santarém**  
Santarém — 17 horas — Largo do Seminário; Torres Novas — 17 horas — Largo das Piscinas; Rossio — 17 horas — Largo Avelar Machado; Coruche — 17 horas — Largo da Câmara
- Setúbal**  
Grandola — 19 horas; Valverde — 16 e 30; Ermidas — 16 e 30; Sines 16 horas
- Viana do Castelo**  
Viana do Castelo — 15 e 30 — Praça da República; Valença — 17 e 30; Ponte de Lima — 17 e 30; Arcos de Valdevez — 17 e 30
- Vila Real**  
Vila Real — 15 horas — Av. Carvalho Araújo; Chaves — 15 horas Largo do Arrabalde
- Viseu**  
Viseu — 16 horas — Parque da Cidade; Canas de Senhorim — 17 horas Quatro Esquinas; Lamego — 16 horas — Avenida; São João da Pesqueira — 16 horas — Largo da República
- Madeira**  
Funchal — 14 e 30 — Parque de Santa Catarina
- Açores**  
Horta — 15 horas — Cais de Santa Cruz; Ponta Delgada — 15 horas.

## Em Lisboa e no Porto

### Setúbal vem a Lisboa

Depois de terem surgido tentativas para lançar a confusão sobre locais onde vão realizar-se as manifestações do 1.º de Maio designadamente no Porto e em Setúbal, convém recordar que os locais de concentração na capital nortenha são os mesmos do ano passado (Praça General Humberto Delgado — Avenida dos Aliados — Avenida da Liberdade) e os manifestantes de Setúbal (de todo o distrito de Setúbal) concentram-se no Largo Martim Moniz, em Lisboa, onde se juntam à grandiosa manifestação na capital que, como é sabido, subirá a Almirante Reis para se concentrar novamente na Alameda Afonso Henriques.

A concentração no Martim Moniz está marcada para as 14 e 30. Na Alameda, haverá um comício seguido de canto livre.

Para Setúbal, não está marcada qualquer manifestação do movimento sindical unitário.

«Apelos anónimos» para uma manifestação nessa cidade, no dia 1.º de Maio, são conside-

rados «manobras de diversão» pela União dos Sindicatos e pela CIS (Cintura Industrial) que alertam os trabalhadores e a população contra os que «visam enfraquecer a justa luta dos trabalhadores».

No Porto, foi anunciado um entretanto um extenso programa de comemorações. Nos locais já referidos da baixa portuense haverá hoje:

Quinta-feira, 30 de Abril, à tarde, animação de rua, à noite — 22 horas: espectáculo popular. Na sexta-feira, 1 de Maio de manhã: 8 horas — alvorada de foguetes, animação de rua-zés Pereiras e farras; 9.30 horas — hastear das bandeiras dos Sindicatos, concerto musical pela Banda dos STCP; 9.45 horas — corrida 1.º de Maio (partida da Pr. Gen.º Humb. Delgado); 10.30 horas — jogo de futebol (no Estádio do Inatel); 10.39 horas — festa da criança; à tarde: 14 horas — ranchos folclóricos; 14.30 horas — pré-concentrações dos Sindicatos em vários pontos da cidade; 15.30 horas — comício/desfile/festa popular.